



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA.
MESTRADO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LAYSE ROSA MIRANDA DA COSTA

MUDANÇAS E CONTINUIDADES NO SALGADO PARAENSE: Dinâmica das relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em Marudá/PA.

BELÉM/PA

2024

LAYSE ROSA MIRANDA DA COSTA

MUDANÇAS E CONTINUIDADES NO SALGADO PARAENSE: Dinâmica das relações sociais em torno do universo da pesca artesanal em Marudá/PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração - Antropologia

Orientadora: Professora Dra. Lourdes Gonçalves Furtado. **Coorientadora:** Professora e Dra. Denise Machado Cardoso.

BELÉM/PA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C837m Costa, Layse Rosa Miranda da.
MUDANÇAS E CONTINUIDADES NO SALGADO
PARAENSE: : Dinâmica das relações sociais em torno do universo
da pesca artesanal em Marudá/PA. / Layse Rosa Miranda da Costa.
— 2024.
133 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Lourdes de Fátima Gonçalves
Furtado
Coorientação: Prof^a. Dra. Denise Machado Cardoso
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Antropologia, Belém, 2024.
1. Mudanças. 2. Continuidades. 3. Universo. 4. Pesca
artesanal. 5. Marudá/PA. I. Título.

CDD 301

MUDANÇAS E CONTINUIDADES NO SALGADO PARAENSE: Dinâmica das relações sociais em torno do Universo da pesca artesanal em Marudá/PA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração – Antropologia.

Data de aprovação: 31 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lourdes de Fátima Gonçalves Furtado.
Orientadora-PPGSA/UFPA

Prof. Dra. Denise Machado Cardoso.
Coorientadora-PPGSA/UFPA

Prof. Dra. Maria Cristina Alves Maneschy.
Examinadora interna-PPGSA/UFPA

Prof. Dra. Pamela Melo Costa.
Examinadora Externa- Pós Graduação em Tecnologia Social, Saúde e Meio Ambiente na Amazonia/IFPA

Prof. Dra. Telma Amaral Gonçalves.
Examinadora Suplente- PPGSA/UFPA.

Dedico este trabalho as Filhas e Filhos de Marudá/PA, pessoas com quem aprendo sempre sobre a importância de esperar e agir em busca de equidade, empoderamento, inclusão e acolhimento, mesmo diante dos percalços que existem neste caminhar chamado Vida.

Dedico também à minha mãe e ao meu pai (in memoriam), que sempre me incentivaram e acreditaram na importância da educação em minha vida e em como ela poderia me oferecer caminhos para me engajar e mobilizar coletivamente em busca de dignidade e qualidade de vida de forma coletiva, onde pudesse somar com a corrente acolhimento e empatia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de iniciar estes agradecimentos reconhecendo as energias dos Orixás, de Deus e do Universo — formas pelas quais denomino uma energia suprema. Essas forças me abençoaram, orientaram e inspiraram ao longo desta pesquisa. Tenho plena consciência de que não estive sozinha ou desamparada, mesmo nos momentos em que a solidão ocasionalmente se fazia presente. Realizar pesquisa antropológica é, inevitavelmente, confrontar-se com esses momentos, que considero fundamentais para análises e reflexões. Além disso, o acaso também me protegeu, especialmente nos períodos em que me sentia perdida e angustiada.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha amorosa e maravilhosa mãe, Emília Costa, que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me e emanando boas vibrações, alegria, amor e fé. Essas energias foram fundamentais para que eu pudesse continuar na caminhada desta dissertação. Mulher extraordinária, que sempre fez o possível e o impossível para garantir que eu tivesse uma educação de qualidade. Você foi, e continua sendo, essencial e indispensável na minha vida. Amo você infinitamente.

Agradeço também ao meu pai, Pedro Otávio (*in memoriam*), que, embora não esteja mais neste plano, sei que, de onde estiver, continua olhando por mim e intercedendo em meu favor. Sou profundamente grata pelo incentivo, pela validação, pelo carinho, pelo amor e pela proteção que sempre me ofereceu e ainda oferece. Amor eterno.

Estendo meus agradecimentos à minha tia Lúcia, por todo amor, carinho, cuidado e afeto. Meu amor por você é infinito. Agradeço também aos minhas seis gatas e quatro gatos, animais de estimação que foram e são de grande importância e suporte emocional. Amor infinito

Queridas *filhas* e queridos *filhos* de Marudá, que me acolheram, abrigaram e trataram com respeito e afeto, sou imensamente grata pela troca, colaboração e interação que compartilhamos. Aprendi muito com vocês, especialmente sobre a importância de se mobilizar em busca de qualidade de vida e cidadania, sobre o respeito à biodiversidade, os simbolismos das águas salobras e dos mangues, e sobre a valorização da potência e da relevância dos conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em geração. Minha gratidão a todas e todos, com o desejo de que possamos vivenciar muitos outros aprendizados em futuras colaborações de pesquisa.

Agradeço à minha avó materna de coração, Ana Lucia Machado (*in memoriam*), que abriu os caminhos para minha inserção no universo acadêmico. Ela me inspirou tanto através de seu trabalho como arqueóloga no Museu Emílio Goeldi quanto pelo seu carisma, bondade e

amor. Vovó Ana, onde quer que esteja, gostaria que soubesse o quanto sou grata por todo o carinho, amor e incentivo, e por ter me apresentado sua amiga, a professora Lourdes Furtado. Sem o seu apoio, não estaria onde estou hoje. Minha eterna gratidão.

Também agradeço à minha outra avó materna, Vovó Maariinha (*in memoriam*), um ser de luz, um anjo que tive a alegria de conviver, amar e ser amada, com toda a sua ternura, doçura e afeto. Sei que, onde quer que esteja, vibra e intercede por mim. Saudades imensas. Minha gratidão também se estende à minha tia Deusana, ao tio Salu e à minha prima Belinha. Sou grata pelo apoio, incentivo, carinho e afeto. Meu carinho por vocês é imenso.

Agradeço à minha família espiritual, *Sendas da Esperança*, que tanto amo. Se não fosse por essa casa, com todo o suporte, acolhimento e auxílio espiritual e emocional, não sei o que seria de mim. Nos momentos mais difíceis da minha vida, em meio aos desafios, eles sempre estiveram e continuam de braços abertos para me acolher. Um agradecimento especial a alguns integrantes desse grupo: Valda, senhor Mario, Camila, Mário, Kátia, Rossini, Izabel, Francisca, Cristiane, Nazaré, Vovó Agripina, Dona Rosa, Seu João da Mata, Feliz, Seu Boiadeiro, Cachoeirinha, Seu Marinheiro, entre tantos outros. Amor e gratidão infinita.

Agradeço à minha amiga de infância, Luana Mendes, por sempre me acompanhar e apoiar em todas as pesquisas de campo. Sou profundamente grata por sua paciência, carinho, boa vontade, amor e alegria. Um agradecimento especial também à minha outra amiga de infância, Izabela Nascimento, por sua parceria, trocas, desabafos e acolhimento, que foram fundamentais nesse percurso. Você nutriu minha alma nos momentos em que mais precisei de auxílio e carinho de uma amiga. Amo vocês, minhas queridas amigas e irmãs de alma.

Agradeço à professora Lourdes Furtado por todos esses anos de orientação humanizada, empática e acolhedora. Sou imensamente grata por seu carinho, paciência e colaboração nas pesquisas, bem como pelas coincidências que uniram nossos campos de estudo. Com sua ética, honestidade, humanidade e sensibilidade, aprendi e continuo a aprender muito. Minha gratidão é infinita. Minha profunda gratidão estende-se à professora Denise Cardoso, minha estimada coorientadora, que, por meio de nossos diálogos, me proporcionou valiosos *insights* e ampliou minhas reflexões. Sua sabedoria e experiência na pesquisa têm sido uma fonte contínua de aprendizado, me ensinando sobre a importância da objetividade e da responsabilidade no fazer científico. Agradeço, ainda, pelo afeto, acolhimento e constante apoio. Sou imensamente grata.

Agradeço às professoras do PPGSA, em especial a Claudia Lopes, Edna Alencar, Luísa Dantas, Michele Escoura e Telma Amaral, com quem tive maior interlocução por meio das disciplinas em que me matriculei. Agradeço pelos conselhos e por abrirem caminhos que me

permitiram compreender como realizar uma pesquisa antropológica de forma ética, respeitosa, sensível e responsável. Muito obrigada. Minha gratidão se estende à Coordenação do PPGSA, representada pelas professoras Tânia Ribeiro e Telma Amaral, pela atenção e flexibilidade, especialmente diante do cenário pandêmico que enfrentamos nos anos de 2020, 2021 e 2022. Agradeço também às integrantes da secretaria do PPGSA, Edileuza e Rosângela, por toda a proatividade, atenção, carinho e boa vontade em auxiliar não apenas a mim, mas a todos os discentes do Programa.

Agradeço ao fomento da CAPES, tanto pela concessão da Bolsa de Mestrado quanto pelo auxílio do PROAP, que foram essenciais para a realização da minha pesquisa de campo, para a participação em eventos acadêmicos em outros estados e para a obtenção de recursos necessários à minha manutenção durante o processo do mestrado.

Agradeço ao Projeto RENAS, pois, sem ele, sem a oportunidade e o incentivo para pesquisar sobre as populações tradicionais haliêuticas do estado do Pará, eu não estaria aqui hoje. Um agradecimento especial aos membros que fizeram parte do projeto: a professora Lourdes Furtado, que o coordenava; a professora Isolda Maciel — que, depois da minha avó Ana Lucia, construiu pontes para que eu pudesse conhecer e acessar o projeto —; a professora Ivete Nascimento; a professora Graça Santana; e Lúcia Santana. Agradeço também pelos afetos e amizades vivenciadas tanto com as/os bolsistas PIBIC quanto com os pesquisadores que estavam iniciando suas carreiras, seja no mestrado ou no doutorado, e que faziam parte do projeto, pessoas extremamente queridas, como Ana Paula Sousa, Ana Paula Alencar, Fernanda Campos, Leticia Cardoso, Marcos Vinicius, Thainá Guedelha, Thais Maciel, Raylson Max e Samanta Reis. Minha enorme gratidão a esse projeto especial e a cada um de seus integrantes.

Expresso minha profunda gratidão às pessoas que dedicaram e continuam dedicando seu trabalho ao Museu Paraense Emílio Goeldi, cuja colaboração tem sido essencial para o meu percurso acadêmico. Destaco, em especial, o senhor Afonso, minha estimada amiga Camila Batista, Suzana Primo e minha querida amiga do PPGSA, Ana Manoela Karipuna, cuja generosidade, dedicação e respeito sempre me inspiraram.

Agradeço ao Projeto de Extensão Rede Emancipa, um movimento social de educação popular que constantemente me incentiva a adotar uma perspectiva coletiva. Minha gratidão também vai ao VISAGEM, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia e coordenado pela professora Denise Cardoso, do qual tenho a honra de fazer parte. Sou profundamente grata por integrar este grupo.

Além disso, agradeço ao Grupo de Estudos GEMAR pelos debates enriquecedores sobre nossos trabalhos, pelo acolhimento durante os períodos de solidão inerentes à escrita acadêmica e pelos afetos valiosos que estão sendo construídos. Um agradecimento especial a Adriana Cecim, Carla Moreira, Claudia Lopes, Débora Melo, Jéssica França e Victor Sousa.

Agradeço pelos lindos afetos construídos e vivenciados com as discentes do PPGSA, minhas queridas Andrea Melo, Elisa Rodrigues e Victória Batista. Juntas, compartilhamos alegrias, sofrimentos, acolhimento e empatia. Sou profundamente grata por todas as vivências que tivemos, meninas. Gratidão.

Expresso minha gratidão às minhas queridas amigas desde a adolescência: Ingrid Luiza Anna Laura, Ana Rosa, Emilli Roberta, Caroline Soares e Mayara Oliveira. Vocês foram muito importantes nesse processo da escrita da dissertação e para além. Amo vocês.

Há muito a agradecer. Tudo o que foi mencionado desempenhou um papel fundamental não apenas no meu processo enquanto mestranda, mas também no meu desenvolvimento como ser humano, com sentimentos e sensibilidade, que necessita e continuará necessitando de acolhimento e amor.

“Ah, como é bom pescar, na beira mar em noite de Luar” (Mestre Lucindo).

RESUMO.

A área de pesquisa desta dissertação é Marudá, situada no município de Marapanim/PA, localizada na microrregião do Salgado Paraense e inserida na Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, criada em 2014. É importante destacar que estudar o universo da pesca artesanal é complexo, pois envolve diversas variáveis marcadas por indicadores sociais, como questões ambientais, clima, gênero, educação, saúde pública, entre outros. No entanto, diante das variáveis apresentadas pelo campo de pesquisa em que atuo, este trabalho tem como objetivo evidenciar, por meio de minha observação participante e etnografia, realizada entre os anos de 2018 e 2024, as dinâmicas percebidas nas relações sociais em torno do universo da pesca em Marudá. Durante o trabalho de campo, muitos desdobramentos emergiram das evidências observadas, abrindo caminhos para projetos e pesquisas futuras. Nesse contexto, tradição e modernidade se entrelaçam constantemente no modo de vida haliêutico dos habitantes da região, provocando tanto mudanças quanto continuidades, especificamente no que a atividade pesqueira representa para eles. Assim, outro objetivo é destacar, a partir da minha pesquisa etnográfica, o que a pesca artesanal representa atualmente para os *filhos e filhas* de Marudá, considerando que essa relação não é a mesma que ocorria nas décadas passadas do século XX, uma vez que mudanças e continuidades ocorrem de forma constante, onde a atividade pesqueira era mais intensa. Outros aspectos abordados incluem também questões relacionadas ao turismo, categoria que vem dinamizando o modo de vida dos moradores. Desde a construção das primeiras estradas e rodovias que ligavam e ainda ligam Marudá/PA aos grandes e médios centros urbanos e comerciais do Estado do Pará, como os municípios de Belém e Castanhal, a região recebe muitos turistas, principalmente em períodos de férias e feriados, causando assim alguns impactos. Atualmente, outros meios de comunicação, vem dinamizando as relações sociais em torno do universo da pesca artesanal na localidade, como o acesso à internet, visto que o meio digital passou a integrar nas vivências cotidianas, facilitando as comunicações e mobilizações de categoria social, tanto internas quanto externas, ou seja, para além das demarcações territoriais que consiste ao distrito de Marudá e Marapanim. Dessa maneira, os conceitos de mudanças e continuidades tornaram-se, metaforicamente, os remos que me guiaram e continuam a guiar nas *marés* desta dissertação. É importante destacar que a pesquisa foi conduzida em um contexto pandêmico, o que trouxe inúmeras dificuldades para a realização do trabalho de campo, além das demandas impostas pelas sequelas da Covid-19.

Palavras-Chaves: Mudanças; Continuidades; Universo; Pesca Artesanal; Marudá/PA.

Abstract

The research area of this dissertation is Marudá, located in the municipality of Marapanim/PA, within the Salgado Paraense microregion, and part of the Mestre Lucindo Marine Extractive Reserve, established in 2014. It is important to highlight that studying the universe of artisanal fishing is complex, as it involves various variables marked by social indicators, such as environmental issues, climate, gender, education, public health, and others. However, given the variables presented by the field of research in which I work, this study aims to highlight, through my participant observation and ethnography conducted between 2018 and 2024, the dynamics observed in the social relationships surrounding the fishing universe in Marudá. During fieldwork, many developments emerged from the observed evidence, opening paths for future projects and research. In this context, tradition and modernity constantly intertwine in the fishing lifestyle of the region's inhabitants, provoking both changes and continuities, especially regarding what fishing activity represents for them. Thus, another objective is to emphasize, based on my ethnographic research, what artisanal fishing currently represents for the sons and daughters of Marudá, considering that this relationship is no longer the same as it was in past decades of the 20th century, as changes and continuities occur constantly, where fishing activity was more intense. Other aspects addressed also include issues related to tourism, a category that has been transforming the way of life of the residents. Since the construction of the first roads and highways that connected and still connect Marudá/PA to the large and medium-sized urban and commercial centers of the State of Pará, such as the municipalities of Belém and Castanhal, the region has received many tourists, especially during vacation periods and holidays, thus causing some impacts. Currently, other means of communication have been transforming social relationships around the universe of artisanal fishing in the locality, such as internet access, as the digital medium has become integrated into everyday life, facilitating communication and mobilization of social categories, both internal and external, that is, beyond the territorial boundaries that make up the district of Marudá and Marapanim. In this way, the concepts of changes and continuities will metaphorically serve as the oars that will help me navigate the tides of this dissertation. It is also important to note that this research was conducted in a pandemic context, which generated many difficulties for fieldwork, as well as demands arising from the aftereffects of COVID-19.

Keywords: Changes; Continuities; Universe; Artisanal fishing; Marudá/PA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Torneios de corridas de remos e canoas entre os filhos e filhas de Marudá e Marapanim/PA.....	31
Figura 2 -Tríduo em honra ao Sagrado Coração de Jesus.....	31
Figura 3 - Folder digital da festividade de nossa senhora das Graças, em Marudá/PA.....	32
Figura 4 - Informações do Horário de saída das embarcações do porto Marudá.....	46
Figura 5 - mapa localizando as mesorregiões do Estado do Pará.....	66
Figura 6 - Microrregiões do Nordeste Paraense.....	66
Figura 7 - Mapa da microrregião do Salgado Paraense.....	68
Figura 8 - Mapa da área de Estudo e acesso a partir de Belém.....	78
Figura 9 - Imagem de Marudá via satélite, enfatizando os bairros do Sossego e Alegre.....	78
Figura 10 - Casa de <i>veranista</i> no bairro do Sossego.....	83
Figura 11 - Trapiche do Sossego, onde ocorre a travessia para a <i>praia do Bora</i>	87
Figura 12 - <i>Praia do Bora</i> e os clientes.....	87
Figura 13 - <i>Filho</i> de Marudá e funcionário de um restaurante na <i>praia do Bora</i> , transportando botijão de gás para o estabelecimento.....	88
Figura 14 - Trapiche localizado no bairro do Sossego e; ponto de concentração de pescadores, que o utilizam como partida para suas atividades de pesca. Além disso, o local também serve como ponto de travessia para a <i>Praia do Bora</i>	88
Figura 15 - Via de embarque para a navegação responsável pela travessia até a <i>Praia do Bora</i> , situada no trapiche do bairro do Sossego.....	89
Figura 16 - Oficina do Plano de Manejo da Resex Mestre Lucindo é realizada em Belém/PA.....	95
Figura 17 - Curral do tipo enfia ou cachimbo visto de frente.....	99
Figura 18 - Curral do tipo enfia ou cachimbo visto pela lateral.....	100

Figura 19- Foto de um curral desativado na área de assoreamento de Marudá, no percurso da praia do Bora	101
Figura 20- Rede de pesca utilizada durante o verão.....	104
Figura 21- Rede de pesca utilizada no inverno.....	104
Figura 22- Folder de divulgação da festividade de São Pedro 2024.....	117
Figura 23- Carta convite para a festividade de São Pedro padroeiro dos pescadores do litoral oriental do Pará.....	118
Figura 24- Imagem de São Pedro chegando no trapiche do bairro do Sossego.....	118
Figura 25 - Procissão de São Pedro em Marudá/PA, em 29 de junho de 2023.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro com as fases do Projeto RENAS.....	48
Tabela 2- Produções elaboradas entre as décadas de 1970 à 1990 no Nordeste Paraense em ordem crescente de ano.....	57
Tabela 3- Produções elaboradas pela nova geração de pesquisadoras e pesquisadores no Nordeste Paraense, em ordem crescente de ano.....	62
Tabela 4- Atividades realizadas por pescadores (as) e descendentes de famílias de pescadores em Marudá, com base nos dados coletados durante os trabalhos de campo.....	85
Tabela 5- Quadro com a safra de espécies de peixes do verão e do inverno.....	101
Tabela 6- Paroquias de Marudá atualmente.....	119
Tabela 7- Quadro comparativo que ilustra as condições passadas e atuais, evidenciando o entrelaçamento entre mudanças e continuidades.....	120

LISTA DE SIGLAS UFPA

ABPM – Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá, Pará

AMAPEM – Associação de Mulheres da Área Pesqueira de Marudá

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

CLIMAN – Associação dos Lancheiros da Ilha de Maiandeuá/Marudá

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FAPESPA – Fundação de Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas

GEMAR – Grupo de Estudos Marés do Litoral do Pará

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

LAMAQ – Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos

LBA – Legião Brasileira de Assistência

MPEG – Museu Paraense Emílio Goeldi

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGSA – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia

PROAP – Programa de Apoio à Pós Graduação

RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul

RBA – Reunião Brasileira de Antropologia

RENAS – Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Pesqueiras

RESEX – Reserva Extrativista

SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUS – Sistema Único de Saúde

UC – Unidade de Conservação

UPA – Unidade de Pronto Atendimento

UFPA – Universidade Federal do Pará

USF – Unidade Saúde da Família

VISAGEM – Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
Justificativa.....	26
Abordagem metodológica.....	28
Entrada em campo: construção da rede de colaboração.....	34
Encontro de campos: tecimento da rede de pesquisas colaborativas e participativas entre comunidade e meio acadêmico.....	39
CAPÍTULO I— O entrelaçamento entre tradição e modernidade na pesca artesanal ao longo do litoral Nordeste Paraense.....	43
1.1— O entrelaçamento entre tradição e modernidade: a construção de novas perspectivas de mudanças e continuidades.....	43
1.2— Debate teórico sobre tradição, continuidade, modernidade e mudanças pela literatura em algumas localidades do Nordeste Paraense.....	54
CAPÍTULO II – Cenário regional.....	65
2.1— Contextualizando brevemente o processo de povoamento do Nordeste Paraense, a partir da colonização no século XVII.....	68
2.1.1 — Primeiro ciclo.....	69
2.1.2 — Segundo ciclo de transformações que atingiu o município de Marapanim.....	70
2.2 — Área de estudo: região do Salgado Paraense.....	74
2.3 — Caminhos de mudança até o presente: as estradas e as transformações em Marudá.....	77
2.3.1— Mudanças e continuidades: breves evidências da Saúde, Educação e Infraestrutura.....	80

2.4 Mudanças e continuidades que influenciaram na Criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo.....	90
CAPÍTULO III — Universo da pesca: a produção da existência.....	95
3.1 — Breve contextualização da atividade pesqueira no Estado do Pará dos anos 2000 até a atualidade.....	95
3.2 — Curral e rede de pesca a partir de minha observação participante.....	97
3.2.1 Sobre as redes de pesca, apetrecho mais utilizado em Marudá.....	101
3.3 — Contextualizando brevemente a atividade pesqueira artesanal: o modo de vida em suas mudanças e continuidades impactadas pelo processo de modernização.....	107
3.3.1 — Trajetória e legado de uma mulher de resistência.....	110
3.4 — Produção da existência no universo da pesca artesanal.....	114
3.5 — Recapitulação e reflexões Finais.....	120
Considerações finais.....	123
Referências bibliográficas.....	125

INTRODUÇÃO

A Amazônia brasileira é um vasto território repleto de diversidades, tanto ambiental quando social, composta por muitas especificidades entre os povos, os saberes e territórios, onde a relação entre o ser humano e a biodiversidade influenciam nas especificidades dos modos de vida existentes na região. A professora e doutora Zélia Amador de Deus, em uma entrevista ao Professor e Doutor José Sena, no prefácio do dossiê *Raças e Amazônia* (2023) utiliza o termo *Amazônias*, para designar que não era possível para ela conhecer a região em sua totalidade, isso se tratando de uma Amazônia Brasileira, visto que é uma região transnacional.

Portanto, a região amazônica é composta por variadas populações tradicionais, como indígenas, quilombolas, caboclos/as e dentre outras, e cada povo possui muitas particularidades e dinâmicas. Enfatizando mais a categoria dos caboclos/as na região amazônica, Lourdes Furtado, em sua obra *Currulistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará* (1987) faz a seguinte afirmação:

...os segmentos sociais nela existentes parecem ser resultantes de adaptações aos seus respectivos ambientes; o revestimento vegetal, os solos de várzea e de terra-firme, os rios, os lagos, as áreas de praias arenosas, o clima, têm demonstrado influência no ritmo e na natureza da atividade humana, nessa região. Todo esse conjunto de fatores, proporcionou aos habitantes da Amazônia, aqui e ali, atividades diversas como o extrativismo, a coleta de produtos naturais, a pesca fluvial, a pesca marítima, a agricultura de várzea... (FURTADO, 1987: 28).

Dessa forma, Furtado (1987) afirma que dentro dessas singularidades de meios naturais povos existentes na região amazônica, a categoria dos caboclos¹ possuem diversas especificidades nos modos de vida, influenciadas pelo meio natural, formando categorias coletivas diferenciadas quanto à tecnologia adaptada nos manejos dos recursos naturais, tanto com objetivo de obter recursos primários, quanto ao produzir suas existências em um campo simbólico, pois como afirma Eduardo Galvão (1995), os chamados caboclos da Amazônia possuem crenças que estão diretamente ligadas ao ambiente local. Uma das categorias dos

¹ Debora Lima (2009), afirma o termo caboclo possui vários significados, dentre esses significados, o mais recorrente o sentido pejorativo do termo, em consequência da representação negativa do indivíduo ou grupo que estão presentes em uma posição social inferior. Dessa forma, a utilização do termo caboclo será utilizada de uma forma não pejorativa, inspirada nos pesquisadores pioneiros que abriram caminhos para pesquisas na Amazônia no campo da antropologia, como Charles Wagley e Eduardo Galvão, que utilizam o termo para categorizar algumas populações rurais e tradicionais da região amazônica (LIMA, 2009).

caboclos na Amazônia são os que estão inseridos nos universos das águas, ou seja, as populações tradicionais pesqueiras ou haliêuticas²

De acordo com fontes históricas, arqueológicas e antropológicas conta-se sobre a antiguidade da atividade haliêutica na Amazônia, pela qual os grupos humanos, segundo suas concepções, saberes, simbologias e escolhas, apropriam-se e utilizam-se dos ambientes aquáticos através dos tempos (FURTADO, 2006). Na região norte, o mundo das águas também possui muitas especificidades ocasionadas pelas diferenças ambientais, pois, como afirma Denise Cardoso (2000), o modo como populações tradicionais lidam com seu território está ligada de maneira mais atrelada a características ambientais e perspectiva de mundo das pessoas.

Dessa forma, quando se fala da relação das populações tradicionais dos caboclos com o meio aquático, com o universo haliêutico na Amazônia, é possível observar como o ambiente influencia nas dinâmicas das relações sociais e especificidades em relação aos modos de vida, como por exemplo, a dinâmica das relações sociais dos ribeirinhos, categoria que possui forte relação com o rio de água doce, é diferente da relação dos que vivem no litoral do Nordeste Paraense, onde ocorre a forte presença das águas salgadas; outro exemplo, na pesca artesanal, as formas e saberes em relação ao manejo de espécies aquáticas como peixes, camarão, mariscos e dentre outros, pode variar dependendo do ambiente que se encontre, mesmo que ocorram muitas semelhanças.

Ao abordar sobre a tradição haliêutica dos seres humanos com o mundo das águas na área do Salgado Paraense, é possível constatar a partir de trabalhos na área da arqueologia, história e antropologia, a relação de grupos humanos com os meios aquáticos desde séculos passados. De acordo com as arqueólogas Denise Sham e Maura Imázio da Silveira (2010), entre sete mil e quatro mil anos atrás, a região do Salgado Paraense era habitada por grupos humanos que exploravam recursos aquáticos para o próprio sustento. Sobreviviam a base de uma dieta baseada em peixes, crustáceos, moluscos, mamíferos e outros complementos, logo, esses grupos habitavam áreas onde hoje são conhecidas como Sambaquis³. Afirmam que a grande

² Vale ressaltar que as populações haliêuticas são aquelas que possuem sua base econômica e modos de vida estabelecidas no manejo da pesca e da coleta em ambientes costeiros e ribeirinhos, pela tecnologia tradicional e pela dinâmica da demanda social de povoados, vilas e cidades de pequeno e médio portes (Furtado, 2002:7).

³ Sambaquis são sítios arqueológicos onde encontram-se vestígios em montes que contém conchas, peixes, crustáceos, cerâmicas, madeiras, pedras, esqueletos humanos, ossada animal, vestígio de fogueira, ferramentas e materiais orgânicos. Vestígios de povos que habitaram há certa de aproximadamente 7000 anos (SHAM; SILVEIRA, 2010).

quantidade de manguezais no litoral Amazônico, atraiu povos sedentários onde com o passar do tempo, passou a ser habitada por pescadores e coletores (SHAM; SILVEIRA, 2010).

Já na década de 1960, o arqueólogo Mario Ferreira Simões coordenou um projeto no Museu Paraense Emílio Goeldi chamado *Projeto do Salgado*. Este projeto tinha como proposta buscar restaurar costumes, hábitos e cultura dos povos que habitavam os Sambaquis na Zona do Salgado Paraense. Logo, segundo Conceição Corrêa e Simões (1971), a partir de escavações arqueológicas, foi possível constatar vestígios alimentares, advindo das águas, como conchas, carcaças de peixes e vestígios de crustáceos. Uma das localidades que foi possível encontrar Sambaquis foi Marudá/PA. Em vista disso, a tradição de grupos humanos com meio aquático é algo que resiste até a atualidade na localidade.

A antropologia e sociologia detectaram também a relação entre humanos e meio ambiente nas décadas passadas do século XX, porém com discursões mais voltadas para o contexto social, econômico e político daquele período, pois é uma área que em sua história e sua existência, foi e continua sendo incentivada por constantes transformações a partir das problemáticas dos seus contextos históricos e locais. Falando mais particularmente da minha subárea de atuação, que é a antropologia da pesca e de populações haliêuticas, os estudos e pesquisas no Brasil dentro deste recorte também se iniciou com maior intensidade na década de 1970, por pesquisadores do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste e sul.

Diegues (1999) afirmava que nas décadas de 1960 e 1970, as indústrias pesqueiras começaram a ser implantadas no litoral do sul, sudeste, nordeste e norte do Brasil, nessa respectiva ordem. Além disso, houve o atravessamento da modernização e globalização nessas localidades.

Peter Wade (2000) afirma e reforça a necessidade de realizar pesquisas no campo da antropologia de forma relacional, ou seja, relacionando os contextos históricos das problemáticas que estamos pesquisando, a história da temática e fazendo a conexão entre os contextos nacionais e globais. O autor trabalha com os conceitos de raça e etnicidade, no contexto do país Colômbia e de alguns outros países da América Latina, mesmo sendo temáticas de pesquisas diferentes da minha, sua análise e ênfase sobre relacionar os contextos históricos nacionais e globais nas pesquisas antropológicas e das ciências sociais como um todo, me fez refletir e analisar os contextos de Marudá. Acrescento também a importância de considerar os

contextos locais, pois tudo está conectado, visto que em Marudá/PA, assim como outras localidades do Nordeste Paraense, os contextos se assemelham.

Dessa forma, no contexto de alguns municípios do Nordeste Paraense, muitas mudanças sociais e políticas passaram a ocorrer nas áreas onde essas indústrias pesqueiras e, o processo de modernização mais intenso estavam inseridas, levando muitas antropólogas(os) e sociólogas (os) a pesquisarem e analisarem esses novos fenômenos e impactos, tanto sociais quanto ambientais, com densidade metodológica e teórica específica para essas análises. Essas transformações envolveram a introdução de novas tecnologias, incluindo o aperfeiçoamento dos materiais utilizados nos apetrechos da pesca artesanal, que passaram a ser mais industrializados. Houve também o crescimento da pesca industrial e o aumento da demanda por produtos, especialmente o pescado. Além disso, a abertura de estradas facilitou a comercialização, promoveu o aumento do turismo e intensificou a comunicação com outros modos de vida.

No Estado do Pará, as instituições Museu Emílio Goeldi (MPEG) e Universidade Federal do Pará (UFPA) contribuíram para uma crescente produção científica referente aos conflitos, impactos, transformações e ressignificações referente ao atravessamento da modernização e da dinâmica do mercado capitalistas em muitos municípios do nordeste do paraense.

Sendo assim, pesquisadoras e pesquisadores como, Violeta Loureiro (1983), em seu trabalho intitulado *Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia*, cujo objetivo foi analisar a organização social de um grupo de pescadores artesanais, que compartilham, com pequenos produtores rurais, dois aspectos essenciais: a ausência de acumulação contínua de capital e o estabelecimento de relações sociais que não se baseiam predominantemente em princípios capitalistas. A maioria desses trabalhadores atua em parcerias nesse contexto.

Lourdes Furtado (1987), em seu trabalho chamado *Currálistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*, aborda sobre as transformações ocasionadas pelo processo de globalização, e também, sobre a organização social dos pescadores de Marudá, entre as décadas de 1960 à 1970; Ariam Nery (1995), em seu artigo chamado *Traços da Tecnologia Pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia-Pará*, enfoca e descreve sobre os artefatos utilizados pelos pescadores do litoral do Pará na orla marítima do município de Marapanim.

Ivete Nascimento (1995), em seu trabalho chamado *Tempo da Natureza e Tempo do Relógio-Tradição e mudança em uma comunidade pesqueira*, analisa como ocorria a construção do tempo entre os pescadores do município de Maracanã no litoral Nordeste Paraense diante da tradição e modernidade; Lourdes Furtado, Wilma Leitão e Alex Fiúza de Mello (1993), que organizaram a coletânea *Povos da Águas, realidade e perspectivas na Amazônia*, onde através de trabalhos de pesquisadores renomados da região amazônica, abordavam sobre temas relativos à análise de espaço e território aquático, tradição e modernidade em contexto amazônico.

A temática sobre gênero no universo da pesca artesanal também passou a ter debates e discursões por pesquisadoras na década de 1990, no Estado do Pará, em trabalhos como o de Angélica Motta Maués, em seu livro *"Trabalhadeiras" & "Camarados": Relações de Gênero: Simbolismo e Ritualização numa Comunidade Amazônica* (1993), com o objetivo de investigar em detalhes o *status* das mulheres e, implicitamente dos homens, na Ilha de Itapuá, localizada próximo do município de Vigia/PA.

Além dos trabalhos como de Edna Alencar, no artigo *Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras* (1993), onde faz apontamentos baseados na temática do gênero, sobre a divisão sexual do trabalho em grupos pesqueiros com o objetivo de tornar necessária a realização de estudos que enfatizassem o papel das mulheres na atividade pesqueira artesanal; o de Maria Cristina Maneschy, em *A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre 5 famílias de pescadores no litoral do Pará* (1995), no qual analisa o papel de homens e mulheres na pesca, com ênfase na importância do gênero feminino no processo de trabalho nesta atividade.

Denise Machado Cardoso, que em sua dissertação de mestrado intitulada *Mulheres catadoras: Uma abordagem Antropológica Sobre a Produção de Massa de Caranguejo - Guarijubal/Pará* (2000), faz discussões sobre gênero e meio ambiente entre as catadoras de caranguejo da antiga vila de pescadores do município de Marapanim/PA.

Sendo assim, muitos estudos foram realizados no Nordeste Paraense, e apesar das constantes mudanças na dinâmica da atividade pesqueira artesanal devido ao processo de modernização, que por vezes resulta em conflitos e insatisfações, a pesca continua sendo uma

realidade para as *filhas e filhos*⁴ de Marudá, pescadores/as e moradores/as da localidade, que souberam adaptar-se ao longo do tempo, preservando e/ou ressignificando suas tradições. Paula Montero (1992) observa que a modernidade afeta diversas categorias ao longo do tempo, e o sistema capitalista e a modernização têm impacto significativo nas adaptações desses grupos. Portanto, os atores sociais inseridos no universo da pesca artesanal têm se reinventado ao longo do tempo na localidade.

As mudanças são caracterizadas pelo entrelaçamento entre tradição e modernidade, gerando continuidades, que consiste nas tradições sendo adaptadas ao processo de modernização e, mantidas de forma ressignificada. Logo, a chegada de tecnologias mais avançadas, como automóveis, estradas e sistemas de refrigeração para conservar o pescado, reconfigurou a dinâmica dos moradores de Marudá, que se ajustaram a essas mudanças, ressignificando suas tradições. Helena Doris (2000) afirma que esses processos foram relacionados as abordagens desenvolvimentistas na década de 1970. Adiante aprofundarei neste ponto.

Anteriormente, a comunicação e as trocas comerciais entre os moradores de Marudá e os grandes centros do Estado do Pará, como Belém e Castanhal, ocorriam por meio de estradas adaptadas para automóveis mais modernos. Nesse contexto, os habitantes de Marudá, especialmente os mais jovens, passaram a reorganizar suas práticas tradicionais para se adequar ao processo de modernização, moldado pelo capital financeiro. Furtado (1987) afirma que os pescadores começaram a adquirir artefatos pesqueiros mais industrializados, com maior capacidade de captura, para atender à crescente demanda dos grandes e médios centros comerciais.

Atualmente, com base na minha etnografia, é possível perceber um afastamento da atividade pesqueira em seu sentido comercial. Comparado ao passado, o número de pescadores profissionais diminuiu consideravelmente, pois a pesca já não garante uma renda familiar suficiente. Em consequência, muitos buscam outras formas de vivência e geração de renda. No entanto, mesmo diante dessas mudanças, o modo de vida pesqueiro permanece. Esse modo de vida transcende questões econômicas e está profundamente enraizado na forma como essa

⁴ A partir dos relatos das/dos interlocutoras/es, o termo “*filha/filho*” é utilizado para denominar as/os que possuem origem em Marudá, onde a localidade é representada como mãe.

comunidade se relaciona com o ecossistema aquático. Mais à frente, este será um ponto que será aprofundado.

Logo, os estudos na área de antropologia, expõem essas mudanças e continuidades ao longo através do entrelaçamento entre tradição e modernidade em torno do universo da pesca artesanal no Nordeste Paraense, assim como em muitas outras localidades do Brasil onde a pesca artesanal é evidente.

Pesquisar sobre universo da pesca artesanal é complexo, pois envolve muitas variáveis que são marcadas através de marcadores sociais como, questões ambientais, clima, gênero, educação, saúde pública e dentre outros, que a partir dos eventos acadêmicos científicos que participei desde o ano de 2018, como a Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), onde reuniram pesquisas empíricas e de caráter etnográfico que colocavam em evidência tensões, disputas e conflitos entre os povos e comunidades tradicionais e os vários modelos de uso e ocupação de territórios ribeirinhos e costeiros marinho, além de reunir trabalhos que, apontam as desigualdades de gênero, pude além de participar apresentando minha pesquisa, ouvir outras apresentações que revelavam as especificidades de pesquisas neste contexto em diversas localidades do Brasil e de países latino americanos, assim como também, das semelhanças nessas variáveis.

Dessa forma, vale ressaltar que diante das variáveis que o campo de pesquisa que atuo apresentou, este trabalho tem como objetivo apresentar, por meio da minha observação participante e etnografia, entre os anos de 2018 até 2024 as dinâmicas percebidas nas relações sociais em torno do universo da pesca em Marudá, Pará. Nesse contexto, tradição e modernidade se entrelaçam constantemente no modo de vida haliêutico dos habitantes dessa região, provocando tanto mudanças quanto continuidades, especificamente no que a atividade pesqueira representa para eles. Assim, outro objetivo é destacar, a partir da minha pesquisa etnográfica, o que a pesca artesanal representa atualmente para os *filhos* e *filhas* Marudá.

Logo, mudanças e continuidades são conceitos que servirão, metaforicamente, como os remos que me ajudarão a navegar pelas marés desta dissertação. Importante ressaltar que esta pesquisa foi realizada em um contexto pandêmico, ocasionando em muitas dificuldades para as realizações de campo, além das demandas emocionais, no qual minha saúde mental foi atravessada neste período.

Posteriormente, aprofundarei a análise desses conceitos no contexto das pesquisas realizadas no litoral nordeste do Pará. Contudo, é essencial destacar que o objetivo não é fornecer respostas definitivas, mas sim apresentar o andamento de meu raciocínio, evidenciando o contexto atual de Marudá. Esse trabalho, portanto, também abriu novas perspectivas para futuros projetos e pesquisas, as quais pretendo maturar e avançar para a etapa posterior, no curso de doutorado.

Justificativa

Muitos trabalhos sobre a atividade pesqueira artesanal, tanto em Marudá quanto em Marapanim, assim como em outras localidades do Nordeste Paraense, já foram realizados no campo da antropologia e das Ciências Sociais como um todo, principalmente a partir da década de 1980. Além disso, há trabalhos mais recentes que abordam mudanças em comunidades pesqueiras ou haliêuticas e estudos em áreas afins, como Ciências ambientais, História e dentre outras, focando nos conflitos e desafios socioambientais na Reserva Extrativista Costeiro Marinha Mestre Lucindo, além de outras pesquisas nas Reservas Extrativistas Costeiras Marinhas no litoral do Pará.

No entanto, atualmente, a partir dos levantamentos bibliográficos e documentais, observei uma lacuna no que se refere a pesquisas que falem de forma mais aprofundada sobre o modo de vida dos moradores/as de Marudá dentro da área da antropologia e sobre as mudanças e continuidades nesse contexto atualmente, o que aumentou meu interesse pela temática do universo da pesca artesanal nesta localidade.

Durante o mestrado, realizei três trabalhos de campo, um em cada ano — com aproximadamente 6 dias de duração cada um —, nos anos de 2022, 2023 e 2024, além de uma pesquisa conduzida em 2018, quando atuava como bolsista de Iniciação Científica — em seções posteriores, mencionarei sobre minha trajetória acadêmica. Ao longo desse período, observei mudanças constantes na localidade estudada. Por exemplo, em determinados anos, a pesca mostrou-se escassa, enquanto em outros houve uma abundância tão grande que parte do pescado foi desperdiçada devido à falta de instalações adequadas para armazenamento refrigerado. Não houve monitoramento da quantidade antes e depois, em quilos, mas através dos registros fotográficos⁵ dos pescadores e pescadoras e, do relato oral, pude observar essas mudanças.

⁵ As fotografias não foram disponibilizadas para que pudesse acrescentar na dissertação.

Outro aspecto relevante foi pouca mobilização das mulheres de Marudá em Associações de moradores, durante grande parte do período que estive em trabalho de campo; contudo, em 2024, ocorreu a reativação de uma dessas associações e, pude perceber uma maior mobilização das mulheres em associações de moradores da localidade. Esses pontos serão evidenciados com maior profundidade no Capítulo III, dedicado à etnografia. Tais observações ilustram que a realidade local não é estática, mas sim sujeita a transformações contínuas, evidenciando as frequentes mudanças nesse contexto. Embora existam diversos estudos sobre o passado dessa região, a produção acadêmica atual permanece limitada. Diante disso, minha proposta visa contribuir para o enriquecimento desse campo de estudo e incentivar a realização de mais pesquisas focadas no presente da região.

Outro motivo que atravessa o meu interesse por esta temática está vinculado também à minha identidade e existência como mulher preta e amazônida. Minha origem é de um bairro periférico, localizado em Belém, capital do Estado do Pará, que enfrentou e ainda enfrenta diversas vulnerabilidades socioeconômicas. Mesmo fazendo parte da área metropolitana de Belém, e considerando que Marudá está situada no litoral do Nordeste Paraense, onde os contextos ambientais diferem, é possível observar muitas semelhanças entre esses dois contextos, como a falta de investimento por parte do poder público na qualidade de vida, especialmente na saúde pública, educação e Justiça climática, de modo que, com a emergência climática que estamos vivenciando, ocasionada pelo super aquecimento do planeta Terra, os que mais são atingidos são as pessoas que enfrentam diversas formas de desigualdade, como econômica, social, de gênero, racial e étnica, pois estão ainda mais expostas aos impactos das mudanças climáticas.

Embora contribuam menos para as emissões de CO₂, as populações de baixa renda são as mais prejudicadas pelos efeitos adversos dessas alterações e possuem menor acesso a medidas de adaptação (Gov.br, 2023). Um exemplo de injustiça climática pode ser observado na limitação do acesso à água potável. Tanto em Marudá quanto no bairro em que cresci, o abastecimento de água é restrito e não chega a todas as residências. Em resposta a essa situação, muitas famílias recorreram à perfuração de poços artesianos. No entanto, durante o período de verão amazônico (dos meses de julho até aproximadamente novembro), agravado pelo aquecimento global, esses poços frequentemente secam, tornando o acesso à água ainda mais difícil.

A realidade descrita acima é compartilhada pelos moradores de ambas as localidades. Outro ponto em comum está nas práticas simbólicas relacionadas à religiosidade, especialmente a católica, além da forte dimensão comunitária, liderada predominantemente por mulheres (Costa, 2023:200). Assim, a injustiça social é uma experiência vivida em ambos os territórios, onde as inquietações que surgem tanto das minhas vivências quanto das vivências dos *filhos* e *filhas* de Marudá passaram a convergir. Evidenciar a questão da justiça climática em um contexto de desequilíbrio ambiental e climático, como o que estamos enfrentando, é essencial, pois as periferias são as mais afetadas por essa crise.

A justiça climática é considerada um eixo transversal do novo Plano Clima ao considerar que a descarbonização da economia precisa levar a uma transição justa que impulse o desenvolvimento sustentável, enfrente as desigualdades e promova a resiliência do País. Ações de adaptação em áreas como infraestrutura, habitação e saneamento podem ajudar a corrigir deficiências estruturais históricas, que atingem sobretudo as populações em situação de vulnerabilidade, evitando perdas e danos em grandes proporções e o agravamento das desigualdades no Brasil (GOV.BR, 2023).

Portanto, este trabalho visa contribuir com um panorama atual sobre a atividade pesqueira, populações e gestão dos recursos naturais. Logo, almejo que esta pesquisa possa acrescentar informações ao banco de dados científicos sobre a temática do universo da pesca artesanal e do mundo haliêutico em Marudá/PA, na atualidade. Almejo também que este trabalho possa contribuir para a criação de políticas públicas que valorizem e respeitem as especificidades e modos de vida dos pescadores/as e moradores/as, além de combater as injustiças climáticas.

Sendo assim, ao seguir os caminhos abertos por pesquisadoras que navegaram e mergulharam em temáticas relacionadas ao universo da pesca artesanal, tanto na região Amazônica quanto, mais especificamente, na região do litoral do Nordeste Paraense, meu foco será apresentar, através da perspectiva etnográfica, dados, informações e evidências sobre o universo da pesca artesanal em Marudá na atualidade, compreendendo como a tradição e modernidade provocou impactos, mudanças e continuidades neste universo no decorrer do tempo.

Abordagem metodológica

Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre as pesquisas relacionadas ao universo da pesca e aos povos das águas, tanto no Litoral do Nordeste Paraense quanto na região Amazônica e no Brasil. Além disso, foram feitos levantamentos relacionados a teorias e métodos da antropologia e áreas afins. Trabalhos que analisam questões

relacionadas à tradição e modernidade, a partir dos conceitos de mudanças e continuidades, são amplamente discutidos nesta pesquisa. Assim, a revisão bibliográfica buscou abarcar toda a problemática, a fim de responder a todas as perguntas e compreender os contextos envolvidos.

Posteriormente, os trabalhos de campo foram realizados com o objetivo de estreitar contatos, diálogos e vivências junto às *filhas* e *filhos* de Marudá/PA. Vale ressaltar que os trabalhos de campo presenciais foram conduzidos no contexto do mestrado. Durante essas atividades, a utilização do método da observação participante, técnica de pesquisa criada por Bronislaw Malinowski (1978), foi imprescindível. Isso implica uma observação que assume uma posição totalmente ativa, envolvendo-se nas dinâmicas das relações sociais do campo estudado, que consistem no modo de vida em torno do universo da pesca e dos povos das águas. Ferramentas como conversas informais, entrevistas, observações, diário de campo e participação no cotidiano foram utilizadas.

Assim, o exercício de olhar, ouvir e escrever sobre o objeto de pesquisa – os três momentos estratégicos que, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), aumentam a eficácia de um trabalho antropológico – foi imprescindível. Essas ações são fundamentadas pela teoria antropológica, pois o olhar é influenciado por teorias e pelas vivências existenciais de quem observa a realidade. O ouvir, junto com o olhar, é fundamental para captar a vida humana e social em seus contextos específicos. Por fim, o ato de escrever é o momento em que o registro e a narrativa eficaz ocorrem, essenciais para que o pesquisador, com suas observações organizadas, inicie o processo de textualização. Esse processo não é apenas uma forma de exposição escrita, mas também uma maneira de produzir conhecimento, assim como a exposição oral (Cardoso de Oliveira, 1996:20).

A pesquisa é qualitativa, composta por entrevistas semiestruturadas e abertas, seguindo as orientações de Marcia Lima (2016), que enfatiza a importância de não deixar o entrevistado ou entrevistada constrangido, buscando criar um ambiente confortável. O roteiro de perguntas serviu como ponto de partida, mas sem a rigidez de parecer um interrogatório; tratou-se mais de uma conversa. É importante ressaltar que as entrevistas serão anônimas. Os nomes originais dos interlocutores de Marudá serão substituídos por nomes fictícios nesta dissertação, como forma de manter o anonimato dos mesmos.

Desde 2018 (antes de ingressar no mestrado do PPGSA) até o presente momento, minha rede de interlocutores tem crescido cada vez mais, aumentando as possibilidades de acomodação em residências. Dessa forma, na sede do município de Marapanim, há duas residências cujas moradoras, *Ana Júlia* e *Ana Cláudia*, me acolheram. Já em Marudá, a

residência da interlocutora *Eduarda* disponibilizou hospedagem. Essa rede de interlocutores, que facilita contatos e trocas com outros interlocutores/as, torna mais efetiva a observação participante. A pesquisa averigua e continuará a averiguar as especificidades e experiências individuais dos moradores, a fim de evitar que se torne restrita, equivocada e preconceituosa, como afirma Miriam Goldenberg (2004).

Logo, como afirma Denise Cardoso (2000):

Trabalhar com o discurso dos agentes sociais da sociedade pesquisada requer senso crítico muito aguçado e constante análise do contexto em que algo foi dito ou omitido pois, embora se tenha sempre a intenção de descrever, traduzir, analisar e interpretar com a maior fidedignidade possível, eventualmente pode-se cair em “armadilhas” do trabalho de campo (Cardoso, 2000:37).

Dessa forma, procurei seguir a citação mencionada acima, de Denise Cardoso (2000), analisando não apenas os discursos públicos, mas também os contextos e especificidades de cada indivíduo, seja em coletivo ou individualmente, durante os trabalhos de campo.

No decorrer dos trabalhos de campo, para atingir os objetivos listados, a pesquisa teve como base a etnografia, ou seja, recorri as experiências empíricas para alcançar os resultados através de análises, que vão além de somente descrever o que está sendo analisado, pois como afirma Peirano (2014), a etnografia não é método, mas sim, parte da construção teórica que avalia a complexidade de um povo e de uma cultura, visto que durante a descrição, nosso mundo subjetivo, nossas crenças, nossas análises teóricas estarão presentes a cada momento da escrita.

O meio digital também fez parte da minha observação participante e, conseqüentemente, do resultado da mesma, que consiste na construção da minha etnografia. Durante a pandemia de COVID-19, período em que ingressei no PPGSA, e estava impossibilitada de ir para o campo presencialmente devido ao alto índice de contágio da doença, a plataforma digital *WhatsApp* foi uma ferramenta de pesquisa que me auxiliou a manter contato com alguns interlocutores. Atualmente, essa plataforma continua fazendo parte da minha observação participante.

De acordo com Lins, Parreiras e Freitas (2020), entende-se por digital um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros. Dessa forma, a observação no meio digital foi utilizada como forma de interlocução, visto que a maioria dos interlocutores com quem mantenho contato utiliza

cotidianamente o *Whatsapp* e *Facebook* para interagir e também como meio de produzir suas existências, vivências e simbologias.

Eles/as compartilham, fotos e vídeos sobre seus cotidianos, incluindo programações religiosas ou culturais locais por meio de uma ferramenta do aplicativo *Whatsapp* chamada *status* e, em postagens no *Facebook*. Segundo Christine Hine (2000), conforme citado por Beatriz Lins, Carolina Parreiras e Eliane Freitas (2020), a internet também é um artefato cultural, parte de um sistema simbólico. Dessa forma, as imagens a seguir foram enviadas pela interlocutora *Eduarda*, uma das pessoas com quem mais interajo, e através da plataforma digital *Whatsapp*, ela me atualiza sobre o que ocorre no cotidiano e as vivências simbólicas dos moradores. Importante salientar que a utilização destas imagens foi autorizada por ela:

Figura 1: Torneios de corridas de remos e canoas entre os *filhos e filhas* de Marudá e Marapanim/PA.



Fonte: Fotografia da interlocutora Eduarda, via plataforma WhatsApp, (2022).

Figura 2: Tríduo em honra ao Sagrado Coração de Jesus.



Fonte: Imagem publicada na página do facebook da *Igreja Nossa Senhora das Graças*, compartilhada pela interlocutora *Eduarda* na rede social Facebook, (2024).

Figura 3: Fôlder digital da festividade de nossa senhora das Graças, em Marudá/PA.



Fonte: Enviado através da interlocutora *Eduarda*, via plataforma *WhatsApp*, (2023).

Se tratando das interlocuções, durante os anos de 2018 até 2024⁶, tive interlocução através de conversas informais e entrevistas semiestruturadas com 21 *filhas* e 15 filhos de Marudá, entre pescadores/as profissionais, ou seja, os associados à Colônia de Pescadores Z-6, assim como também, os/as descendentes de famílias de pescadores/as, que possuem conhecimentos tradicionais referentes à pesca artesanal, mas não se consideram profissionais. Importante destacar que pescadores/as profissionais são aqueles que estão associados a Colônia de Pescadores. As colônias são sindicatos que representam os pescadores artesanais profissionais com o objetivo de dar suporte junto as esferas governamentais, que de acordo com

⁶ Iniciei minhas pesquisas em Marudá no ano de 2018, quando era bolsista de iniciação científica em um projeto chamado Recursos Naturais e Antropologia Social em Sociedades Pesqueiras Amazônicas (RENAS), do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Minha pesquisa de mestrado, que está em andamento, são um desdobramento das pesquisas que realizei neste período, o que me permitiu construir a rede de interlocução até a atualidade, ano de 2024.

Cristiane Façanha e Carolina Silva (2017), legitima burocraticamente os pescadores artesanais profissionais. Mais adiante, discorrerei sobre este ponto, descrevendo mais profundamente sobre esses atores sociais.

Logo, diante do que já foi exposto, busco evidenciar as inspirações e aprendizados sobre as pesquisas participativas e colaborativas, compreendendo minhas motivações para fazer antropologia, pois compreendo que a antropologia vai muito além de descrever e modos de vida; trata-se de entender a importância das colaborações e interações entre comunidade e pesquisadoras/es, contribuindo para a luta por equidade.

Esta dissertação possui três capítulos. No primeiro capítulo, no qual o título é *O entrelaçamento entre tradição e modernidade na pesca artesanal ao longo do litoral Nordeste Paraense*, onde os conceitos serão explorados, debatidos e avaliados de forma ampla e flexível, ou seja, sem delimitações fixas ou isoladas. Em vez disso, serão tratados com base em estudos realizados no Brasil, especialmente na região Norte e, mais especificamente, no Nordeste do Pará, que abordaram e continuam a tratar das transformações e permanências a partir da interseção entre tradição e modernidade, além de examinar como esses conceitos se relacionam com o contexto de Marudá.

No segundo capítulo, chamado de *Cenário regional*, será abordado de forma concisa, a história da mesorregião do Nordeste Paraense, com ênfase no processo de povoamento, nos aspectos culturais e na relação entre os seres humanos e o ambiente, especialmente na microrregião do Salgado Paraense, culminando em Marudá. Para compreender o presente, é indispensável entender o passado, uma vez que ambos estão profundamente interligados. Nesse sentido, pesquisas sobre evidências históricas, arqueológicas, socioculturais, econômicas, ambientais e políticas referentes à mesorregião do Nordeste Paraense e à microrregião do Salgado Paraense constituirão a base para as análises regionais desenvolvidas neste capítulo.

Já no terceiro capítulo, será apresentada a etnografia, em que as evidências do cenário atual em relação ao universo da pesca artesanal estarão presentes, destacando o que essa atividade representa para os filhos e filhas de hoje, assim como também, as mudanças e continuidades evidenciadas na etnografia. Vale lembrar que, nesta seção, surgiram diversos desdobramentos, atravessamentos e variáveis, como já mencionado anteriormente. No entanto, é importante enfatizar que o foco estará nas observações feitas durante as pesquisas de campo,

mostrando como esta dissertação abriu caminhos para várias possibilidades, incluindo o aprofundamento desses desdobramentos em pesquisas futuras, como no doutorado.

Entrada em campo: construção da rede de colaboração

Minha primeira visita presencial ao município de Marapanim e, por conseguinte, a Marudá/PA como pesquisadora ocorreu em 2018, durante minha vigência como bolsista de Iniciação Científica do Projeto RENAS, no Museu Paraense Emílio Goeldi. A finalidade era obter dados e informações para os relatórios semestrais que precisávamos produzir, como resultado dos subprojetos de pesquisa em que estávamos envolvidos. Havia outros colegas bolsistas de iniciação científica, incluindo um rapaz cuja pesquisa estava sendo direcionada ao distrito de Tamaruteua, também localizado no município de Marapanim/PA. Ele tinha contatos e interlocuções com muitos moradores na sede do município, já que esse era o lugar de origem de grande parte de seus familiares.

A partir dele, pude iniciar a construção da minha rede junto aos interlocutores/as, pois ele me apresentou a algumas pessoas da localidade, incluindo sua tia *Ana Júlia*, que gentilmente nos disponibilizou sua residência durante os cinco dias em que estivemos em campo. Nessa primeira experiência, nossa orientadora, professora Lourdes Furtado, nos levou duas vezes até a localidade, utilizando um carro e um motorista do Museu Paraense Emílio Goeldi. Na primeira ida, realizamos uma pesquisa exploratória para visualizar o local, fazer um primeiro contato com a interlocutora *Ana Júlia* (que gentilmente nos hospedaria em sua residência) e nos familiarizar com a localidade.

A professora Lourdes Furtado⁷, nesta visita inicial, também nos apresentou à senhora *Ângela*, que, como sempre relata, foi sua grande orientadora de campo. Na época, *Ângela* tinha 86 anos de idade. Ela era uma moradora que atuava como líder comunitária em Marudá/PA nas décadas de 1970 até 1990. Em um segundo momento, a professora nos levou novamente à localidade, desta vez para iniciarmos nosso trabalho de campo. Ela nos deixou e logo em seguida retornou para Belém, enquanto meu companheiro de pesquisa e eu permanecemos por cinco dias em Marapanim. No entanto, eu me deslocava quase todos os dias para Marudá/PA, pois era a área que eu pretendia enfatizar mais em minhas pesquisas.

⁷ A Professora e Doutora Lourdes Furtado é minha orientadora desde quando iniciei minha trajetória acadêmica fazendo pesquisas em Marudá/PA, do ano de 2016 a 2018, quando era Bolsista de Iniciação Científica do Projeto Recursos Naturais e Antropologia Social em Comunidades Pesqueiras Amazônicas (RENAS), do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Naquele período, eu era extremamente inexperiente e insegura em relação às técnicas e métodos da antropologia, como a observação participante. Contudo, através da senhora *Ângela*, pude conhecer a realidade dos pescadores e pescadoras da localidade. Devido à sua atuação ativa, conhecimento e boa reputação, ela intermediou o contato com alguns pescadores e pescadoras. Esses relatórios culminaram na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2018, quando eu pesquisava sobre a história dos currais de pesca no distrito de Marudá/PA. No entanto, essa experiência reverberou em mim, fazendo com que novas perguntas, desdobramentos e análises comesçassem a surgir.

Em 2020, o pré-projeto que submeti para o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) tinha como problema inicial a pergunta: “*Por quais motivos os pescadores e pescadoras artesanais estavam se afastando da pesca na localidade?*”. Fui aprovada e entrei para o Programa como mestranda. Porém, esse era um período em que a pandemia de Covid-19 estava intensa, o que me impossibilitou de realizar trabalho de campo presencial. Além disso, perdi o contato telefônico com muitas colaboradoras; os únicos com quem ainda mantinha contato eram *Ana Júlia* e a senhora *Ângela*. A senhora *Ângela*, por não possuir uma plataforma digital muito utilizada na contemporaneidade no Brasil, como o WhatsApp, tornava nossas interações mais esporádicas. Já com *Ana Júlia*, nossa interação era mais frequente, pois ela utiliza a plataforma digital.

Com o passar dos meses, o número de casos e de pessoas contaminadas pela Covid-19 diminuiu devido ao progresso na vacinação contra o vírus no Brasil. Eu acompanhava essas informações pelos sites oficiais do Governo do Estado do Pará e, finalmente, pude realizar minha primeira ida ao campo de forma presencial, mais precisamente em setembro de 2022. No entanto, *Ana Júlia* já não estava residindo em Marapanim. Assim, através de uma amiga de minha mãe, *Suzana*, que possui familiares na sede do município de Marapanim, pude expandir ainda mais minha rede com novos interlocutores. Dessa forma, fui acolhida pela tia de *Suzana*, chamada *Ana Cláudia*, que é casada com um mestre de carimbó muito conhecido por fazer parte de um grupo consagrado e tradicional na localidade.

Neste primeiro campo, permaneci por 5 dias, acompanhada por uma grande amiga, pois me sentia insegura em ir sozinha, de modo que era o primeiro contato presencial com esses colaboradores. Acredito que, além disso, havia o medo da solidão.

O Programa de Apoio à Pós Graduação (PROAP), um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) me concedeu apoio financeiro para custear transporte e alimentação. Como estava hospedada na sede do município de Marapanim, fomos a Marudá durante dois dias, utilizando transportes/carros informais, com o objetivo de reencontrar a senhora *Ângela* (que foi nosso último encontro presencial, pois faleceu em outubro de 2023 — mais adiante, retornarei a este assunto) e iniciar os primeiros novos contatos e interlocuções.

Os primeiros contatos com os interlocutores de Marudá surgiram por meio de uma professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, que ministrou a disciplina Antropologia da Pesca. Foi durante essa disciplina, na qual estive matriculada em 2021, que a conheci e estabeleci interlocuções. Ela me forneceu o contato de seu orientando, que conduzia pesquisas em Marapanim e tinha muitos conhecidos em Marudá, onde já havia atuado como professor em uma escola estadual local. Através desse orientando, estabeleci contato com a interlocutora *Eduarda*, atualmente com 31 anos. Por meio dela, tive acesso a diversos outros interlocutores e espaços em Marudá/PA.

Sua família é amplamente reconhecida e ativa em diferentes áreas, especialmente na produção de suas existências simbólicas. Além de fazer parte da coordenação da Igreja Católica *Nossa Senhora da Conceição*, *Eduarda* é casada com *Claudio*, de 50 anos, que atua como professor em uma escola estadual. Seu irmão é jogador em um time de futebol bastante conhecido em Marudá. Ao chegar à residência, localizada no bairro do Alegre, *Eduarda* e sua família (presentes a mãe, os dois irmãos, o marido *Claudio*, a sobrinha e o sobrinho, que têm aproximadamente entre cinco e sete anos) nos recepcionaram com muito acolhimento, fazendo-me sentir bem à vontade e acolhida. Nos ofereceram açaí e peixe frito. A casa possui uma área externa com grande extensão territorial, de modo que todos que passam por ela sempre param para conversar e tomar um “cafezinho”, pois são bem receptivos. Durante minha apresentação para eles, a mãe de *Eduarda* disse:

Que coisa, né? você é aluna da professora Lourdes Furtado? Eu lembro dela, pouco, porque era bem pequenina na época, tinha uns 5 anos eu acho, mas mamãe adorava. Elas sempre conversavam muito sobre a pesquisa, sobre tudo aqui, sempre que se encontravam. Minha mãe já morreu, mas é muito conhecida até hoje aqui, ela fazia remédios caseiros na casa dela e ajudava todo mundo que ficava doente aqui (mãe de Eduarda, 2023).

Assim como a mãe de *Eduarda* ficou surpresa, eu também me surpreendi ao descobrir que, de acordo com as reflexões entre minha coorientadora Denise Cardoso e eu, houve um cruzamento

entre o campo da professora Lourdes, que ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, e o meu campo. O primeiro cruzamento foi a interlocução com a senhora *Ângela*, intermediada pela professora Lourdes Furtado, e o segundo cruzamento ocorreu de forma surpreendente com a família de *Eduarda*. A avó de *Eduarda* era uma antiga curandeira, benzedeira e parteira de Marudá. Segundo Coelho e Silva (2005), que pesquisaram sobre a importância da medicina tradicional em Marudá com várias mulheres que possuíam esses saberes tradicionais, quem detinha esses conhecimentos na localidade fornecia recursos terapêuticos valiosos no âmbito da medicina tradicional.

Segundo a professora Lourdes Furtado, a avó de *Eduarda* era uma de suas interlocutoras muito bem quista pela comunidade, pois além de ser acolhedora, com seus conhecimentos tradicionais, ajudava todos e todas que precisavam. Outros momentos de interlocução ocorreram, principalmente no último trabalho de campo que realizei em setembro de 2022, e refletiram nas interlocuções do trabalho de campo realizado em outubro de 2023, através de *Eduarda* e sua família.

Por meio da intermediação de *Claudio*, pude conhecer e dialogar com o pescador *Otávio*, de 41 anos, que vive exclusivamente da pescaria. Logo em seguida, tive a oportunidade de conversar também com sua esposa, a pescadora *Adriana*, de 40 anos, e com seus filhos: um menino de 16 anos, e duas meninas, uma de 14 anos e a menor, de 7 anos. A família nos recebeu muito bem, e atualmente, mantemos contato via plataforma Whatsapp. Através de *Adriana*, pude conhecer sua mãe, a pescadora aposentada *Silvia*, de 56 anos, e seu pai, o pescador aposentado *Carlos*.

Em maio do ano de 2024, realizei o último campo presencial, onde passei quatro dias na localidade, hospedada na casa da interlocutora *Eduarda* e sua família. Neste campo, pude dialogar com sua prima, que atualmente mora em Belém, mas que sempre que possível, retorna para Marudá. A mesma também está engajada e faz parte da Associação de Mulheres da Área Pesqueira de Marudá (AMAPEM), associação fundada no ano de 1997, no bairro do Alegre-. Pude brevemente conversar com as mulheres, adultas e crianças da associação, e fui bem recepcionada por todas. Segundo prima de *Eduarda*, a associação estava desativada, principalmente por conta da pandemia, mas que estavam retornando de forma gradativa, com encontro de recreação e lazer, rodas de conversa sobre empoderamento e empreendedorismo feminino, voltados principalmente para o artesanato.

Até então, não tinham mencionado para mim sobre a existência desta associação, mas *Eduarda* afirmou que agora que retornou muitas mobilizações da comunidade de forma coletiva. Outra associação que chegou a meu conhecimento através da interlocutora está mais mobilizada é o Centro Comunitário de Marudá, que fica localizado no bairro do Sossego. Pude conversar brevemente com a atual liderança comunitária, por conta de suas demandas no Centro Comunitário e, me relatou sobre a iniciativa de novos projetos com as crianças e adolescentes, através no incentivo da escrita e leitura relacionadas a história e memória de Marudá.

Vale ressaltar que, de acordo com Petrônio Potiguar Jr. (2008) e Furtado (1987), o Centro Comunitário de Marudá surgiu a partir da criação do *Oratório Festivo de Marudá*, localizado na Igreja de São Pedro. Mais adiante abordarei as igrejas com mais detalhes, mas é importante destacar que a Igreja de São Pedro foi a primeira igreja de Marudá, construída por meio da organização dos moradores dos bairros do Sossego e Alegre, os mais antigos da localidade, liderado pela senhora *Ângela* (sobre os quais falarei mais adiante). Esse oratório, sob a coordenação da senhora *Ângela*, promovia atividades voltadas à educação de crianças e adolescentes, além de recreação e trabalhos artesanais. Segundo o relato oral da Professora Lourdes durante nossas conversas, o *Oratório* já existia desde sua primeira visita a Marudá, em 1972.

Pude ter acesso ao contato com a atual liderança do Centro Comunitário de Marudá através da interlocutora *Adriana*, relatada nos parágrafos anteriores desta seção, onde a mesma faz parte da coordenação da Igreja de São Pedro, e atua também nos projetos do Centro Comunitário, principalmente os ligados ao artesanato. Roberto Cardoso de Oliveira (1993) menciona sobre antropologia produzidas nas periferias, que estão relacionadas aos contextos e vivências específicas desses lugares e, ao entrar em contato com trabalhos sociológicos produzidos recentemente como de Carla Moreira (2024), as mulheres das comunidades tradicionais que vivem no litoral do Pará, para ampliarem suas rendas familiares e, terem mais autonomia e empoderamento, são incentivadas pelas associações de mulheres a aprenderem a fazer artesanato.

Além de tudo, outro movimento é a aliança entre o meio acadêmico e as comunidades, a partir dos movimentos sociais, pois como afirma Carla Moreira (2024) falando especificamente das mulheres nesses contextos, apesar de pouco presentes na literatura sobre a Amazônia, participaram ativamente dos processos de lutas socioambientais, através de resistências, estratégias diante de diversos sistemas de opressão, como o patriarcado, o

capitalismo e o colonialismo. Dessa forma, na seção a seguir, irei apresentar o encontro de campos e em quais resultados a aliança acadêmica e comunitária produziram e estão produzindo através de pesquisas participativas e colaborativa, afim de contribuir para a busca e incentivo e de amparos socioeconômico e de justiça social.

Encontros de campos: tecimento da rede de pesquisas colaborativas e participativas entre comunidade e meio acadêmico.

As minhas análises e reflexões sobre pesquisas colaborativas e participativas surgiram a partir da disciplina optativa chamada *Perspectivas Antropológicas na América Latina e no Caribe, ou na “América Ladina”*, disponibilizada no Programa de Pós- Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), ministrada pela professora Claudia Lopes, em 2024, com as docentes convidadas Ana Manoela Primo dos Santos Soares e Margarida Chaves, pude compreender e conhecer as perspectivas antropológicas geradas em contextos nacionais, regionais, institucionais ou dos movimentos sociais, em diálogo com as antropologias produzidas no Brasil e no mundo.

Pude compreender que os antropólogos e também antropólogas (em sua minoria, ou melhor, as mais invisibilizadas) do contexto europeu, nos séculos XIX, XX e XXI, são importantes, principalmente para entendermos a origem da ciência e o processo de construção de muitos conceitos teórico-metodológicos. Porém, os debates e acessos às produções realizadas no contexto dos países da América Latina eram limitados e pouco valorizados. A disciplina, entretanto, possibilitou a mim e a outros pesquisadores de antropologia e sociologia ter acesso a produções nacionais, de países vizinhos ao Brasil e regionais, que são extremamente importantes e fundamentais para o mundo e para todos que produzem pesquisas nesses contextos.

Dessa forma, a partir das perspectivas teórico-metodológicas produzidas no contexto da América Latina, como as de autores como Luis Guillermo Vasco (2007), Roberto Cardoso de Oliveira (1993) e Joanne Rappaport (2007), pude dialogar e ressignificar minhas ações em campo. Metaforicamente, essas perspectivas são como remos que me ajudam a navegar pelos estuários — ou seja, no ponto em que as águas dos rios desaguam no mar por meio de um único canal — das pesquisas no universo das águas do litoral do Pará, a partir da colaboração com a comunidade pesquisada. Nessa colaboração, a preocupação em respeitar os colaboradores e em

não os tratar como objetos de pesquisa, como era e ainda é feito no campo da antropologia, se faz presente.

Sendo assim, o colombiano Luis Guillermo Vasco (2007) criticou a maneira como muitos antropólogos atuavam com os indígenas, visualizando-os de forma abstrata e preconceituosa. Para esses antropólogos, eram mais importantes as interpretações e a busca por respostas, invalidando as conceitualizações emitidas pelos indígenas, pois essas conceitualizações não eram consideradas legítimas por eles. Em contraposição a essa visão, Vasco (2007) defendia que a etnografia é um processo que se constrói ao longo do trabalho de campo e não um simples resultado da pesquisa.

Luis Guillermo Vasco (2007) também afirmava que nesse processo, as trocas e construções de conceitos e solidariedade junto às pessoas que fazem parte dessas pesquisas são fundamentais. Logo, a partir dos aprendizados com minha orientadora, vejo sua preocupação e práticas em construir, junto com as comunidades nas quais realiza pesquisa, uma relação de participação e colaboração. Nesse sentido, busco seguir trajetórias semelhantes, sendo igualmente inspirada pelas atividades de minha orientadora junto à comunidade de Marudá, onde realizou pesquisas em décadas passadas, e pela atuação de minha coorientadora, Denise Cardoso, que conduziu pesquisas de forma participativa e colaborativa no distrito de Guarijubal, também pertencente a Marapanim.

A Professora Lourdes Furtado trabalhou e pesquisou na localidade nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Como mencionado anteriormente, ela destaca que a senhora *Ângela* era sua grande orientadora de campo, sendo uma líder comunitária em Marudá e muito benquista por todos e todas que teve contato e interação. Isso se deve à sua atuação proativa em questões que poderiam contribuir para uma melhor qualidade de vida dos/as moradores/as da localidade, especialmente dos *filhos* e *filhas* dessa comunidade. Desde o meu primeiro trabalho de campo em Marudá, no ano de 2018, a senhora *Ângela* sempre se fez presente. Assim como foi orientadora de campo da professora Lourdes, foi a minha também, pois intermediou os contatos entre alguns pescadores, além de me acompanhar e ajudar durante as entrevistas.

Naquele período, eu era extremamente inexperiente e insegura, visto que era a minha primeira experiência fazendo trabalho de campo sozinha, mas a senhora *Ângela* foi fundamental, pois com ela, não me sentia desamparada. Na época, ela já estava com a saúde debilitada e andava com dificuldades, mas por conhecer muitos motoristas de carros informais

que fazem transporte na localidade, um deles estava à nossa disposição para fazer os trajetos até as casas dos interlocutores. Após o último trabalho de campo, realizado em 2018 quando ainda era Bolsista de Iniciação Científica, só retornei à localidade de forma presencial em setembro de 2022.

Durante esse intervalo, nossa interlocução era espaçada, ou seja, não nos falávamos com frequência. No entanto, assim que houve a possibilidade do meu retorno como mestranda, entrei em contato com a senhora *Ângela*, que na época estava com 90 anos de idade, para avisá-la da minha volta a campo. Ao chegar em Marudá/PA, fui diretamente visitá-la em sua residência. Com toda sua receptividade e acolhimento, ela nos recebeu com ótimas conversas e um saboroso suco de muruci (*Byrsonima orbignyana*).

Durante nossas conversas, todos que por ali passavam acenavam para ela e, pela minha percepção, todos se dirigiam a ela com muito entusiasmo. Três dias antes de retornar para o campo em outubro de 2023, através da plataforma digital *Whatsapp*, recebi a notícia de *Eduarda* de que a senhora *Ângela* havia falecido devido a uma parada cardiorrespiratória. Durante minha chegada e nos diálogos com os *filhos* e *filhas* de Marudá, era unânime a expressão dos sentimentos de dor e gratidão por tudo o que ela fez por Marudá.

Nesse contexto, a Professora Lourdes fez um texto em homenagem à senhora *Ângela* e me pediu para compartilhá-lo com os conhecidos que eu tinha em Marudá. Através das plataformas digitais, como *Facebook* e *Whatsapp*, o texto foi compartilhado por muitos, levando antigos interlocutores da minha orientadora a virem até mim como forma de expressar o sentimento de gratidão que sentiram ao ler a homenagem à senhora *Ângela*. Dessa forma, pude conhecer outras pessoas que fizeram parte dos trabalhos de campo da Professora Lourdes em décadas passadas.

Atualmente, muitos desses interlocutores fazem parte da minha rede. Outros trabalhos de campo serão realizados na localidade, e cada vez mais é perceptível que o encontro de gerações no meio acadêmico se entrelaça as gerações dos *filhos* e *filhas* de Marudá. Esses processos em campo foram fundamentais para o processo de minha escrita etnográfica.

A colombiana Joanne Rappaport (2007) afirma que na colômbia, a etnografia é assumida como pesquisa de campo, como aquilo que se desenvolve no campo, logo, ela propõe que a antropologia deve valorizar o local, os contextos locais, de forma colaborativa e com diálogo, sem buscar interpretação, como abordava o antropólogo inglês James Clifford. O texto que a professora Lourdes Furtado fez em homenagem a senhora *Ângela* e, a repercussão que o mesmo teve, me fez perceber que ambas, enquanto a professora Lourdes atuava como pesquisadora e

a senhora *Ângela* como liderança comunitária, trabalharam de forma colaborativa em busca de amparos socioeconômicos diante dos impactos causados pelo processo de modernização e da intensificação do mercado capitalista, visto que a comunidade tem como principais atividades e turismo e a pesca artesanal, onde não possuem amparos suficientes das gestões governamentais.

Logo, através das instituições acadêmicas como Museu Paraense Emilio Goeldi e Universidade e Federal do Pará, a comunidade e meio acadêmico tiveram construção e colaboração:

Quando alguns chegavam pra fazer pesquisa aqui, eu perguntava se eles iriam ajudar os moradores, os pescadores e as mulheres, eu pedia ajuda mesmo. Olha, muitos barcos foram reformados, redes de pesca de boa qualidade...os pescadores viveram muito bem nessa época, porque eu corria atrás, e eles também. A gente tinha muita ajuda. Agora, não tem é nada (Ângela, 2018).

Desse modo, através de projetos fomentados pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, assim como por outras instituições, conquistados pela professora Lourdes Furtado, pelo grupo RENAS, até sua fase IV (que foi até 2019) e pela senhora *Ângela*, homens e mulheres tiveram muitos amparos e recursos, principalmente no que diz respeito à atividade pesqueira. Nos capítulos posteriores será mencionado esses pontos.

Atualmente, busco seguir os mesmos caminhos, atualizando dados produzindo pesquisas participativas e colaborativas junto à comunidade de Marudá e buscando desconstruir estruturas colonialista de pesquisa, que enxergavam as periferias — termo utilizado por Roberto Cardoso de Oliveira (1993) — como inferiores e objetos de análise. Logo, buscarei desconstruir as estruturas eurocêntricas. Não é um processo fácil, pois existe uma estrutura colonial muito intrincada. Como afirma Roberto Cardoso de Oliveira (1993), não há como negar a persistência do poder (ou da hegemonia) das antropologias centrais. No entanto, a expansão da antropologia central no mundo, como as produzidas na França, Inglaterra e Estados Unidos, ao chegar nas periferias – que são os países fora do contexto das antropologias centrais – com suas especificidades e contextos sociopolíticos de países latino-americanos que foram colonizados e subalternizados por esses países que deram origem às antropologias centrais, está levando a um processo de descentralização da disciplina e transformação.

Guillermo (2007) menciona que participou das lutas em colaboração com povos indígenas, no caso dos quais tinha relação, o povo Guabiano, não como professor ou antropólogo, mas como alguém aliado às lutas desses povos, compreendendo, validando suas especificidades e colaborando com suas lutas. Dessa forma, minha busca é seguir os caminhos das pesquisas colaborativas e participativas junto às *filhas e filhos* de Marudá.

CAPÍTULO I — O entrelaçamento entre tradição e modernidade na pesca artesanal ao longo do litoral Nordeste Paraense.

Tradição e modernidade são dois termos que se entrelaçam, construindo dinâmicas que tem como base as mudanças e continuidades. Dessa forma, a utilização dos conceitos de mudanças e continuidades nesta dissertação está relacionada ao entrelace entre tradição e modernidade, que transmite a preservação dos saberes tradicionais, se dá em meio às transformações e novas compreensões geradas pelo processo de modernização, moldado pela dinâmica do mercado capitalista, que causam também muitas transformações e mudanças.

Lucia Helena de Oliveira Cunha (2007) ao pesquisar sobre as ordens e desordens socioambientais expressas nas dinâmicas de pesca na região central da costa do Paraná, especialmente em Shangri-Lá e Pontal do Sul, com ênfase no conhecimento tradicional dos pescadores artesanais, busca analisar os conceitos de tradição e modernidade em suas ambivalências, sem definir ambos conceitos em estruturas fechadas e limitadas, mas de percebe-los em suas conjunção e disjunção (Cunha, 2007:165).

Dessa forma, os conceitos de tradição, continuidades, mudanças e modernidade são analisados nesta dissertação a partir da perspectiva de que não estão dissociadas, mas associadas, ocasionando em mudanças e continuidades em relação a dinâmicas das relações sociais em torno do universo da pesca artesanal, visto que as mudanças estão constantemente acontecendo, assim como as continuidades através da produção de suas existências no campo mais simbólico também, de forma entrelaçada, como redes de pesca sendo tecidas.

Dessa forma, neste capítulo, os conceitos são discutidos, debatidos e analisados de maneira aberta e não limitada, ou seja, sem definições rígidas ou isoladas. Em vez disso, são abordados com base nos trabalhos produzidos no Brasil, na região Norte, e especificamente no Nordeste Paraense, que discutiram e discutem as mudanças e continuidades a partir do entrelaçamento entre tradição e modernidade, além de como esses conceitos se conectam ao contexto de Marudá. Logo, procurarei compreender esses conceitos em seus sentidos opostos, porém complementares, como afirma Cunha (2007), em suas conjunções e disjunções, uma vez que não há definições generalizadas sobre seus significados (Cunha, 2007, p. 163).

1.1 — O entrelaçamento entre tradição e modernidade: a construção de novas perspectivas de mudanças e continuidades.

Tradição e modernidade são expressões que se encaixam no que Cunha (2007) chama de "unidade oposta complementar", onde a articulação entre ambas não exclui uma à outra, mas se fundem, gerando novas mudanças e continuidades. É importante destacar que falar desse entrelaçamento é desafiador, pois sempre compreendia esses conceitos como totalmente opostos, sem complementaridade, visualizando-os de maneira rígida e inflexível.

Vale ressaltar que a atividade pesqueira é uma das ramificações do universo da pesca, pois transcende o âmbito estritamente econômico para se tornar um modo de vida. O ato de pescar, além de contribuir para a manutenção da renda familiar dos pescadores e daqueles que não se identificam formalmente como pescadores na localidade, carrega significados que vão além das questões econômicas, tocando aspectos simbólicos e existenciais dos moradores locais — essa discussão será aprofundada no capítulo II. No entanto, com a intensificação do processo de modernização, esse modo de vida passou por transformações e reformulações, onde para eles, a atividade pesqueira ganhou novas ressignificações, mas manteve suas tradicionalidades, o que reflete nas continuidades, de forma ressignificada.

Um exemplo deste processo de mudanças e continuidades consiste nos materiais utilizados nas pescarias em Marudá. Arian Nery (1996), ao descrever as tecnologias utilizadas nas pescarias artesanais e suas devidas transformações, ocasionadas pela introdução de materiais mais industrializados, mas ao mesmo tempo, a manutenção da tradição em suas práticas, pois afirma que antes da introdução da linha de nylon, a pesca de tarrafa⁸ era feita com fios de algodão. Após essa inovação, os fios passaram a ser adquiridos nas praças de Belém e tecidas pelo próprio pescador, logo, apesar da industrialização das malhadeiras passarem a ter um material mais industrializado, a habilidade do pescador não era descartada (Nery, 1996:201). Atualmente, a partir da minha observação participante, a maioria das redes e tarrafas são adquiridas pelos pescadores já confeccionadas, como afirma do relato do pescador *Otávio*:

A maioria das rede agora, a gente compra, a gente compra agora, porque antigamente, a gente tecia mais, mas de uns tempo pra cá, a tecnologia avançou a gente já encontra os panos, as panagens de 100 metros, até mil metros a gente encontra, aí conforme a gente tem o dinheiro, a gente compra. As vezes o preço é muito alto, aí a gente compra o nylon e tece, porque a panagem é muito cara e não compensa... (Otávio, 2024).

⁸ De acordo com o pescador Otávio (2024) e Nery (1996), a tarrafa é um tipo de rede de pesca circular, com pequenos pesos ao longo de toda a borda. Normalmente, ela é lançada à mão e captura peixes pequenos e camarão, depende do tamanho de sua malha. A malha é o espaçamento entre nós de uma rede de pesca, que o tamanho desse espaçamento demarcara os tipos de peixes que devem ser capturados, respeitando a reprodução das espécies aquáticas que são capturadas

Dessa forma, por mais industrializados que se tornem os materiais e apetrechos pesqueiros, com muitos já comprando redes prontas e tecidas, a maneira como são usadas para capturar as espécies aquáticas — ou seja, os conhecimentos tradicionais — permanece entrelaçada com a industrialização desses apetrechos.

Mais adiante, descreverei em maior detalhe as redes de pesca e os conhecimentos tradicionais que as envolvem, especificamente no que representam para os pescadores, pescadoras e outros praticantes da atividade, mas o objetivo de expor este exemplo é para ilustrar como tradição e modernidade estão interligadas, provocando tanto mudanças quanto continuidades. Mesmo que o processo produtivo na pesca esteja mudando, como no caso de muitos que já não precisam tecer suas redes devido aos avanços tecnológicos e industriais, os conhecimentos tradicionais ainda continuam a ser transmitidos de geração em geração, fazendo parte do universo simbólico dos *filhos e filhas* de Marudá.

Assim sendo, observei e analisei outro exemplo. Durante os trabalhos de campo em Marudá e com base na literatura, percebi que esses dois conceitos se entrelaçam e se fundem, como, o calendário das marés, essencial tanto para a captura de peixes quanto para o turismo, especialmente para os trabalhadores que realizam a travessia de Marudá para Algodual⁹. Segundo a interlocutora *Eduarda*, os pescadores e pescadoras, junto com os cooperados da Associação dos Lancheiros da Ilha de Maiandeuá/Marudá (CLIMAN), utilizam seus conhecimentos tradicionais sobre o movimento das marés para transmitir essas informações digitalmente, compartilhando-as com a comunidade e os turistas.

Vale enfatizar que a dinâmica e planejamento dos pescadores e daqueles envolvidos em atividades como turismo e eventos — principalmente as procissões de santas e santos das igrejas católicas da localidade — está diretamente ligada à relação com os horários das marés.

Figura 4: Informações do Horário de Saida das embarcações do porto Marudá.

⁹ Algodual é uma das ilhas do município de Maracanã, no Pará, e faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Algodual/Maiandeuá. A ilha é muito frequentada por turistas durante as férias, especialmente nos meses de julho e dezembro, além dos feriados. O acesso mais comum é a partir de Marudá, por meio de barcos, e a travessia dura cerca de 40 minutos. Durante a baixa temporada, os horários de saída são fixos, enquanto na alta temporada, os barcos partem com maior frequência.



Fonte: Imagem de anuncio elaborada pela Cooperativa dos Lancheiros da Ilha de Maiandeu/Marudá, enviada para mim via WhatsApp pela interlocutora *Eduarda*, (2024).

Mais à frente irei aprofundar sobre o movimento das marés e suas características, pois a relação, modos de vida e ações das *filhas* e *filhos* desse território esta intrinsecamente relacionada à esta dinâmica. Logo, o objetivo de mencionar este exemplo é enfatizar que o tempo das águas, do mar, dos peixes e do ecossistema são diferentes do tempo do relógio, que segundo Ivete Nascimento (1995), inspirada nas teorias sobre o tempo do historiador Thompson¹⁰ (1975), é o tempo que está atrelado as medições e calendários reforçados pelo capitalismo, logo, o tempo da natureza juntamente com o tempo do relógio são opostos, mas se complementam no contexto da dinâmica de mercado capitalista que estamos inseridos. Além disso, é nítida a distinção defendida por Evans Pritchard (1978) entre “tempo ecológico” — referindo-se à interação entre seres humanos e o meio ambiente — e “tempo estrutural”, que se relaciona aos efeitos das relações mútuas dentro de uma estrutura social.

Dessa maneira, o entrelaçamento da tradição e modernidade que influencia na continuidade dos conhecimentos tradicionais, juntamente com as mudanças e ressignificações resultantes do processo de modernização, influenciada pela dinâmica do mercado capitalista. Sendo assim, mudanças e continuidades são conceitos bem enfatizados e demarcados em muitas

¹⁰Historiador que em sua obra *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial* (1998) analisa a relação do homem com o tempo no século XVIII, momento em que com a industrialização, processo produtivo passa a ser controlado pelo tempo do relógio

pesquisas na área de antropologia sobre comunidades pesqueiras ou haliêuticas no litoral do Nordeste Paraense, assim como em outras localidades do Brasil, desde a década de 1960, momento em que as indústrias pesqueiras começaram a ser implantadas Brasil, como afirma Diegues (1999).

Cardoso (2000) destaca o aumento expressivo de dissertações e teses relacionadas às sociedades pesqueiras no Brasil desde a década de 1970. Acrescento que esse crescimento não se deve apenas ao processo de industrialização das indústrias pesqueiras, mas também a outras variáveis intrínsecas à modernização, como a construção de estradas destinadas a automóveis considerados mais tecnológicos, conforme as demandas do mercado capitalista. Foi através dessas estradas que se iniciaram tanto o turismo desorganizado quanto a pesca artesanal predatória em grande escala.

É evidente observar o aumento dos estudos e pesquisas relacionados à tradição e modernidade neste universo, especialmente a partir das produções realizadas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi sobre os povos das águas. Graça Santana (2005) afirma que os primeiros estudos na área de Antropologia sobre populações pesqueiras ocorreram nos municípios de Marapanim e Quatipuru, e foram financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)¹¹ e pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM)¹², no início dos anos de 1970. Esses estudos deram origem ao projeto RENAS, criado oficialmente na década de 1990. De acordo com Ivete Nascimento (2004), integrante do projeto e pesquisadora em Marapanim antes do surgimento do projeto RENAS, desde a década de 1970, pesquisas sobre a vida das comunidades pesqueiras nas praias, rios e lagos do Pará têm sido realizadas.

Nesse contexto, o Projeto RENAS passou por quatro fases distintas. Para facilitar a compreensão dessas fases, elaborei um quadro baseado nas informações fornecidas por Graça Santana (2005), uma das integrantes do projeto RENAS, no Anais da *Oficina Integrada para o*

¹¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) é uma entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) para incentivo à pesquisa no Brasil, fundada no ano de 1951 (Gov.br. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq> . Acesso em: 04 set. 2024.).

¹² A SUDAM foi fundada em 1966, mas suspensa em alguns períodos, sendo restabelecida em 2001. A entidade tem como objetivo fomentar o desenvolvimento econômico e social da Amazônia Legal, incentivando investimentos e promovendo a sustentabilidade na região (Gov.br. Superintendência do desenvolvimento da Amazônia. Disponível em: <https://www.gov.br/SUDAM>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

*uso de recursos naturais na Amazônia*¹³, organizado por Lourdes Furtado, Adriana de Aviz e Maria Alice Martins de Souza (2005):

Tabela 1: quadro com as fases do Projeto RENAS.

Fases do Projeto RENAS- Populações Tradicionais Haliêuticas.	Tema central da fase	Descrição
Fase I (1994-1997)	<i>O Homem e seu Meio Ambiente.</i>	Tinha como base a ênfase em pesquisas voltadas para a geração de conhecimento sobre a realidade do setor pesqueiro, que ainda era invisível como segmento da sociedade regional
Fase II (1999-2002)	<i>Organização Social, Desenvolvimento e Sustentabilidade em Comunidades Pesqueiras na Amazônia).</i>	É resultado dos debates realizados na <i>Oficina Recursos Naturais, Conflito e Gestão na Pesca Amazônica</i> , com apoio financeiro do International Development Research Centre (IDRC), CNPQ e Museu Paraense Emilio Goeldi.
Fase III (2002-2014)	<i>Impactos antrópicos, Uso e gestão da biodiversidade em comunidade ribeirinhas e costeiras da Amazônia.</i>	O foco desta fase consistia em abordar os impactos antrópicos, o uso e a gestão da biodiversidade em comunidades ribeirinhas e costeiras da Amazônia. Conceitualmente, trata-se de um projeto de pesquisa com uma abordagem sistêmica, interdisciplinar e transdisciplinar, voltado para a análise e compreensão das dinâmicas socioculturais e socioambientais típicas de

¹³ Foi um evento realizado no mês de junho de 2004 em Belém, com aprovação do Museu Paraense Emílio Goeldi e Centro Internacional de Investigación para el Desarrollo-CIID (Canadá, através de seu escritório da América Latina no Uruguai). A Oficina Integrada tinha como objetivo reunir ideias de diferentes pessoas e instituição que estudavam segmentos sociais amazônicos em relação aos meios aquáticos, com foco no potencial de gestão entre agentes comunitários e lideranças políticas da região. Também visava incentivar a elaboração de programas e políticas públicas regionais (Furtado; Aviz; Sousa, 2005:3).

		comunidades de pescadores marítimos, estuarinos e fluviais.
Fase IV (2015-2019)	<i>Contexto das relações interculturais – patrimônios locais, uso, gestão e conservação da biodiversidade em comunidades marítimas e de águas interiores.</i>	O foco desta fase considera nas populações tradicionais haliêuticas as suas especificidades socioculturais e ambientais (organização social e sua dinâmica, o etno-conhecimento, a ecologia dos saberes nos processos interculturais); suas relações com a natureza através do uso dos territórios e sua biodiversidade e dos conhecimentos locais (saberes locais/etno-conhecimento) que lhes permitem identificar, classificar, significar e ressignificar os bens da natureza em seu cotidiano, e seus patrimônios culturais em relação às dinâmicas de seus processos.

Fonte: Tabela elaborada pela autora desta dissertação com base em dados e informações sobre o Projeto RENAS inseridas nos anais de evento da *Oficina Integrada para a gestão participativa do uso de recursos naturais na Amazônia*, organizado por Furtado; Aviz; Sousa, 2005).

O projeto foi coordenado pela professora e Doutora Lourdes Furtado, que no mês de agosto de 2024, foi premiada com a Medalha *Roquette Pinto*, entregue pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) a cientistas de destaque em diferentes campos. A prof.^a e Dra. Lourdes Furtado é amplamente reconhecida por seu papel inovador na Antropologia da Pesca, tendo construído uma carreira acadêmica dedicada ao estudo da pesca artesanal na Amazônia e à organização social das comunidades pesqueiras e populações haliêuticas. Estudos e etapas sempre compartilhados por seus pares e orientandos de PIBIC, mestrado e doutorado.

Dessa maneira, Fabricio Queiroz (2024) afirma que suas investigações abordam em profundidade as tradições, crenças, costumes e modos de vida das populações haliêuticas, temas centrais no projeto RENAS. A produção científica gerada por esse projeto levou à criação do Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAq), criado no ano de 2003, que mantém um valioso acervo audiovisual e documental. Esses esforços destacam as parcerias

desenvolvidas com as comunidades pesqueiras da zona costeira, das águas interiores do Médio Amazonas e do estuário amazônico (Queiroz, 2024).

Segundo Nascimento (2014), a história do RENAS e do LAMAq é marcada por uma visão holística, pois inicialmente tendo como base a abordagem antropológica, ampliou suas perspectivas ao assumir a multidisciplinaridade na compreensão dos modos de vida, logo, muitas pesquisas das áreas de Botânica, Zoologia, Ciências da terra, ecologia e museologia, contribuíram para pesquisas interdisciplinares, diálogos esses que contribuíram para diálogos necessários no que se trata a representações de classes e incentivos políticos (Nascimento, 2014:121-122).

Dessa forma, Nascimento (2014) também demarca que apesar das diferentes fases que o projeto RENAS passou, a os eixos de suas abordagens consistia em diálogos fundamentais para a reprodução e transmissão dos conhecimentos, na interação comunitária que acompanhava os grupos sociais que eram atravessados pelos processos globalizantes da economia ou da cultura, através das pesquisas científicas, formação de recursos humanos e extensão, incluindo instituições internacionais:

...aprovado em dezembro de/2008, para 24 meses, pelo Edital MCTI/CNPq nº 013/2008, Chamada 2, para a realização de atividades de pesquisa na categoria Execução de Projetos Conjuntos em Ciência, tecnologia e Inovação (CTI), Programa de Cooperação em Matérias de Ciências Sociais para os Países da Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP), da Assessoria de Cooperação Internacional (ASCIN/CNPQ) — Programa de Cooperação em Multilaterais realizados de modo tripartite pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, no Brasil; Universidade Lúrio (UNILÚRIO) em Moçambique, e Universidade Aberta (UAb), através do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) em Portugal (Furtado, 2014:5).

Os resultados desta Cooperação Internacional resultaram no livro *Olhares Cruzados sobre os povos litorâneos de comunidades dos países de língua portuguesa: percepção acerca do uso e gestão de territórios em comunidades haliêuticas do Brasil, Moçambique e Portugal-Belém, Lisboa, Maputo e Nampula*, publicado no ano de 2014, sob organização de Lourdes Furtado, Ivete Nascimento, Maria das Graças Santana da Silva, Denize Adrião, Emilia V. Noormahomed, Manuela Malheiro Ferreira, Maria Beatriz Rocha-Trindade, Natália Ramos.

Outro ponto fundamental que demonstra o aumento das produções acadêmicas relacionadas a tradição e modernidade nas populações haliêuticas consiste na integração que os cursos de Pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) passaram a fazer, pois, incluíram disciplinas focadas nas populações tradicionais haliêuticas em ambientes marinhos, estuarinos e ribeirinhos. Nesse contexto, desde 1984, o Museu Paraense Emílio Goeldi, em

parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA), realizaram o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) nos níveis de mestrado e doutorado, com destaque em Antropologia e Sociologia. Dentro desses cursos, Lourdes Furtado, Cristina Maneschy e Denize Genuína da Silva Adrião lecionaram a disciplina Antropologia das Sociedades Haliêuticas (Furtado, 2014:108).

Dessa forma, o termo populações haliêuticas é denominado pelo projeto RENAS e pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) — atualmente, o Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), no qual eu estou inserida — no sentido amplo, de modo a incorporar artes que vão além da pesca de captura. Sobre essa perspectiva, são considerados artefatos ligados à aquicultura tradicional, às práticas de extrativismo marinho, à coleta de moluscos e crustáceos, captura de peixes e outras espécies da biodiversidade marinha, todos elementos centrais na cultura dos povos que dependem dos recursos aquáticos (Furtado, 2014:4). Assim, o termo "haliêutico" nesta dissertação abrange essa mesma amplitude.

Deste modo, a relação do humano com a biodiversidade também está entrelaçada, pois a dinâmica deste ecossistema está diretamente ligada as práticas, representações simbólicas e modos de vida das populações tradicionais haliêuticas, assim como em outras categorias sociais, pois como defende Bruno Latour (2004) a natureza não deve ser vista como algo separado ou inferior à sociedade, mas sim como uma teia de interações complexas e interconectadas, dessa forma, entende-se que os seres humanos são parte integrante do meio ambiente, e que a conservação e o manejo dos recursos naturais demandam uma compreensão mais profunda das relações entre os sistemas sociais e ecológicos (Latour, 2004: 12-14).

Assim, com o avanço do processo de modernização e a inserção da dinâmica de mercado capitalista em Marudá, observei que, a partir dos exemplos mencionados anteriormente, bem como outros que citarei mais adiante, os conhecimentos tradicionais dos *filhos e filhas* de Marudá estão profundamente interligados ao ecossistema local. Isso se evidencia desde a escolha específica das redes de pesca, utilizadas de forma a capturar espécies específicas, respeitando o ciclo reprodutivo de outras espécies, até os saberes relacionados aos horários das *marés*, com o conhecimento detalhado sobre o movimento das águas, como *enchentes* e *vazantes*. *Enchente*, segundo os moradores e moradoras locais, se trata de um fenômeno espontâneo que consiste no aumento do nível da água dos rios, lagos e estuários, já a *vazante* é o contrário, ocorre a redução do volume de água. Em Marudá, de acordo com que eu pude

observar e também com a literatura que mencionei neste capítulo, o intervalo entre uma e outra ocorre de seis à oito horas, depende da lua que está presente no dia.

Conforme relataram meus interlocutores locais, a Lua¹⁴ influencia as *marés* por meio de sua força gravitacional, que atrai as águas dos oceanos, ocasionando a elevação e a queda dos níveis. Durante a lua cheia, ocorre o fenômeno conhecido como *maré de lanço*, caracterizado pela rápida oscilação do nível da água, tanto na elevação quanto na diminuição. Além disso, nesse período, as *marés* se intensificam, tornando-se mais fortes. Além das *marés*, os interlocutores e interlocutoras dizem que a lua influencia em suas oscilações emocionais, da mesma forma que ocorre que as *marés de lanço*.

Nesse sentido, a partir do exemplo mencionado a cima, a associação das ideias de Latour com o contexto dos habitantes de Marudá foi inspirada pela reflexão de Raylson Castro (2023) sobre o Estudo de caso Saramaka no Suriname. A partir das reflexões de Latour (2004), é possível compreender a importância de reconhecer e valorizar o conhecimento e a perspectiva dos povos tradicionais em relação à natureza e aos recursos naturais:

A comunidade Saramaka, como muitas outras comunidades tradicionais, possui um profundo conhecimento sobre seu território, os ciclos naturais, as espécies de plantas e animais e as práticas de manejo sustentável. Esses conhecimentos são essenciais para a preservação dos ecossistemas e a garantia de um equilíbrio ambiental. (Castro, 2023:104).

Dessa forma, por mais que sejam localidades em contextos ambientais e países que se diferem, os conhecimentos tradicionais, passados de gerações para gerações ao longo do tempo, tanto e, Saramaka quanto Marudá, é visível observar que esses conhecimentos ajudam a manter o equilíbrio do ecossistema e da biodiversidade. Porém, como o entrelaçamento entre tradição e modernidade ocorre, onde o sistema capitalista está infiltrado neste entrelaçamento, causando as mudanças e continuidades, a relação dos *filhos e filhas* como esse ecossistema também passou por influências do capitalismo, até como maneira de produzirem suas existências dentre que sistema que está de certa forma no poder

Embora Saramaka e Marudá estejam inseridos em contextos ambientais e países distintos, os conhecimentos tradicionais, transmitidos de geração em geração ao longo do tempo, desempenham um papel crucial na manutenção do equilíbrio do ecossistema e da biodiversidade em ambas as localidades. No entanto, com o entrelaçamento entre tradição e

¹⁴ A Lua possui fases, que consistem em lua nova, lua crescente, lua cheia e lua minguante, nessa ordem (Instituto Nacional de Meteorologia, 2024)

modernidade, marcado pela infiltração do sistema capitalista, observam-se mudanças e continuidades nessas práticas. A relação dos moradores com o ecossistema também foi influenciada pelo capitalismo, que passou a moldar suas práticas como uma forma de adaptação às dinâmicas impostas por esse sistema, o qual exerce considerável influência sobre suas formas de produção e existência.

Sendo assim, essas populações haliêuticas foram atravessadas por esses processos de mudanças e continuidades de forma contínua, pois sempre algo está se modificando e se entrelaçando a continuidades de seus modos de vida e suas produções de suas existências. Desse modo, são conceitos que estão diretamente ligados ao entrelaçamento entre tradição e modernidade, ou seja, as modificações relacionadas ao impacto da modernização e conseqüentemente, da tradição se adaptando e ressignificando a partir desses processos. Algumas pesquisas não necessariamente utilizam o conceito mudanças e continuidades, mas abordam sobre a demarcação da modernidade e da dinâmica de mercado capitalista em comunidades tracionais pesqueiras ou haliêuticas.

Assim sendo, como afirma Cunha (2007), apesar de as interações entre sociedade e natureza terem sido historicamente caracterizadas por grandes desequilíbrios, a crise ecológica na era moderna é sem igual na história recente. Isso se deve tanto à sua globalização, que afeta todas as regiões do mundo em uma escala sem precedentes, quanto à visão predominante da natureza, orientada pelas sociedades industriais atuais e moldada pela disseminação do capitalismo em vários do planeta:

À medida que as contradições regem a história humana em todos os domínios sociais, as desordens são constantes na dialética do pensamento e do real conferindo genuidade à sua proposta epistemológica e revolucionária, tanto no plano do conhecimento como no plano político. Pois, para ele, a sociedade é marcada por desequilíbrios permanentes, em razão de as contradições e os conflitos de classe serem estruturalmente inerentes a vários modos de produção que se sucederam na história; sendo o mercado no modo de produção capitalista o lugar de caos e injustiças, não passível de regulação (Cunha, 2007:3).

Dessa forma, para compreender esses processos de mudanças e continuidades, realizei um levantamento bibliográfico das produções relacionadas ao contexto haliêutico de localidades do Nordeste Paraense, com o objetivo de dialogar com o contexto socioambiental de Marudá, considerando o intercâmbio e as trocas de experiências semelhantes entre essas localidades. O Nordeste Paraense possui uma vasta produção acadêmica, o que permite o acesso à pesquisas realizadas em diferentes momentos da história, anteriormente.

Neste sentido, irei analisar neste capítulo como os conceitos de mudanças e continuidades foram abordados por pesquisadores desde a década de 1970 até os dias atuais, destacando as interconexões presentes nesses estudos ao longo do tempo. Os temas mais discutidos nesse período, que se relacionam e se assemelham em várias localidades haliêuticas ou pesqueiras, estão ligadas as transformações ocasionadas pela dinâmica de mercado capitalista e impactos relacionados a modernização. Esse impacto é evidenciado pela construção de estradas que facilitaram o acesso entre essas localidades e os grandes e médios centros comerciais. Além disso, observa-se um ciclo de aumento e subsequente diminuição da pesca artesanal voltada para o mercado, bem como a intensificação desorganizada da atividade turística, especialmente em municípios do Nordeste Paraense que possuem praias e balneários.

1.2 — Debate teórico sobre tradição, continuidade, modernidade e mudanças pela literatura em algumas localidades do Nordeste Paraense.

Indústrias no Brasil, assim como também a construção de estradas e ramais em contexto amazônico, foram grandes empreendimentos da intensificação do processo de modernização. As estradas, segundo Elida Figueiredo (2007), foram construídas e tinham como finalidades facilitar o acesso a regiões ditas como distantes, que contribuíram com a ocupação de áreas para atividades, que em geral eram vetores de devastação da floresta, como por exemplo, projetos de ocupação de áreas “vazias”, grandes projetos de mineração, a agroindústria, a agropecuária e entre outros (Figueiredo, 2007:21). Essas áreas ou espaços “vazios”, simbolizam segundo Felipe Menezes Soares (2015) à condição da Amazônia no início da década de 1970.

A conexão entre a Amazônia e a ideia de um "espaço vazio" é um argumento frequentemente presente nos discursos regionalistas que se referem a essa vasta área do território nacional. De acordo com o discurso oficial, as "novas áreas" a serem integradas ao progresso incluem tanto a Amazônia quanto o Nordeste do Brasil, regiões que, sob a lógica que orientava o "terceiro governo" da ditadura, eram vistas como locais marginalizados na economia nacional (Soares, 2015:9-10).

Desse modo, Figueiredo (2007) afirma que, historicamente, as estradas desempenham um papel fundamental nas mudanças sociais e, em grande medida, nas mudanças ambientais de qualquer região. No contexto do Nordeste Paraense, onde está localizada Marudá, surgiram muitas pesquisas motivadas pelas demandas geradas pela construção de estradas e rodovias. Essas pesquisas, em sua maioria, compartilham o foco nas mudanças, nos conflitos, na tradição

e na modernidade em comunidades tradicionais, onde a pesca artesanal é essencial tanto para a vida material quanto para a vida simbólica dessas populações, pois como afirma Cristiano Ramalho (2004) fazer parte da pesca artesanal significa construir laços de pertencimento com o mar, criando uma conexão profunda e harmoniosa com esse recurso natural (Ramalho, 2004:63).

Ao realizar o levantamento e a revisão bibliográfica sobre a temática de mudanças e continuidades em localidades do Nordeste Paraense, observei que a construção de estradas que conectavam essas localidades aos grandes e médios centros comerciais do Estado do Pará provocou grandes transformações no modo de vida dessas populações. Acrescento que no contexto das comunidades pesqueiras ou haliêuticas do litoral do Nordeste Paraense, o turismo e a pesca em grande escala voltada para o sistema de mercado capitalista foram vetores que incentivaram a construção dessas estradas. Essas mudanças influenciadas pela modernização se entrelaçaram e segue se entrelaçando as continuidades através das tradições em muitos municípios costeiros marinhos.

Essas evidências podem ser observadas em diversos trabalhos realizados na localidade desde a década de 1970 até os dias atuais, onde os sinais desse processo de modernização e tradição, que estão presentes às mudanças e continuidades, são constantemente atualizados em várias pesquisas sobre esses contextos no litoral do Nordeste Paraense. Assim, para compreender os conceitos de mudanças e continuidades em Marudá/PA, recorri a algumas pesquisas realizadas em contextos semelhantes e interligados. Como mencionado na justificativa, embora existam muitos trabalhos sobre mudanças e continuidades em localidades do Nordeste Paraense, percebi que essas atualizações são atualmente pouco investigadas e analisadas em Marudá, onde este trabalho vem para somar com as produções.

Nesse sentido, desde a década de 1970, como mencionado anteriormente, diversos trabalhos no campo da antropologia, bem como em áreas interdisciplinares que dialogam com as ciências sociais e ambientais, foram realizados em várias localidades do Nordeste Paraense. Esses estudos demonstram como mudanças e continuidades ocorrem em seus respectivos contextos, destacando a construção de estradas e rodovias como um vetor de muitas transformações provocadas pela modernização. Contudo, evidenciam também o entrelaçamento com a tradição do modo de vida haliêutico, resultando na preservação de certas continuidades, ou seja, práticas sociais, formas de agir e reagir diante das dinâmicas sociais em presença.

Logo, Louis Forline e Lourdes Furtado (2002), ao analisarem os conceitos que se formam em torno das comunidades consideradas “tradicionalistas” da Amazônia, afirmam que “em diferentes planos da vida material e social dos povos, o tradicionalismo e a modernidade se mesclam ou assumem status diferentes num mesmo grupo social” (2002:213). Dessa forma, cabe ao pesquisador ou pesquisadora realizar uma etnografia da sociedade ou do objeto de pesquisa, a fim de examinar como se dá a mesclagem entre tradição e modernidade e identificar os processos sociais internos e externos (Forline; Furtado, 2002).

Os autores buscam enfatizar que a mesclagem entre tradição e modernidade em comunidades tradicionais resulta em modos de vida complexos e cheios de especificidades. A fronteira entre tradicionalismo e modernidade parece permear diferentes níveis de grupos humanos, sejam indígenas, camponeses ou urbanos. estejam imersas entre mudanças e continuidades.

Outra produção que demonstra as análises entre tradição e modernidade consiste nos trabalhos publicados pelo Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, na área de antropologia, como, o boletim volume 11, publicado em julho de 1995¹⁵, onde a publicação deste boletim é parte integrante das atividades comemorativas aos 25 anos de atuação do Museu Paraense Emílio Goeldi desenvolvendo pesquisas sobre pesca na Amazônia.

Deste modo, os trabalhos aí inseridos estão relacionados as influências da modernização tecnológica através de motores e redes de nylon, a expansão das rodovias e o mercado consumidor, juntamente com a atividade pesqueira industrial, vista que esses fenômenos estavam acarretando maior pressão aos estoques e, conseqüentemente, interferindo na reprodução social das populações. As pesquisas expostas neste boletim foram desenvolvidas em diferentes áreas como estuário, o litoral, e águas interiores (Silveira; Nascimento; Furtado, 1995:3).

Denize Adrião (2006) afirma que naquele período, destacava-se a crescente relevância da região do Salgado Paraense para pesquisas antropológicas, especialmente em função das transformações significativas que a afetavam. Nesse contexto, a questão da *tradição e mudança* na pesca artesanal era amplamente abordada em diversos estudos.

¹⁵ As organizadoras deste Boletim foram Isolda Maciel da Silveira, Ivete Nascimento e Lourdes Furtado (1995).

Adrião (2006) em sua pesquisa investiga as mudanças provocadas pela introdução do turismo balnear¹⁶ na vida tradicional dos pescadores locais do município de Salinópolis, localizado no Nordeste Paraense, visto que o turismo é considerado um dos principais agentes de transformação na vida dessas comunidades. O estudo enfatiza as transformações sociais resultantes das mudanças nas relações de trabalho, da pesca artesanal para os serviços voltados ao turismo balnear.

Além disso, analisa alterações no espaço sociofamiliar, nas relações de vizinhança, no parentesco, nas redes de solidariedade, afinidade e compadrio, e na organização da vida comunitária, incluindo festas, rituais, crenças e mutirões (Adrião, 2006). Logo, o turismo balnear atingiu muitas localidades do Nordeste Paraense além de Salinópolis, como Marudá, que com a construção de estrada mais apropriada para automóveis mais modernizados, passou a ser visitada e habitada por turistas, mais afrente aprofundo mais na categoria do turismo, categoria essa que está envolvida no entrelaçamento de mudanças e continuidades.

Portando, diante da diversidade de estudos que abordam as transformações e continuidades, elaborei um quadro com algumas produções que me ajudaram a compreender esses processos no Nordeste Paraense, incluindo, conseqüentemente, Marapanim/PA e Marudá. Vale destacar que as publicações apresentadas no quadro estão organizadas em ordem cronológica crescente:

Tabela 2 – Produções elaboradas entre as décadas de 1970 à 1990 no Nordeste Paraense em ordem crescente de ano

Publicação/Ano *Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia (1985).*

Autoria	Violeta Loureiro
Descrição	Na obra, a autora analisa como o processo de expansão do capital na Amazônia, impulsionando rápidas transformações, alterou as formas de trabalho e as relações sociais entre os indivíduos. Diante desse cenário, torna-se essencial compreender e registrar essas mudanças. Assim, a autora se insere no conjunto de estudos que busca refletir sobre as maneiras pelas quais a categoria dos trabalhadores tradicionais, representada neste contexto pelos

¹⁶ O turismo balnear é uma das categorias do turismo que abrange as atividades turísticas associadas ao aproveitamento e uso de praias, rios, lagos e outras áreas aquáticas para fins de lazer e recreação.

parceiros da pesca, resiste à extinção, articulando novas formas de organização frente à subordinação ao capital. A autora conclui que, na condição de não proprietários dos meios de produção, os parceiros da pesca contribuem tanto para a reprodução dos proprietários quanto para a sua própria subsistência, além de favorecer a acumulação no circuito de produção e comercialização do pescado. Nessa dinâmica, encontram-se as bases da subordinação. A persistência dessas formas de dominação do capital e de resistência do pequeno produtor revela os inúmeros conflitos vividos na região.

Publicação/Ano *Currulistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará (1987).*

Autoria Lourdes Gonçalves Furtado

Descrição Analisa as transformações socioculturais experimentadas pelos moradores e moradoras de Marudá, população de uma região costeira do Estado do Pará, após a chegada de meios de transporte e comunicação mais modernos, que a conectaram a um círculo mais amplo de intercâmbio econômico. Esses processos de integração resultaram em mudanças, como o aumento da exploração dos recursos naturais e a especulação imobiliária, impulsionadas pelo crescimento do turismo e pela comunicação, desdobramentos do processo de modernização e da dependência do capital financeiro e comercial.

Publicação/Ano *"Trabalhadeiras" & "Camarados": Relações de Gênero: Simbolismo e Ritualização numa Comunidade Amazônica (1993).*

Autoria Angélica Mota Maués

Descrição Maria Angélica Motta-Maués examina as dinâmicas de gênero em uma comunidade amazônica, localizada em Itapuá, no Pará. A autora investiga como as relações de gênero são representadas e ritualizadas, enfatizando o papel das mulheres, conhecidas como

"*trabalhadeiras*", e dos homens, chamados de "*camarados*", no contexto social da região.

Por meio de uma abordagem etnográfica, Motta-Maués analisa as práticas culturais e sociais que moldam essas relações, analisando rituais e simbolismos que tanto reforçam quanto questionam as normas de gênero. A pesquisa também considera a divisão sexual do trabalho, observando como ela se manifesta nas atividades do dia a dia e nas festividades comunitárias. As pesquisas de campo ocorreram entre 1975 e 1970, momento de muitas transformações ocasionadas pelo processo de modernização que Violeta Loureiro menciona.

Publicação/Ano	<i>Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras (1993)</i>
Autoria	Edna Alencar
Descrição	A autora faz apontamentos sobre a postura de pesquisadoras e pesquisadores ao analisar sobre as relações de gênero no universo pesqueiro amazônico, visto que, na divisão sexual do trabalho, as mulheres eram vistas como subalterna aos homens, suas atividades eram mais voltadas tanto para as atividades domésticas, quanto para as atividades antes e após captura de espécies aquáticas, como remendar redes; limpar o que foi pescado dentre outras atividades, enquanto que o homem ficava apenas debruçado na tarefa considerada mais importante no processo do trabalho da pesca tanto por pesquisadoras e pesquisadores, quanto pelos pescadores, tornando assim, as atividades femininas menos importantes.
Publicação/Ano	<i>A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no Litoral do Pará (1995)</i>
Autoria	Maria Cristina Maneschy
Descrição	Este estudo analisa alguns desses papéis, considerando o impacto de várias transformações que afetaram a pesca no estuário

amazônico desde a década de 1960. Inovações nas técnicas de captura e conservação do pescado, melhorias no transporte e a presença constante de comerciantes nos portos pesqueiros reduziram as tarefas realizadas antes e depois da captura, alterando a participação de homens e mulheres na pesca. Em comunidades rurais, verificou-se que as mulheres se afastaram das atividades pesqueiras sem que isso gerasse novas oportunidades de trabalho. Pesquisas em Belém (Pará) com famílias migrantes de áreas pesqueiras mostraram que a necessidade de subsistência tem levado mulheres e filhas de pescadores a procurar emprego. Quando conseguem, essas ocupações tendem a ser sazonais e de baixa remuneração, tanto no setor pesqueiro quanto fora dele.

Publicação/Ano *Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional da Amazônia - Zona do Salgado - Pará (1995).*

Autoria Arian da Costa Nery

Descrição Este artigo tem como objetivo destacar os artefatos utilizados pelos pescadores do litoral paraense, particularmente na faixa costeira do município de Marapanim/PA. O texto apresenta uma descrição detalhada dos instrumentos que compõem a tecnologia tradicional empregada pelos pescadores locais. No período analisado (entre 1976 à 1983), a área foi afetada pela expansão do setor agropecuário empresarial, que ocupava grandes porções de terra anteriormente cobertas por vegetação secundária, conhecida localmente como capoeira. Como consequência, houve a extinção de várias espécies que forneciam matéria-prima essencial para a confecção dos artefatos de pesca tradicionais, resultando em um desequilíbrio na relação entre o homem e o meio ambiente. Esse processo forçou a readaptação dos apetrechos de pesca, que passaram a ser fabricados com matéria-prima de origem industrial.

Publicação/Ano *Tempo da Natureza e tempo do relógio — Tradição, mudança em uma comunidade pesqueira (1995).*

Autoria	Ivete Nascimento
Descrição	<p>Este estudo analisou a construção do tempo entre os pescadores do município de Maracanã, localizado no litoral nordeste do Pará. A temporalidade foi investigada na articulação entre o tempo natural e o tempo do relógio, predominantes em comunidades tradicionais e sociedades urbano-industriais. A construção do tempo foi abordada sob as seguintes perspectivas: na articulação entre passado (o "tempo de dantes") e presente (o "tempo de hoje"); na espera e na busca, que sincronizavam o trabalho dos pescadores com a natureza, por meio do uso do curral e das redes, principais instrumentos de captura na região; no presente, onde o tempo natural e o tempo do relógio permaneciam em constante e tensa articulação, com a prevalência ora de um, ora de outro, tanto na cidade de Maracanã, centro urbano do município, quanto nas pequenas vilas pesqueiras, que recriavam de forma limitada o tempo de dantes; no contexto do turismo, quando os <i>veranistas</i>¹⁷ visitavam o litoral e o tempo do relógio dominava o cotidiano dos pescadores; dentre outras perspectivas. A pesquisa de campo ocorreu de setembro a agosto de 1995, porém, o contato com a localidade se deu desde o ano de 1985.</p>
Publicação/Ano	<i>MULHERES CATADORAS: Uma Abordagem Antropológica Sobre a Produção de Massa de Caranguejo – Guarajubal/Pará (2000)</i>
Autoria	Denise Cardoso
Descrição	<p>A pesquisa aborda a relação entre gênero e meio ambiente, um tema de grande relevância. Além disso, integra-se ao debate a discussão sobre as diversas populações tradicionais que habitam a região amazônica. O estudo, conduzido na região do Salgado, nordeste do Pará, concentra-se nas questões ambientais e nas relações de gênero que permeiam a produção e comercialização da</p>

¹⁷ Termo utilizado pelos *filhos, filhas* e em muitos trabalhos sobre o Nordeste Paraense para designar os turistas.

massa de caranguejo, em um contexto de rica biodiversidade. Nesse sentido, busca compreender de forma mais abrangente a realidade da localidade de Guarajubal, a partir da lógica de seus habitantes, considerando sua história, saberes, conhecimentos e aspectos culturais em sua totalidade. A pesquisa de campo foi realizada entre os anos de 1999 até 2000.

Fonte: tabela elaborada pela autora desta dissertação

Sendo assim, esses trabalhos foram realizados entre as décadas de 1970 até o início dos anos 2000 evidenciam muitos debates que se entrelaçam, principalmente a tradição e modernidade. Esses trabalhos abriram caminhos para Petronio Potiguar Jr (2002; 2008); Helena Doris (2000), Elida Figueiredo, Denize Adrião (2006) e dentre outros trabalhos que o contexto costeiro marinho dialogam. Atualmente, assim como eu, uma nova geração também está navegando nos debates atuais, principalmente mudanças climáticas, desigualdade de gênero, conflitos socioambientais e movimentos de categoria social:

Tabela 3 – Produções elaboradas pela nova geração de pesquisadoras e pesquisadores no Nordeste Paraense em ordem crescente de ano.

Publicação/ Ano *Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas, Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinhos e a Defesa dos Mares e Rios na Amazônia Brasileira (2023).*

Autoria/as	Victor Lima; Francisco Araos; Edna Alencar
Descrição	Neste estudo, os autores analisam o processo de institucionalização das Reservas Extrativistas (RESEX) Costeiras e Marinhas na faixa litorânea do estado do Pará. Com base em uma revisão bibliográfica e documental sobre o tema, buscam identificar os conflitos socioambientais relacionados a práticas, ações e políticas na região. Logo, defendem que esse processo impulsionou a formação de organizações comunitárias locais, lideradas por pescadores artesanais, marisqueiras, extrativistas e pequenos agricultores. Essas estratégias de resistência chamaram a atenção de ONGs, ambientalistas, técnicos, pesquisadores, religiosos e políticos locais, que, em conjunto, protagonizaram mobilizações

políticas resultando na reivindicação pela criação de áreas protegidas no litoral do Pará.

Publicação

Rede de Solidariedade e Justiça Socioambiental: A rede de Mulheres das Marés e das águas do litoral do Pará (2024).

Autoria

Carla Cilene Siqueira Moreira

Descrição

Este estudo visa contextualizar o surgimento das mobilizações sociopolíticas das mulheres extrativistas costeiras e marinhas, que resultaram na criação da Rede de Mulheres das Marés e das Águas no litoral do Pará. Assim, apresenta-se um breve histórico da luta dessas mulheres rurais e extrativistas na proteção dos manguezais da Amazônia. O foco recai sobre os processos ocorridos nas reservas extrativistas marinhas do Pará, a atuação das mulheres e os discursos envolvidos nas reivindicações por justiça socioambiental. Embora frequentemente pouco na literatura sobre a Amazônia e na criação das reservas extrativistas marinhas, essas mulheres participaram ativamente das lutas socioambientais. O objetivo é evidenciar as lutas, estratégias e resistências que vêm sendo construídas nos territórios por diversos atores e atrizes sociais, em resposta a sistemas de opressão como patriarcado, capitalismo, colonialismo e neoextrativismo

Publicação

“ Kial” é o peixe ganhado na beira do porto: a pratica de partilhar o peixe na vila dos pescadores, em Bragança Pará (2024).

Autoria

Adriana Cecim

Este artigo reflete sobre uma prática aparentemente informal realizada por pescadores e moradores da Vila dos Pescadores, localizada na Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, no município de Bragança, litoral do Pará: o *kial*. Essa prática consiste em pedir e doar peixe na beira do porto, durante o desembarque. Com a redução das safras de espécies mais valorizadas no mercado, os pescadores que atuam no estuário enfrentam dificuldades para garantir sua reprodução social.

Assim, além de representar um gesto de solidariedade e cooperação mútua, o *kial* se transformou em uma prática comercial, adotada como estratégia para superar as dificuldades financeiras desses trabalhadores. Neste artigo, a autora evidencia os processos de mudanças e continuidades também influenciado pelas estradas.

Diante da diversidade da produção acadêmica que foi atravessada pelos contextos de mudança e continuidade, pensar e refletir sobre as dinâmicas das relações sociais em torno do universo da pesca, é conseqüentemente se remeter ao sistema de mercado capitalista, que atingiu os modos de vida dos *filhos* e *filhas* de Marudá/PA, ou seja, mudanças ocorreram e continuam ocorrendo, mas também, muitas continuidades e adaptações de saberes e conhecimentos tradicionais haliêuticos. Sahlins (1992) contribuiu para a reflexão:

... esta é a história do capitalismo mundial, o que além do mais, testemunhará de dupla maneira a autenticidade de outras formas de existência. Em primeiro lugar, pelo fato de que a presente ordem global foi decisiva e moldada pelos chamados povos periféricos, pelos diversos modos como articulam culturalmente o que lhes estava acontecendo. Em segundo lugar, porque a diversidade, apesar das terríveis perdas que vem sofrendo, não está morta, mas persiste na estreita dominação ocidental... (SAHLINS, 1992: 11).

Aplicando essas análises ao contexto de algumas populações do litoral Nordeste Paraense, ao observarmos os pescadores e moradores originários dessas localidades, percebemos que uma característica marcante é a inserção no mercado aliada à preservação de seus saberes e práticas sociais, aspectos fundamentais para essa inserção ao longo do tempo. No caso de Marudá, as simbologias associadas à pesca artesanal são evidentes, pois essa atividade vai além das questões de mercado; trata-se de um modo de vida. Mais adiante, aprofundarei essa afirmação.

Vale ressaltar que quando afirmo que são algumas localidades no litoral do Nordeste Paraense, é baseada nas interlocuções e trabalhos que são produzidos por colegas e amigas/os de pesquisa que analisam sobre mudanças, continuidades, questões políticas nessas localidades e modos de vida, onde observei muitas semelhanças no que se trata a essas características.

Para compreender os conceitos de mudanças e continuidades nessas comunidades haliêuticas, utilizo, metaforicamente, como “remos” que me auxiliam a navegar nas águas da

minha pesquisa, alguns trabalhos produzidos por pesquisadoras e pesquisadores da região Norte sobre localidades do Nordeste Paraense. Esses estudos abrangem tanto pesquisas atuais quanto aquelas realizadas nas décadas de 1970, 1990 e 2000, como já mencionado anteriormente.

Atualmente, os impactos das mudanças e continuidades seguem sendo debatidos entre o meio acadêmico e mobilizações/movimentos de categoria social, a partir de outros apelos, principalmente no que envolve os impactos aos ecossistemas, influenciando na qualidade de vida e de existência simbólica das populações tradicionais, os fazendo a resistirem através de muitas mobilizações, como, a Rede de Mulheres das Marés, a reativação da AMAPEM, as mobilizações no universo simbólico da pesca artesanal, as mobilizações de categoria social que incentivaram a criação das Resex Marinhas no litoral do Pará e, dentre outros.

Deste modo, no próximo capítulo irei aprofundar sobre o cenário regional e local, assim como também, irei apresentar um breve histórico sobre a atividade pesqueira ou haliêutica de Marudá/PA e posteriormente, como ocorre a dinâmica das relações sociais em torno do universo da pesca artesanal atualmente, relações que são atravessadas pela tradição e modernidade, provocando em mudanças e continuidades.

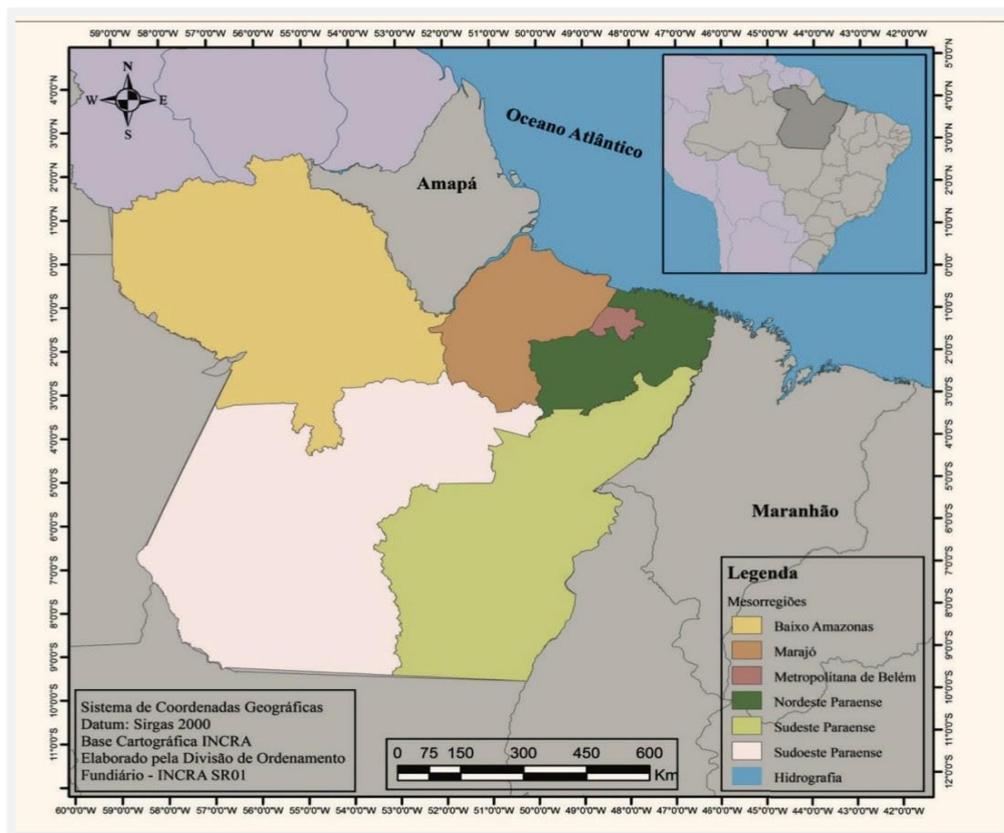
CAPÍTULO II— Cenário regional

Neste capítulo, brevemente aborda-se a história da mesorregião do Nordeste Paraense, com ênfase no processo de povoamento, nos aspectos culturais e na relação entre seres humanos e ambiente, com especial atenção à microrregião do Salgado Paraense, para chegar a Marudá. De modo a apresentar o presente, se faz necessário compreender o passado, visto que ambos estão interligados. Para isso, este capítulo se baseia em pesquisas sobre evidências históricas, arqueológicas, socioculturais, econômicas, ambientais e políticas, relacionadas tanto à mesorregião quanto à microrregião do Salgado Paraense, que servirão como fundamento para a análise do cenário regional.

Dessa forma, de acordo com Iracema Maria Castro Coimbra Cordeiro, Marcelo José Cunha Arbage e Gustavo Schwartz (2017), no ano de 1987, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) reorganizou os estados em mesorregiões e microrregiões geográficas para facilitar a realização de estudos geoestatísticos. Com essa reorganização, o Pará foi dividido em seis mesorregiões: Baixo Amazonas, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense. Cada uma dessas mesorregiões foi, por sua vez,

subdividida em microrregiões, que agrupam vários municípios (Cordeiro; Arbage; Schwartz, 2017:22).

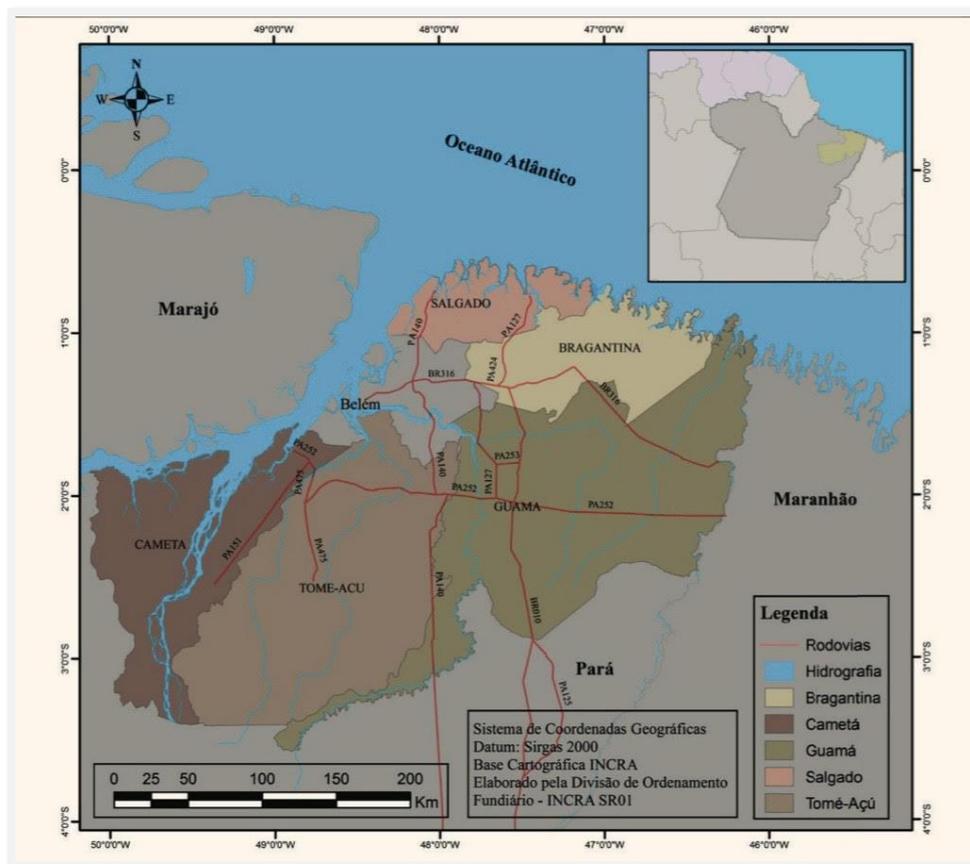
Figura 5: mapa localizando as mesorregiões do Estado do Pará



Fonte: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, (2016: 23, Apud Cordeiro; Arbage; Schwartz, 2017:22)

Dessa forma, a mesorregião do Nordeste Paraense é composta por 5 microrregiões, como, Guamá, Bragantina, Cametá, Salgado, Tomé-Açu, como mostra no mapa a seguir:

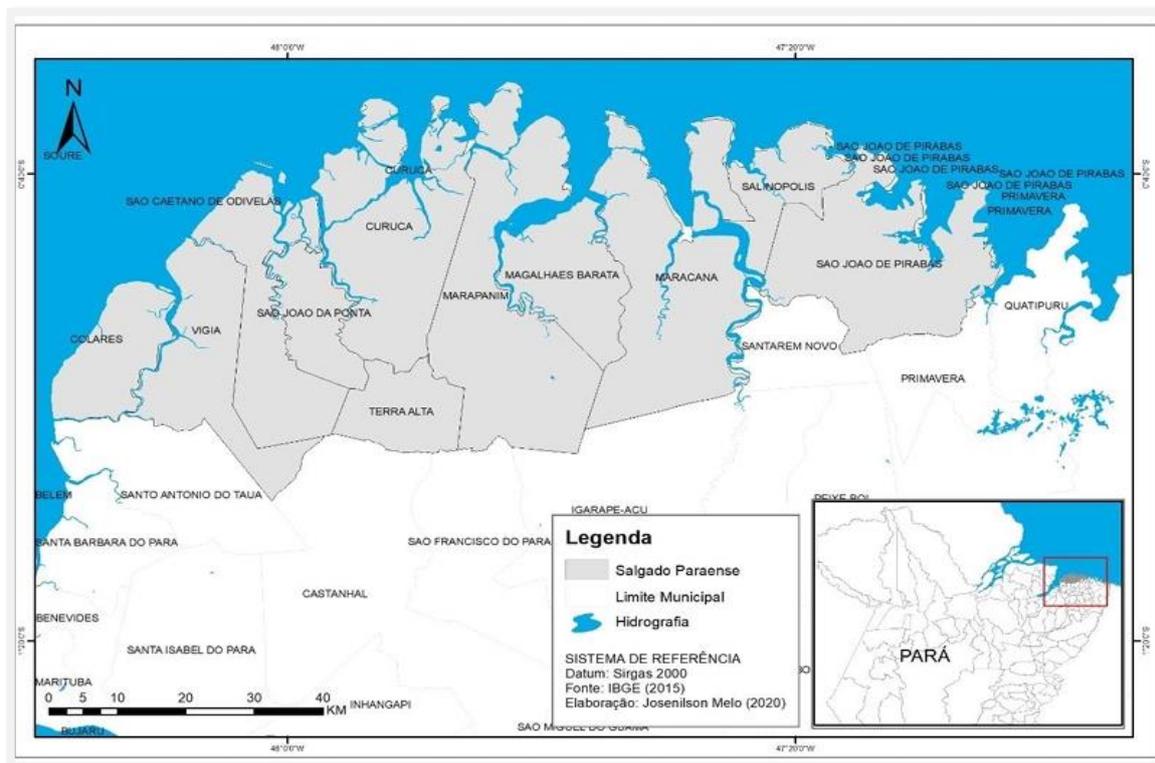
Figura 6: Microrregiões do Nordeste Paraense



Fonte: Elaborado por Marcelo Arbage, com base em dados do INCRA (2016). Apud Cordeiro; Arbage; Schwartz (2017:24).

Essa é a microrregião enfatizada nesta dissertação, a do Salgado Paraense, visto que o município de Marapanim é localidade em que está inserido o distrito de Marudá. De acordo com Cordeiro, Arbage, Shwartz (2017), além de Marapanim, a microrregião do Salgado é composta por mais 10 municípios, como, Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Salinópolis, São Caetano de Odivelas, São João da Ponta, São João de Pirabas, Terra Alta e Vigia.

Figura 7: mapa da microrregião do Salgado Paraense



Fonte: Josenilson da Silva Melo (2020) citado por Márcio Douglas Brito Amaral, (2023:31).

2.1 — Contextualizando brevemente o processo de povoamento do Nordeste Paraense, a partir da colonização no século XVII.

Segundo Furtado (1987), povoamento da região ocorreu de duas maneiras: de forma espontânea ao longo da costa, impulsionado pelo sistema de navegação entre as cidades de Belém e São Luís, no Maranhão; e de forma planejada, nas áreas próximas ao traçado da Estrada de Ferro de Bragança, construída durante o período áureo da borracha. Apesar da proximidade com a capital do estado, o povoamento do Nordeste Paraense intensificou-se significativamente após a construção da ferrovia.

Cordeiro, Arbage e Schwartz (2017) também argumentam que o processo de ocupação e colonização na mesorregião do Nordeste Paraense ocorreu em dois ciclos distintos. O primeiro ciclo está relacionado às expedições dos colonizadores portugueses no interior do Estado. Durante esse período, os rios Acará, Guamá e Capim serviram como principais vias de acesso para as incursões europeias, que deram origem aos municípios da região.

2.1.1 — Primeiro ciclo

Logo, Marcio Douglas Brito Amaral e Josenilson da Silva Melo (2023) afirmam que o primeiro ciclo ocorreu com a criação da Companhia Geral do Grão-Pará (1755-1778), que

provocou a expulsão de grupos religiosos, especialmente a Companhia de Jesus, conhecidos como jesuítas, que até então coordenavam a produção nas localidades, incluindo as localizadas no litoral do Salgado Paraense. Dessa forma, segundo Leandro de Lima Leandro e Fabio da Silva (2012) as reformas promovidas na gestão do governador da época Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, transformaram o que no período dos jesuítas era aldeamentos à categoria de vilas.

É relevante destacar que, conforme Cardoso (2000) e Furtado (1981; 1987), os jesuítas chegaram a Marapanim e passaram a ocupar a região a partir de 1656. As autoras também apontam, com base em suas pesquisas, que a tradição oral da população local mencionava a instalação dos jesuítas em uma fazenda chamada *Bom Intento*, situada na margem esquerda do rio Marapanim. Essa fazenda foi estabelecida no atual povoado de Arapijó, o mais antigo do município. As autoras apontam que, segundo a tradição oral, houve a chegada de religiosos e de diversas famílias de origem europeia (como os Pinto, Barata e Silva), vindas de municípios vizinhos a Marapanim. A fundação de fazendas impulsionou a expansão territorial e populacional de Marapanim, que passou por processos que resultaram em sua transformação de freguesia a vila, até alcançar o status de município nos dias atuais.

Nesse sentido, segundo Nathália Maria Dorado Rodrigues (2006), durante o período de administração pombalina, foram instituídas companhias comerciais monopolistas como parte de um plano estratégico para fortalecer a economia de Portugal e suas colônias. Essas companhias assumiram o controle do comércio nas colônias portuguesas, uma função que antes era amplamente dominada por comerciantes estrangeiros. Com a morte de D. João V, D. José I, seu filho, ascendeu ao trono. O catastrófico terremoto de Lisboa em 1755 foi um acontecimento decisivo que levou Sebastião José de Carvalho e Melo, mais tarde conhecido como Marquês de Pombal, a ser nomeado Ministro de Negócios do Reino (Rodrigues, 2006:1).

Como ministro, o Marquês de Pombal implementou uma série de mudanças que marcaram sua administração por profundas reformas em todos os setores, com uma forte intervenção do Estado em diversas áreas da vida nacional. De acordo com Rodrigues (2006: 2), Pombal reestruturou a burocracia do reino, promoveu a industrialização como uma alternativa

para reduzir a dependência de importações de manufaturados estrangeiros e incentivou a criação de monopólios e o protecionismo econômico através das companhias de comércio¹⁸.

Historicamente, a construção cultural da Amazônia, moldada a partir de sua identidade colonial, foi fortemente influenciada por um ecossistema no qual a floresta e os rios exerceram uma profunda influência sobre a sociedade que se formou ao longo dos principais eixos de colonização, sendo assim, Geraldo Mártires Coelho (2002), no prefácio do *Repertório documental para a memória da pesca Amazônica*, enfatiza que o século XVIII, a Amazônia desempenhou um papel significativo dentro da ordem colonial. Esse impacto pode ser observado na importância que a região adquiriu na nova estrutura de poder e na reorganização do Estado português durante o extenso período em que o Marquês de Pombal esteve no poder (1750-1777), sendo a região, inclusive, governada por seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça (Coelho, 2002:6).

Assim, após contextualizar o primeiro ciclo ocupação e colonização na mesorregião do Nordeste Paraense, o segundo ciclo, outro período marcante de transformação econômica na Amazônia foi o auge da borracha, no final do século XIX e início do XX. Segundo Amaral e Melo (2023), esse auge movimentou a região de maneira significativa, impactando-a tanto direta quanto indiretamente. Com a expansão urbana de Belém, a demanda por abastecimento cresceu, criando a necessidade de projetos de colonização agrícola. Para apoiar essa expansão, foi construída a Estrada de Ferro de Bragança, projetada para conectar a região e facilitar o transporte da produção até Belém.

2.1.2 Segundo ciclo de transformações que atingiu o município de Marapanim.

Cordeiro, Arbage e Schawartz (2017) afirmam que a construção da estrada de ferro Belém-Bragança intensificou significativamente o processo de ocupação, e os municípios conectados por essa ferrovia refletem as transformações que ocorreram. Como resultado, a área de influência da ferrovia tornou-se a primeira fronteira agrícola da região, impulsionando notavelmente o crescimento populacional e econômico.

¹⁸ Rodrigues (2006) afirma também que Pombal desempenhou um papel crucial nas reformas educacionais e culturais, expulsando os comissários volantes do reino e das colônias, assim como os jesuítas. A economia da região era predominantemente baseada na coleta das "drogas do sertão", que incluíam produtos como cacau, cravo, canela, baunilha, salsaparrilha, resinas e plantas gomíferas e oleaginosas. Outras atividades econômicas importantes eram a pesca, a caça, o plantio e uma pecuária rudimentar (Rodrigues, 2006:2).

Logo, imigrantes do Nordeste Brasileiro, principalmente do Ceará, migraram para o Norte do Brasil com o objetivo de fornecer mão de obra para os seringais. No entanto, com o declínio da indústria da borracha, esses trabalhadores se viram sem ocupação e buscaram novas oportunidades. Muitos deles se dirigiram às terras do Nordeste Paraense, próximas à Estrada de Ferro de Bragança, o que resultou em uma intensificação das ocupações na região (Furtado, 1987:32)

Esses novos habitantes segundo Furtado (1987) passaram a desenvolver a agricultura extensiva, que, ao longo dos anos, causou a destruição da cobertura vegetal local e, conseqüentemente, uma redução na produtividade das terras. Dessa forma, afirmava que essa situação persistiu até a construção da rodovia Belém-Brasília, que trouxe mudanças econômicas para o Nordeste Paraense. Com a nova rodovia, surgiram novas frentes de agricultura intensiva nas áreas ao seu redor, além de oportunidades de crescimento para o setor terciário, destacando-se a cidade de Castanhal, localizada às margens dessa via. (Furtado, 1987: 32).

Assim, a população do Nordeste Paraense se dividiu em diferentes segmentos sociais, como pescadores, agricultores e aqueles mais dependentes dos recursos do setor terciário, como comércio e serviços. Nesse período, a pesca e a agricultura eram as atividades predominantes na região (Furtado, 1987: 32-33). Furtado (1987) ressalta que a vida econômica dos habitantes dessa área era influenciada por duas zonas ecológicas: a *orla marítima* e as *terras firmes*. Essas regiões possibilitaram a formação de dois grupos sociais principais: os pescadores, ligados à área costeira, e os lavradores, nas terras firmes. No município de Marapanim, especificamente, essas áreas eram conhecidas como *Região Praiana* e *região de Água Doce*, onde pescadores predominavam na primeira e lavradores na segunda, refletindo as características distintas de cada espaço.

Marudá está situada na *Região Praiana*, onde, segundo Furtado (1987), a população de pescadores se estabeleceu. Atualmente, nessa área residem os descendentes desses pescadores do passado. Embora a pesca ainda seja praticada, observei que ela é diferente de como ocorria em décadas passadas, como no período em que a Professora e Dra. pesquisou a localidade. Naquela época, muitos viviam exclusivamente da atividade pesqueira, o número de pescadores profissionais era mais expressivo e a continuidade da profissão pelos filhos era mais evidente

No entanto, muitos dos descendentes preservam simbolicamente e mantêm a continuidade de práticas e saberes relacionados à pesca, transmitidos de geração em geração,

logo, o universo da pesca artesanal é um modo de vida, que representa pertencimento e identidade para os *filhos* e *filhas*. Esses conhecimentos incluem a sabedoria das águas, profundamente entrelaçada com suas crenças, nas quais o ecossistema – ou "natureza", como eles/elas chamam – é dotado de voz, espírito e vontades que devem ser respeitadas. Um relato feito por *Otávio* exemplifica essa perspectiva:

O mar que manda, e nós temos que respeitar. Tem dias que o mar ta revolto, então a gente já sabe que não é pra entrar, ele ta falando pra gente que não é um bom dia pra entrar na maré, mas tem dia que ele ta mais chamativo, ai a gente já sabe que pode entrar. Se a gente não obedece, a gente sofre as consequencia. (Otávio, 2023.)

Dessa forma, a tradição está no presente, mesmo as mudanças ocorrendo, mas a visão de mundo continua quase inalterada na crença, na sabedoria das águas, dessa forma, são conhecimentos e modos de vida que continuam. Dessa maneira, esses conhecimentos e modos de vida relacionados ao universo da pesca artesanal se faz presente há décadas, desde a formação do povoamento da categoria de pescadores no final da década de 1920, segundo Furtado (1987). Atualmente as embarcações dos pescadores possui motores, mas mesmo diante deste avanço tecnológico, ocorre uma relação de cúmplices históricos entre as águas e os pescadores (Ramalho, 2004), explanando e contextualizando para Marudá, não só entre os pescadores e as águas, mas entre todos os *filhos* e *filhas* de Marudá descendentes de pescadores.

Nesse contexto, a pesca, realizada com uma variedade de artefatos, como o curral de pesca e a rede de pesca, teve início com maior poder predatório durante o processo de migração de moradores e companhias de pesca do município de Soure, localizado no arquipélago do Marajó/PA, para Marudá/PA. O objetivo era explorar a pesca na costa oriental, onde Marapanim e, conseqüentemente, Marudá estavam situados. A primeira companhia a se estabelecer no distrito foi a chamada *Gonçalo Brandão e Cia*, que instalou os primeiros currais de pesca na localidade (FURTADO, 1987).

Com o passar do tempo, conforme afirmado por Furtado (1987), Marudá se tornou um grande polo pesqueiro. A construção da estrada Marapanim-Marudá, em 1955, proporcionou aos pescadores uma via mais fácil e rápida para escoar seus produtos. Antes, o transporte era realizado principalmente via fluvial e geleiras, o que demandava mais tempo para levar o pescado para a venda em outras localidades. A construção dessa estrada resultou no aumento da migração de pessoas. Durante esse período, houve um crescimento significativo na atividade pesqueira e no turismo. No decurso, as construções de estradas, o crescimento do turismo e a

pesca em grande escala de forma desenfreada causaram muitos impactos que permearam as dinâmizações das relações sociais em torno do universo da pesca artesanal.

Segundo Furtado (1987), muitos conflitos começaram a surgir naquele período, ocasionados pela construção de estradas e rodovias, que foram desenvolvidas com maior infraestrutura para automóveis a partir da década de 1950. Nesse momento, o processo de modernização e globalização passou a impactar a localidade e os modos de vida de forma mais significativa.

O turismo sem planejamento teve início e, a pesca artesanal com alto poder predatório para venda nos médios e grandes centros comerciais, como Belém e Castanhal, passou a ser facilitada pelas estradas (Furtado, 1987:3). Todas essas mudanças influenciaram os modos de vida da localidade, pois suas atividades passaram a atender demandas externas, enquanto os moradores.

O período da década de 1950 até 1980 foi caracterizado pela construção de grandes rodovias. Essa infraestrutura foi parte da política de "*Integração Nacional*" promovida pelos governos militares, o que desencadeou fluxos migratórios de outros Estados ao longo dessas rodovias, resultando na formação de pequenas vilas que, posteriormente, se desenvolveram nos municípios atuais (Cordeiro; Arbage; Schwartz, 2017:27).

Furtado (1987) afirma que, com a expansão do sistema rodoviário, o tradicional meio de transporte e comercialização do peixe, representado pelas *geleiras*, foi gradualmente substituído pelo transporte terrestre. As estradas e os caminhões, equipados com sistemas de acondicionamento semelhantes aos utilizados nas *geleiras*, reduziram o tempo de espera, facilitando o acesso do pescado aos grandes e médios centros comerciais. Esse desenvolvimento impulsionou o crescimento da atividade econômica, à medida que a demanda de mercado aumentava. O encurtamento do tempo de transporte permitiu que o peixe chegasse fresco aos pontos de venda, o que era preferido pelos consumidores.

A intensificação da atividade pesqueira para abarcar uma demanda capitalista, ocasionada pela implementação das estradas geraram uma pressão de caráter jurídico que atuavam como fator interveniente na formação da área pesqueira, através do controle das atividades através da Federação das Colonias de Pescadores:

As implicações ecológicas e sociais que acompanham as normas de controle de pesca, por outro lado, refletem-se na formação da área pesqueira de Marapanim. O

crescimento populacional de pescadores locais, obviamente provocaria uma exploração maior dos recursos disponíveis nos rios e igarapés. Sua continuidade sempre crescente, visando à superação das necessidades de consumo doméstico e de mercado, poderia transformar a atividade pesqueira, naquela área citada num ato predatório da fauna ictiológica. Eram necessárias, então, medidas preservacionistas. Dai, segundo o discurso de velhos pescadores, em razão de tais medidas, verificou-se um paulatino deslocamento de pessoas do interior para o litoral, onde os pescadores podiam continuar com suas modalidades tradicionais de pescaria, humanizando a paisagem costeira. Tamaruteua, Sauaá, Camará e Marudá, são expressões dessa humanização (Furtado, 1987:73)

Entre as localidades mencionadas, Marudá foi a que mais experimentou um crescimento na comercialização da atividade pesqueira, em grande parte devido à construção da estrada Marapanim-Marudá, que facilitou o escoamento do pescado, além do impacto da atividade turística — tema que será abordado posteriormente. Uma das continuidades que observei foi a preocupação com a degradação do ecossistema. A criação da Reserva Extrativista (Resex) Marinha Mestre Lucindo, oficializada em 2014 no município de Marapanim, resultou das mobilizações de lideranças locais. Essa medida buscava proteger as paisagens costeiras e preservar os modos de vida haliêuticos das populações locais, cujas práticas pesqueiras têm uma forte conexão geracional com o ambiente marinho. A Resex foi também uma resposta aos impactos negativos causados pelos "*barcos de fora*", responsáveis por danos ecológicos e conflitos com as comunidades locais — um tema que será detalhado mais adiante. Dessa forma, ao longo do tempo, a dinâmica do mercado capitalista influenciou a localidade, afetando sobretudo as relações sociais relacionadas ao universo da pesca artesanal.

2.2 Área de estudo: região do Salgado Paraense

Segundo Catharine Prost, Lucileide Lopes, Frederico Bahia e Marcony Castro (2005), a microrregião do Salgado Paraense é formada por uma combinação de reentrâncias e projeções compostas de estuários e pontas arenosas e lamacentas. As paisagens incluem praias, restingas, cordões e bancos de areia, lagos, planícies de maré e áreas de manguezal, que se estendem rio adentro até os limites entre a cunha salina e a várzea, que consiste em uma vegetação típica da Amazônia, encontrada ao longo dos rios e em planícies sujeitas a inundações. Esse ecossistema é periodicamente alagado e segue as dinâmicas do Rio Amazonas e de seus principais afluentes, o que o torna altamente dinâmico, sendo continuamente moldado pelas águas dos rios.

De acordo com Aryane de Oliveira, Cleuda Freire, Pedro Toledo, Maurício Gomes, Ana Buarque (2018), a cunha salina é um fenômeno observado em áreas costeiras, onde a água salgada do oceano penetra em aquíferos ou estuários, formando uma ‘cunha’ abaixo da água doce. Esse processo ocorre porque a água salgada possui maior densidade que a água doce, o que a faz avançar para o interior sob a camada de água doce.

Assim, os estuários se destacam como ambientes essenciais tanto para a vida animal quanto humana, devido às diversas funções ecológicas que desempenham para a fauna e a flora, que são a base de subsistência de muitas comunidades pesqueiras. Os manguezais, que constituem uma parte significativa dessas paisagens, exercem não apenas a função de filtro biológico, mas também servem como berçários de espécies aquáticas e promovem a retenção e reciclagem contínua de sedimentos (Prost; Lopes; Bahia; Castro, 2005:53).

Prost, Lopes, Bahia e Castro (2005) também afirmam que as macros marés semidiurnas se combinam com a água doce das bacias hidrográficas e das abundantes precipitações, contribuindo para o equilíbrio mineral do ecossistema. A conexão entre as águas do oceano Atlântico e as dos rios favorece a presença, permanente ou sazonal, de uma grande variedade de espécies ictiológicas, o que promove uma significativa diversidade de recursos pesqueiros. Além disso, os caranguejos, que habitam os manguezais, representam, junto aos peixes, uma fonte essencial de proteínas para as comunidades costeiras, além de constituírem uma importante fonte de renda através da sua comercialização nos mercados locais e regionais. Ao longo do tempo, essas paisagens têm sido moldadas pelas ações humanas, refletindo uma relação de influência mútua entre o ser humano e o ambiente natural (Prost, Lopes, Bahia e Castro, 2005:53).

As quatorze Reservas Extrativistas Marinhas do Nordeste Paraense fazem parte do que Paulo Victor Sousa, Francisco Araos e Edna Alencar (2023) chamam de um intrincado conjunto de ambientes e ecossistemas costeiros e marinhos de grande importância socioambiental, composto por mares abertos, manguezais, dunas, praias estuarinas, redes de canais, furos, restingas, igarapés, várzeas, campos inundáveis e áreas de terra firme. Essas regiões são influenciadas pela dinâmica das macros marés, ventos e correntes, que continuamente transformam as paisagens (Sousa; Araos; Alencar, 2023:379), além das ações antrópicas.

Sousa, Araos e Alencar (2023) também enfatizam que os manguezais ao longo da costa paraense, entrelaçados por rios e canais de águas calmas, desempenham um papel ecológico

crucial. Eles são altamente eficientes na captura de CO₂, absorvendo cinco vezes mais que as florestas tropicais, o que contribui de forma significativa para mitigar as mudanças climáticas. Além disso, os manguezais funcionam como refúgios e áreas de reprodução, servindo como berçários para diversas espécies, incluindo mamíferos, crustáceos, peixes, moluscos e aves (Sousa; Araos; Alencar, 2023:380). Porém, conforme consta no Caderno da Pesca, organizado por Lourdes Furtado, Adriana Aviz e Graça Santana (2004), a vegetação da região, predominantemente composta por manguezais, foi devastada ao longo de muitos anos devido ao processo de derrubada e queimada, para as atividades agrícolas, sendo assim substituída por dunas e praias. No capítulo III enfatizo um pouco mais sobre esta problemática no contexto de Marudá.

Dessa forma, com o objetivo de proteger os meios de vida e a cultura desses grupos sociais, garantindo o uso sustentável dos recursos comuns, o governo Brasileiro, a partir das mobilizações da categoria social, juntamente com movimentos ambientalistas e membros da academia conhecido como socioambientalismo¹⁹ deu origem as Reservas Extrativistas, dentre elas, as Reservas Extrativistas Costeiro Marinha (Sousa; Araos; Alencar, 2023:373).

Nesse sentido, Sousa, Araos e Alencar (2023) evidenciam que no contexto do Estado do Pará, muitas áreas do litoral do Nordeste Paraense enfrentavam ameaças geradas pelo avanço da pesca industrial, do turismo e de projetos de desenvolvimento, como a construção de rodovias que atravessavam seus territórios. Diante desse cenário, os povos da zona costeira e marinha do litoral paraense passaram pelo processo de mobilização política, com o intuito de criar áreas protegidas, fizeram surgir no ambiente costeiro as Reservas Extrativistas Costeiro Marinhas. Sendo assim, o Estado do Pará possui quatorze Reservas Extrativistas Marinhas, criadas entre o ano de 2001 até 2024.

Dessa forma, Marudá, distrito do município de Marapanim está inserida na Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, uma Unidade de Conservação oficializada em 2014. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2022, o município possui 26.573 habitantes e uma área territorial de 804,625 km² (IBGE, 2022).

¹⁹ Esse movimento surgiu na Amazônia brasileira no final da década de 1980, tendo como uma de suas principais lideranças políticas, o seringueiro e líder sindical Chico Mendes, assassinado em 1988. Sua atuação inspirou outras categorias sociais marginalizadas, como pequenos agricultores, pescadores artesanais, extrativistas, entre outros grupos incluídos sob o termo 'povos da floresta', a lutarem por seus direitos sociais e pela defesa de seus territórios (Lima; Araos; Alencar, 2023:374)

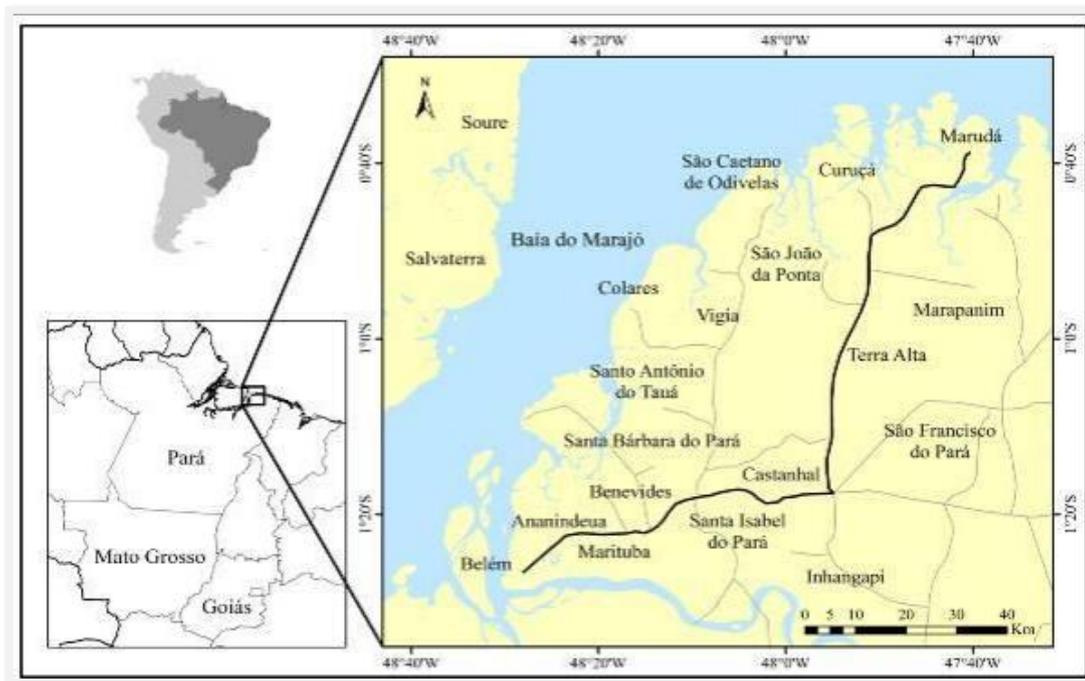
2.3 Caminhos de mudança até o presente: as estradas e as transformações em Marudá.

Diante desse contexto relacionado ao ecossistema, ao Norte, Marudá faz limite com a Baía de Marapanim, que se estende até o Oceano Atlântico. Ao Leste, a fronteira é marcada pela foz do Rio Marapanim; a oeste, pelo Igarapé Marudá; e, ao sul, pelos igarapés e áreas dos povoados de Bacuriteua, Cafezal e Recreio (Flor; Barbosa, 2014:37). Marudá, distrito do município de Marapanim, localizado no litoral nordeste do Pará, foi fundado em 1914 (Furtado, 1987). A fundação de Marapanim, segundo Furtado (1987), remonta ao final do século XVII e está associada à atuação dos missionários da Companhia de Jesus na região do Salgado Paraense.

De acordo com Corrêa e Simões (1971), a localidade possuía uma extensão de aproximadamente 15 km no sentido norte-sul e 9 km no sentido leste-oeste, sendo cercada por águas salobras e salgadas. Ao Sul, é banhada pelo rio Marapanim; a oeste, pelo rio Cajutuba; a nordeste, pelo rio Camará; e, ao norte, pelas águas do oceano Atlântico. É importante destacar que, em pesquisas e projetos futuros que darão continuidade a esta dissertação, a meta será atualizar, por meio do Sistema de Posicionamento Global (GPS), os dados referentes à extensão territorial da localidade.

O hábito de consumir crustáceos entre os habitantes da região do Salgado, no Pará, remonta ao período arqueológico da Mina. Segundo Simões (1981), a análise dos vestígios alimentares encontrados revelou que as principais espécies consumidas por esses grupos sambaquieiros incluíam predominantemente moluscos, crustáceos e peixes — uma dieta característica de comunidades coletoras e pescadoras do litoral (Simões, 1981:1). Assim, o consumo de crustáceos e outros animais da fauna dos manguezais tem sido uma parte fundamental da alimentação das populações que habitam as zonas costeiras e de mangue desde tempos antigos.

Figura 8 - Mapa da área de estudo e acesso a partir de Belém.



Fonte: Naraiana L. Benone (2018, p. 378, apud, Furtado, D.C, 2019).

Marudá possui oito bairros, sendo o bairro do Sossego e o bairro do Alegre os mais antigos. A pesquisa enfatiza esses dois bairros, pois o campo me direcionou a eles. A rede de interlocutores com quem tenho contato e interação foi se ampliando nesses contextos. Acredito que a presença da professora Lourdes Furtado nesses bairros nas décadas de 1970 e 1980 contribuiu para abrir caminhos para que eu tivesse acesso e diálogo com os moradores locais.

Figura 9 - Imagem via satélite de Marudá, enfatizando os bairros Sossego e Alegre



Fonte: Google Earth, 2023 (adaptação inspirada em Furtado D.C, 2019:379).

Vale ressaltar que Marudá é uma antiga vila pesqueira, pois atualmente, a partir de minhas observações em campo, e também da literatura, como, Diego Furtado (2019); Marcia Santos (2020) e o Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marinha, no Município de Marapanim, Estado do Pará (2014), feito pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), muitas residências que pertenciam aos pescadores/as foram vendidas para turistas, o que levou muitos dos residentes a buscar outras ocupações habitacionais. Logo, as especulações imobiliárias passaram a se intensificar com o turismo balnear sem planejamento, na sessão seguinte, aprofundarei na categoria do turismo em Marudá.

Atualmente, a maneira mais recorrente de acessar o município de Marapanim partindo de Belém é por meio de estradas e rodovias. A forma como a maioria das pessoas com quem tenho contato e eu acessamos é através de conduções, como ônibus e carros, que partem do bairro de São Brás, no município de Belém, e seguem pela rodovia BR-316 até o município de Castanhal. Depois, continuamos pela PA-136 até o município de Terra Alta e, em seguida, pela PA-318 até chegar a Marapanim. O trajeto ocorre em média no período de 3 a 4 horas. De Marapanim para o distrito de Marudá, o trajeto é através da estrada Marapanim-Marudá, que ocorre em aproximadamente 20 a 30 minutos, no tempo do relógio.

Observei que, fora dos períodos de alta temporada, como as férias escolares em julho e dezembro, além dos feriados, as opções de transporte direto de Belém para Marudá são menos frequentes. No entanto, durante esses períodos de baixa temporada, os horários são mais espaçados. Segundo uma vendedora que me atendeu na rodoviária no mês de maio de 2024, as vans partem nos horários de 8h, 10h e 15h. Aos sábados, as vans saem de Belém às 12h, e aos domingos, esse serviço não é oferecido.

Outra forma de acessar a localidade sem utilizar um trajeto direto é embarcar em um micro-ônibus, vans ou veículos informais no bairro de São Brás com destino ao município de Castanhal. De lá, é possível tomar outro veículo em direção a Marapanim-Marudá, uma vez que o transporte de Castanhal para Marudá é mais frequente. Castanhal é o município que se encontra entre Belém e Marudá. O trajeto de Belém a Castanhal dura aproximadamente duas horas, e de Castanhal a Marudá, cerca de uma hora e meia. Observei que muitas pessoas que enfrentam dificuldades para utilizar o transporte direto, tanto para Marudá quanto para os

municípios de Curuçá e Terra Alta (cujas vias de acesso se dão pela rodovia PA-136), optam por ir até Castanhal e, de lá, tomam outro transporte, que também é mais frequente.

As conduções que fazem esse trajeto entre Marapanim e Marudá são empresas de veículos conhecidos como vans, ônibus das Escolas Estaduais (disponibilizados pela prefeitura de Marapanim, sendo gratuitos) e também carros informais, que cobram um valor geralmente acordado entre a maioria dos prestadores de serviço que atuam nessa modalidade. Eles realizam o trajeto entre Marapanim e Marudá, e vice-versa, além de oferecerem serviços para outros distritos, principalmente os mais turísticos atualmente, como Crispim e Camará, conforme relatado por alguns. A maioria dos motoristas com quem tive contato (seis pessoas) são naturais de Marapanim, do gênero masculino, conhecem e são conhecidos por muitos outros *filhos e filhas* da região. Em Marudá, muitos trabalhadores informais de transporte também atuam nesse tipo de atividade com seus próprios carros, principalmente em período de férias e *veraneio*.

Em Marudá, diversos trabalhadores informais do setor de transporte desempenham suas atividades utilizando veículos próprios, especialmente durante as férias e a alta temporada. Assim, pude observar e ouvir, por meio dos relatos dos interlocutores e interlocutoras, que os maiores investimentos na qualidade de vida das crianças e adolescentes de Marudá ocorrem quando os *veranistas* estão presentes na localidade.

2.3.1. Mudanças e continuidades: breves evidências da Saúde, Educação e Infraestrutura.

Antes de abordar a atividade turística, é relevante destacar brevemente as dinâmicas relacionadas à saúde pública, educação e infraestrutura em Marudá. Em um passado recente, Potiguar Jr. (2008) observou que os investimentos em eletricidade, água encanada, telefonia fixa e na instalação de torres de celular eram impulsionados pela demanda turística durante férias e feriados, desenvolvendo-se de forma relativamente estável. Porém, em relação a água encanada, pude observar que atualmente não é estável.

Em Marudá, há uma caixa d'água da Companhia de Saneamento do Pará (COSAMPA) que abastece a comunidade. No entanto, com o aumento do número de moradores, tem ocorrido racionamento de água, levando muitos residentes a cavarem poços artesianos em suas propriedades como uma alternativa à escassez. Durante minha visita no verão de 2023, no mês de outubro, houve falta de água quase todos os dias. De acordo com os relatos dos interlocutores, essa situação foi agravada pela seca, provocada principalmente pela redução das chuvas.

Atualmente, nas casas dos moradores locais com quem estabeleci interlocução — excluindo-se os turistas, que não foram contabilizados na abordagem metodológica desta dissertação — o telefone fixo é raramente utilizado, enquanto o uso de celulares e da internet é predominante, com um bom funcionamento. Além disso, o Wi-Fi²⁰ é amplamente utilizado nas residências.

Os serviços essenciais, como saúde, saneamento básico e segurança, dos quais a população local depende diariamente, permanecem em condições precárias (Potiguar Jr, 2008: 72). Esse cenário pouco mudou entre os anos que estive em campo —2018 até 2024 — a partir das observações que realizei. No que diz respeito à saúde pública, tive pouca interação direta com a Unidade de Saúde da Família (USF) de Marudá. Existe apenas uma unidade, cujo foco principal está na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez na adolescência, hipertensão, diabetes, entre outras demandas. A USF funciona de segunda a sexta-feira, das oito às doze horas e das quatorze às dezessete horas.

Os moradores de Marudá, com quem dialoguei, relataram dificuldades no acesso aos atendimentos, devido à demora e à falta frequente de médicos. Recentemente, uma enfermeira foi designada para a unidade, mas o quadro de profissionais ainda é insuficiente. Casos de urgência e emergência só podem ser atendidos na sede do município, em Marapanim, na Unidade de Pronto Atendimento (UPA). No entanto, quando se trata de casos graves, a UPA não possui a infraestrutura necessária para atender adequadamente, o que obriga os pacientes a se deslocarem para Castanhal ou Belém.

Além disso, muitos idosos com quem conversei precisam se deslocar até Belém para realizar tratamentos de hipertensão, diabetes e outras doenças crônicas, devido à precariedade dos serviços de saúde tanto em Marudá quanto em Marapanim.

Em relação à educação pública, Marudá conta com duas escolas: a *Escola de Ensino Fundamental Tereza Braga Teixeira*, que atende alunos do 6º ao 9º ano, além de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A segunda escola pública, *Eliofar Alves da Costa*, oferece ensino desde a alfabetização até o ensino fundamental, a primeira no Bairro do Alegre e a segunda no Bairro do Sossego.

²⁰ Wi-Fi é uma tecnologia de conexão sem fio utilizada para oferecer acesso à internet a dispositivos como computadores, smartphones e tablets.

No entanto, Marudá não possui escolas de ensino médio, o que obriga os estudantes a se deslocarem até a sede do município, em Marapanim, para continuar os estudos. Esse deslocamento é realizado por meio de ônibus escolares fornecidos pela prefeitura. Além disso, não há universidades públicas na localidade, de modo que aqueles que desejam seguir a carreira acadêmica precisam se deslocar para cidades maiores, como Castanhal ou Belém. Em relação a Universidade, percebi uma certa angústia na fala de um adolescente de 16 anos, filhos do pescador *Otávio e Adriana*:

Eu não sei o que vou fazer quando terminar a escola. Ano que vem termino o ensino médio, e não sei o que eu quero fazer, e também, não sei se vou ter como viver caso eu faça universidade em Belém ou Castanhal, como vou me manter, eu não sei. Quero muito poder ter uma condição melhor de vida, mas não sei como vai ser. Não quero ser pescador e sofrer (Filho de Otávio e Adriana, 2024).

Dessa forma, é evidente que o acesso a Universidade pelos jovens é algo que não é facilitado, existindo muitos percalços. *Adriana* me afirmou o seguinte:

Tenho uma irmã que mora em Castanhal, um jeito vamo dar, mas meu filho vai estudar e vencer na vida. Vamos fazer o possível pra que ele consiga estudar em Castanhal. Ele é muito inteligente, só falta oportunidade. Gente da um jeito. Não quero que ele passe pelo que o pai dele e eu já passamos na pescaria (Adriana, 2024).

É evidente que os investimentos em educação e saúde na localidade são limitados, resultando em sua precariedade. Observa-se que os recursos governamentais são majoritariamente direcionados para atender as demandas dos *veranistas* e turistas. Diante desse cenário, que já se arrasta há algum tempo, a senhora *Ângela* atuou de forma proativa frente às mudanças que afetaram os moradores de Marudá, buscando melhorar a qualidade de vida local. No terceiro capítulo, aprofundarei essa questão.

2.3.2. Turismo balnear na localidade nas últimas décadas.

Antigamente, mais especificamente na década de 1970, de acordo com Furtado (1987), Marudá contava com apenas dois bairros: o bairro do Sossego e o bairro do Alegre. Com o passar do tempo, devido a novas ocupações, surgiram outros bairros, conhecidos como *bairros novos*, como o bairro da Conquista, o bairro Vila Nova e o bairro Caixa d'Água, este último localizado próximo à caixa d'água que oferece água encanada para Marudá. (*Eduarda*, via plataforma digital WhatsApp, 2022). No ano de 2014, o Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marinha no Município de Marapanim, Estado do

Pará (2014), mencionado anteriormente, já apontava a presença de três bairros adicionais aos já citados, como Recreio, Bom Jesus e Sol da Manhã. *Eduarda* (2022) não foi a única a abordar o aumento de bairros em Marudá.

Outros interlocutores, durante diálogos informais nos trabalhos de campo presenciais realizados na localidade, tanto em setembro de 2022 quanto em outubro de 2023, também referiram a existência desses três novos bairros. Os bairros do Sossego e Alegre são os mais próximos da área litorânea. Segundo Diogo Furtado (2019), esses foram os principais bairros escolhidos pelos moradores sazonais, ou seja, aqueles que passaram a adquirir residências nesses locais para frequentar durante os meses de férias (julho e dezembro na região) e feriados nacionais ou regionais. Na década de 1970, Furtado (1987) afirmava que o bairro do Alegre era o mais urbanizado, abrigando a maioria das casas de veraneio. Já o bairro do Sossego, naquele período, estava passando por intenso desmatamento causado pela especulação imobiliária, impulsionada pelo crescimento do turismo na localidade.

Logo, desde o ano de 2018 até atualmente, é possível observar que tanto no Alegre quanto no Sossego, muitas residências, fora dos períodos de férias escolares (ou veraneio, como é chamado), e feriados, não é ocupada por moradores. Geralmente, essas residências são construídas em alvenaria, bem pintadas, bem decoradas e de grande dimensão territorial:

Figura 10 - Casa de *veranista* no bairro do Sossego



Fonte: fotografia de Layse Costa, (2024).

Conversei com um *veranista* que estava em frente à sua residência, e ele me contou que comprou a casa há anos para que sua família pudesse relaxar e aproveitar momentos de lazer durante as férias e feriados. D.C. Furtado (2019) discute o turismo em Marudá, evidenciado em suas pesquisas empíricas, descrevendo-o como turismo de segunda residência. Esse tipo de turismo é caracterizado pela compra ou construção de imóveis em áreas litorâneas ou rurais por pessoas que buscam se afastar do cotidiano urbano nos finais de semana e períodos de férias (D.C Furtado, 2019:377).

Logo alguns *filhos* e *filhas* de Marudá mencionaram que muitos moradores desses bairros optaram por vender suas residências e, conseqüentemente, passaram a residir e explorar novos locais no distrito, conhecidos como “bairros novos”. Furtado (1987) afirmava que nos meses de julho, quando o veraneio era mais intenso, a localidade, que geralmente possuía uma tranquilidade característica dos moradores locais, passava a apresentar movimentações diferenciadas nas praias, nas ruas, nos bares e hotéis.

Atualmente, essa dinâmica ainda se mantém. Diogo Furtado (2019), em suas pesquisas empíricas nos anos de 2017 e 2018, afirmava que com a venda de muitas propriedades nos bairros do Sossego e Alegre para *veranistas*, uma grande parte da população original desses bairros se deslocou para as chamadas “invasões”, resultando em novos aglomerados populacionais e esvaziamento dos bairros citados fora do período de veraneio. Em 2022, pude observar as afirmações do autor por meio de minhas observações, análises e relatos dos moradores e moradoras. Como mencionado no parágrafo anterior, é visível a diminuição de pessoas em ambos os bairros durante os períodos que não são de férias escolares ou feriados, e, conseqüentemente, é notável o aumento do número de pessoas durante esse período.

Já tive a oportunidade de visitar fora do período de férias escolares e durante, e são contextos que se transformam e influenciam na dinâmica das relações sociais, onde o universo haliêutico se faz presente, e a vida material e social está associada ao mundo das águas (NETO, R; FURTADO, L. 2015). Essa dinâmica pode ser observada a partir de minha interlocução com Augusto, professor na Escola Municipal Tereza Braga, em Marudá, que também atua como pescador e cantor. Durante nossa conversa, ele relatou o seguinte:

“Olha, se tu vieres no mês de julho, não vou poder te dar atenção, porque é o mês de férias e vou ta com outros trabalhos e não vou pescar. Se tu quiseres conversar com pescador, vem em qualquer época, menos no mês de férias, porque vai ta todo mundo trabalhando em outras coisas”. (Augusto. Via plataforma digital Whatsapp, 2022).

Esta afirmação foi feita através da plataforma digital WhatsApp, pois eu estava planejando minha ida para a localidade de forma presencial e verificando períodos mais viáveis para ter interlocuções com eles. Assim, durante esses anos realizando trabalho de campo em Marudá, através dos diálogos com pescadores/as e descendentes de família de pescadores, foi unânime a resposta de que durante o período de férias escolares, o foco são as atividades voltadas para o turismo. No entanto, fora desse período, dedicam-se à pesca artesanal, embora não de forma exclusiva, exceto 2 *filhas* e 2 *filhos*. Muitos atuam em outras atividades, como:

Tabela 4 - Atividades realizadas por pescadores(as) e descendentes de famílias de pescadores em Marudá, com base nos dados coletados durante os trabalhos de campo.

Categoria	Quantidade de Homens	Idade dos homens	Quantidade de Mulheres/Idade	Idade
Pescadores/as profissionais artesanais que vivem exclusivamente da atividade pesqueira artesanal e do auxílio do Governo Federal, como o Bolsa Família.	1	41 anos	1	39 anos
Pescadores profissionais artesanais aposentados.	1	61 anos	1	57 anos
Pescadores artesanais profissionais que pescam sazonalmente, nos períodos de safra e, também trabalham com o turismo.	2/ idade não mencionada	43 anos; a idade de um não foi mencionada	3	37 anos; 34 anos; a idade de uma não foi revelada
Pescadores que não são mais associados à colônia, ou descendentes de famílias de pescadores que praticam a pesca sazonalmente para subsistência, além de exercerem outras atividades, como a de pedreiros/as	5	40 anos; 50 anos; 34 anos; A idade de dois não foi revelada	0	0

Fonte: Tabela elaborada por Layse Costa, (2024).

Realizei interlocução com trinta e seis pessoas, das quais quatorze foram mencionadas na tabela. É importante destacar que os vinte indivíduos não incluídos na tabela também fazem parte do universo da pesca artesanal, ainda que em outras dimensões, como o universo simbólico — por meio de sua participação na igreja, nas mobilizações sociais, em associações e Centro Comunitário. Além disso, inclui-se as crianças e jovens, muitos dos quais não estão

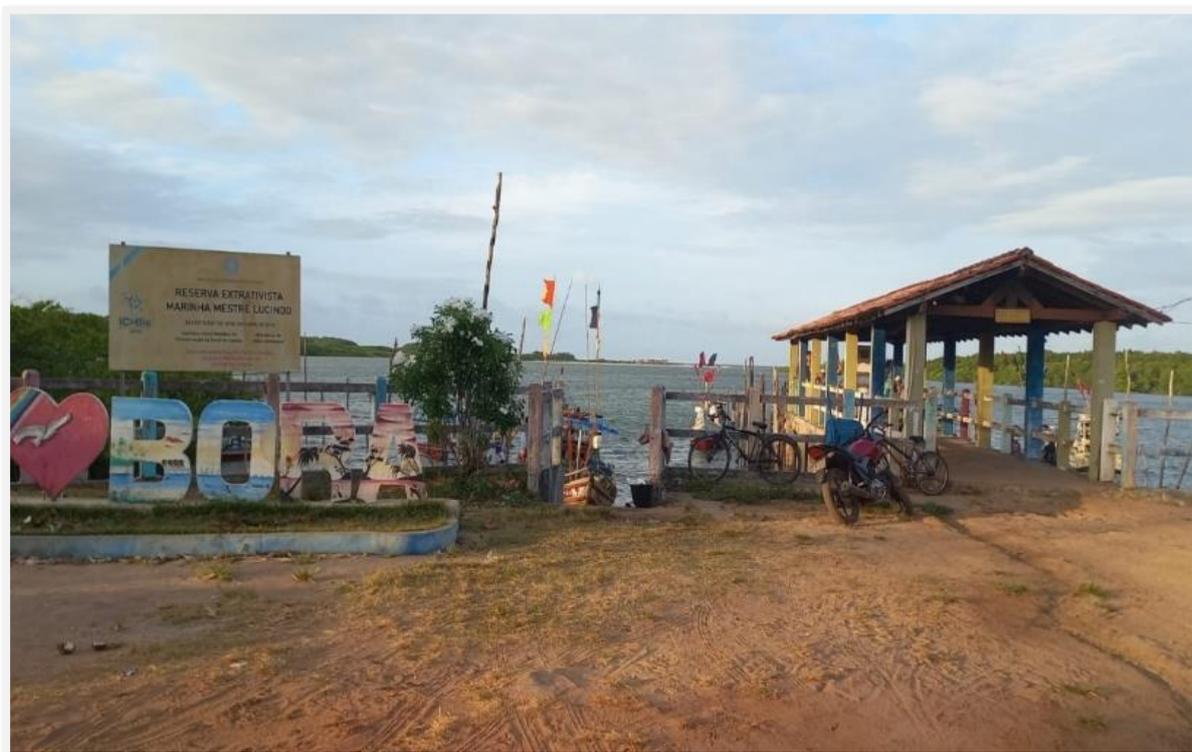
diretamente envolvidos na captura de espécies aquáticas, mas pertencem ao mesmo universo existencial.

Em outras palavras, a pesca é entendida como um modo de vida. Mais adiante, retomaremos essa questão com maior profundidade, pois o objetivo neste momento é apenas contextualizar o tema, mas, mais a frente será aprofundada este ponto, expondo mais evidências observadas em etnográfica.

Com o crescimento do turismo, a especulação imobiliária também aumentou. Em outubro de 2023, dois casais de pescadores, um do bairro do Alegre e outro do bairro do Sossego, compartilharam comigo que, devido à expansão de residências em Marudá e à busca por novas áreas turísticas, tanto por moradores locais quanto por visitantes, o desmatamento na região se intensificou. Como resultado, uma nova praia, denominada *Praia do Bora*, surgiu devido à formação de um banco de areia — no capítulo III falo sobre esse processo da formação dos bancos de areia e do assoreamento. Atualmente, essa praia está se tornando um destino de muitos, sendo acessada por meio de embarcações.

A travessia é realizada a partir do trapiche do Sossego, por meio de atravessadores, geralmente pescadores que também vivem da pesca artesanal. O trajeto tem uma duração aproximada de cinco minutos. A praia possui alguns restaurantes, mas não possui energia elétrica. Sendo assim, a travessia ocorre até o momento que a luz do sol ainda está presente, o tempo natural, onde a sua orientação é dirigida as atividades do cotidiano, e está entrelaçada pelo ritmo da natureza (Nascimento, 1995).

Figura 11 - Trapiche do Sossego, onde ocorre a travessia para a *praia do Bora*.



Fonte: Layse Costa, (2023).

Figura 12 - Praia do Bora e os clientes.



Fonte: Layse Costa, (2023).

Figura 13 – *Filho de Marudá* e funcionário de um restaurante na *praia do Bora*, transportando botijão de gás para o estabelecimento.



Fonte: Layse Costa, (2023).

Figura 14: Trapiche localizado no bairro do Sossego e; ponto de concentração de pescadores, que o utilizam como partida para suas atividades de pesca. Além disso, o local também serve como ponto de travessia para a *Praia do Bora*.



Fonte: Layse Costa, (2024).

Figura 15 - Via de embarque para a navegação responsável pela travessia até a *Praia do Bora*, situada no trapiche do bairro do Sossego.



Fonte: Layse Costa, (2024).

Dessa forma, o turismo é uma das categorias que vêm dinamizando as relações sociais em torno do universo pesqueiro ao longo dos anos. Como mencionado anteriormente, as construções de estradas e rodovias na década de 1950 fizeram com que muitos passassem a conhecer as belezas de uma das praias da Zona do Salgado Paraense. O deslocamento facilitado causou um maior fluxo das influências da modernização, de turistas e de “*peessoas de fora*”. Potiguar Jr. (2002) também afirmava sobre o aumento de migrantes, principalmente oriundos do município do Nordeste Paraense chamado Bragança. As motivações para as migrações, especialmente de pescadores e pescadoras, eram variadas, incluindo o desenvolvimento acelerado do turismo.

O contexto da pescaria artesanal em Marudá, de acordo com a literatura de autores como Furtado (1987), Potiguar Jr. (2002) e Nery (1995), bem como com as entrevistas e observações participantes realizadas no campo, indica que a pesca artesanal enfrenta dilemas decorrentes do processo de modernização. Esse processo tem levado muitos *filhos e filhas* de Marudá a não dependerem exclusivamente da pescaria, como ocorria nas décadas passadas do século XX. Atualmente, eles buscam outras atividades para complementar a renda familiar, e a prestação de serviços para turismo, assim como outras atividades que surgiram a partir dela, são algumas alternativas.

Abordando mais especificamente a atividade pesqueira, a maioria das pessoas com quem dialoguei, assim como trabalhos mais recentes de áreas como a antropologia, o turismo e o relatório do ICMBio (2014), mostra que essa atividade se tornou uma prática complementar, ou seja, uma forma de complementar a renda familiar. Além disso, a prática da pesca possui muitas simbologias que vão além dos significados puramente econômicos dentro da dinâmica do sistema capitalista, sendo parte integrante do modo de vida dos *filhos e filhas* da localidade.

Atualmente, as principais atividades econômicas de Marudá são o turismo balnear e a pesca extrativista artesanal — sendo essa cada vez menos expressiva, de acordo com os anos que pesquiso na localidade —, que se consolidaram ao longo dos anos, atravessadas por processos de mudança e continuidade. Um exemplo recente dos impactos da modernização na região foi a criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, em Marapanim, como já mencionado anteriormente. Essa unidade de conservação foi estabelecida a partir das mobilizações dos movimentos sociais de pescadores, em resposta aos desafios impostos pela modernização, como a expansão do turismo e a pesca predatória sem fiscalização adequada, que têm impactado o ecossistema e, conseqüentemente os/as que vivem da atividade pesqueira.

2.4 Mudanças e continuidades que influenciaram na Criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo.

Embora não tenha tido contato direto com as lideranças responsáveis pela criação da Resex Mestre Lucindo, recorri a uma série de trabalhos que tratam desse processo. Entre eles, destacam-se os estudos de Márcia Santos (2020), Victor Sousa, Francisco Araos e Edna Alencar (2023), Carla Moreira (2024), o *Estudo Socioambiental referente à proposta de criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, Estado do Pará* (ICMBio, 2014), além do documentário *Luiz Gutemberg: uma história de luta na RESEX Mestre Lucindo* (2022). Este último foi idealizado pelo Prof. Dr. Otávio do Canto, docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (PPGEDAM/NUMA/UFPa), em parceria com o Grupo de Pesquisa Sociedade-Ambiente das Amazônias (GPSA-Amazônias) e a Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo (AUREMLUC) (PPGEDAM, 2023).

Como mencionado anteriormente as RESEXs surgiram como resultado de um movimento protagonizado por uma categoria social específica: os seringueiros do estado do

Acre, que, em aliança com o movimento ambientalista e membros da academia – posteriormente denominado socioambientalismo – mobilizaram-se na Amazônia brasileira no final da década de 1980. Ao longo do tempo, o Movimento dos Seringueiros ganhou força e alcançou diversas conquistas, entre elas a promulgação do Decreto nº 98.897/1990, que trouxe a primeira definição legal das Reservas Extrativistas (RESEX), descritas como "áreas territoriais destinadas à exploração sustentável e à conservação dos recursos naturais renováveis, por populações extrativistas" (Santos, 2020:17).

As primeiras RESEXs, mobilizadas pelo Movimento dos Seringueiros, inspiraram outras categorias sociais marginalizadas, como pequenos agricultores, pescadores artesanais e extrativistas, entre outros, que se identificavam sob o termo "povos da floresta", incentivando-os a lutar por direitos sociais e pela defesa de seus territórios (Sousa; Araos; Alencar, 2023, p. 374). Da mesma forma, o processo de articulação política das populações e comunidades locais da região costeira e marinha do litoral do Pará buscou criar áreas protegidas no formato de RESEX, adaptadas ao contexto específico desses ambientes.

Segundo Sousa, Araos e Alencar (2023), as lideranças da Comissão Nacional para o Fortalecimento das Reservas Extrativistas e dos Povos Extrativistas Costeiros e Marinhos (CONFREM) utilizam o termo "marinho" para abranger também as RESEXs cujos decretos de criação não incluem essa denominação, como é o caso da RESEX Mãe Grande de Curuçá e da RESEX de São João da Ponta Segundo Sousa (2022). A CONFREM é uma organização estabelecida em 2008 com a finalidade de representar, em âmbito nacional, os interesses das populações tradicionais extrativistas das áreas costeiras e marinhas.

Nesse sentido, a Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo foi oficializada em 2014, após anos de mobilização, iniciada em 2006. Segundo o ICMBio (2014), a demanda pela criação de uma Unidade de Conservação foi motivada pelos benefícios obtidos com a RESEX Mãe Grande de Curuçá e pela necessidade de reconhecer os territórios de pesca. O processo incluiu diversos abaixo-assinados das comunidades pesqueiras, organizados e enviados pelo grupo de voluntários que integravam o Comitê. O Comitê, sob a liderança de *Luiz Gutemberg*, era composto por voluntários que atuavam e debatiam a criação da unidade de conservação no município desde 2005 (ICMbio, 2014:6).

Logo Santos (2020) afirma que a partir da utilização do método de entrevistas, foi possível identificar os principais conflitos socioambientais presentes na RESEX. Inicialmente,

foram conduzidas entrevistas com dezesseis integrantes do Conselho Deliberativo²¹ da RESEX Marinha Mestre Lucindo e, foi possível detectar que os principais conflitos socioambientais mencionados foram: pesca predatória (56,25%), desmatamento (43,75%), degradação dos manguezais (37,5%), descarte inadequado de resíduos sólidos (31,25%), queimadas (25%) e disputas fundiárias (18,75%) (Santos, 2020: 32-33).

As entrevistas também foram conduzidas com moradores de seis comunidades da RESEX Marinha Mestre Lucindo, incluindo Guarijubal, Vista Alegre, Arapijó, Crispim, Marudá e Sol da Manhã, logo, os principais conflitos mencionados foram: descarte inadequado de resíduos sólidos (38,88%), queimadas (27,77%), acidentes causados por lanchas de praticagem e pesca predatória (16,66%) e degradação dos manguezais (5,55%) (Santos,2020:33). Falando mais especificamente de Marudá, Santos (2020) detectou em suas entrevistas que os principais conflitos consistem na pesca predatória, resíduos sólidos, queimadas e falta de conscientização dos turistas.

De acordo com Estudo Socioambiental referente à proposta de criação da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, Estado do Pará, elaborado pelo ICMbio (2014) os dados e informações coletados através de entrevistas elaboradas em parceria com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), enfatizavam que os moradores da região pesqueira frequentemente solicitam fiscalização, considerada essencial devido à entrada de "barcos de fora" na área. Outro problema é a presença de frotas de barcos vindos do Nordeste que operam em áreas costeiras onde deveriam estar em alto-mar, competindo diretamente com a pesca artesanal (ICMbio, 2014:7). Outra questão conflitante são os impactos do turismo, como já relatado anteriormente, pois, de acordo com o ICMbio, (2014), embora o turismo seja uma das principais atividades econômicas do município, ele carece de planejamento, transmitindo poucos benefícios diretos para os moradores.

Falando mais especificamente de Marudá, que segundo ICMbio (2014) o distrito mais turístico de Marapanim é Marudá. O turismo sem planejamento teve início, e a pesca artesanal com alto poder predatório para venda nos médios e grandes centros comerciais, como Belém e Castanhal, passou a ser facilitada pelas estradas (FURTADO,1987:3). Todas essas mudanças influenciaram os modos de vida da localidade, pois suas atividades passaram a atender

²¹O Conselho Deliberativo da RESEX é composto por representantes da população local, de associações comunitárias, além de órgãos municipais e federais e as comunidades da RESEX (SANTOS,2020:9).

demandas externas, enquanto os moradores locais ficavam sem amparo dos gestores das instituições governamentais.

Isso resultou em desamparo político para as pescadoras e pescadores artesanais da região, especulação imobiliária – devido à venda de propriedades para turistas, que passaram a ser moradores sazonais, principalmente em períodos de férias e feriados– Falando mais especificamente de Marudá, que segundo ICMbio (2014) o distrito mais turístico de Marapanim é Marudá, e outros conflitos ocasionados pelos “barcos de fora”, que, segundo os interlocutores, invadiam as áreas de pesca que pertenciam aos estuários marapanienses. Esses fatores influenciaram na sobre pesca e nos perigos território aquático, pois muitos conflitos entre pescadores surgiam dessas disputas, segundo relato das pescadoras e, principalmente, dos pescadores, que eram os que mais se envolviam na captura. O relato da pescadora aposentada Silvia, de 57 anos, reflete essas observações:

Antigamente, lá pra 1980, ixe, era muita fartura de peixe, a gente pegava era muito peixe, pra própria “boia”²² e pra vender pros atravessadores. Sou de Bragança, minha família toda é de lá, e a gente passava muita necessidade, mas na época, minha tia, que já morava em Marudá, sempre falava que aqui era fartura de tudo e um sonho. Aí eu vim de lá pra cá, vi que era farto mesmo, muito peixe. Assim que cheguei aqui, conheci meu marido, que já era pescador e construímos a nossa família. A gente pescava junto, todo dia a gente ia pra maré pra pegar nossa “boia” e pra consegui vender uns peixes, camarão pra comprar farinha, café e outros mantimentos. Mas a vida da pescaria é incerta, perigosa e sofrida, na época da desova do peixe, não dava peixe, mas a gente entendia que era o tempo das águas, o tempo de Deus. Mas a gente já não queria essa dificuldade pros nossos filhos, ainda mais com o passar do tempo, que foi ficando cada vez mais difícil por causa dessas redes de arrasto que pega tudo que é peixe nosso, hoje a gente não tem fartura de peixe não. Aí gente quer que os nossos jovens estudem e vão buscar por uma vida mais digna do que a vida aqui em Marudá, que não dá muitas oportunidades, ainda mais na pesca, com tudo isso de problema e dificuldade que a gente tem. Os pescadores tão acabando, os que tem são os mais velhos. Hoje, meu marido pesca mais pra nossa boia, pra distrair, mas não vivemos mais disso, até porque, somos aposentados como pescador e pescadora. (Silvia, 2023).

Dialogando com a literatura e com minhas observações de campo ao longo dos últimos anos, pude perceber que o afastamento da pesca como atividade exclusiva, comum nos anos de 1980, se deu em grande parte devido aos impactos da modernização e da dinâmica de mercado capitalista, que visa atender às demandas de mercados externos. Um dos principais efeitos desse processo é a pesca de arrasto, realizada pelos chamados “barcos de fora”, que, segundo os interlocutores, tem contribuído para a redução do tamanho dos peixes. As redes utilizadas nesses barcos possuem malhas com espaçamentos muito estreitos entre nós, capturando peixes em fase de reprodução que são posteriormente descartados, pois não atendem aos critérios de

²² É um termo utilizado por eles e elas para designar refeição ou alimentação

comercialização. Não encontrei trabalhos que evidenciem e falem sobre esses descartes e, como podem provocar danos ambientais, mas acredito que seria fundamental pesquisas que abarcasse esta problemática

Além disso, os pescadores enfrentam diversos perigos e desafios no mar, como conflitos violentos com embarcações vindas de outros municípios do Pará, também denominadas "*barcos de fora*", que operam em áreas de pesca sem autorização, resultando em disputas territoriais aquáticas com os moradores de Marudá.

Os pescadores mais antigos, por sua vez, demonstram desinteresse em que seus *filhos* e *filhas* sigam essa profissão. Da mesma forma, muitos jovens não veem a pesca como uma atividade atrativa no contexto da economia capitalista atual, preferindo buscar outras alternativas de trabalho e, mas dando continuidade de viverem a pescaria como um modo de vida, onde o pertencimento se faz presente nas relações sociais em torno deste universo, como afirma Ramalho (2004). Muitos pais e mães, embora considerem Marudá uma terra fértil e boa para viver, destacam a carência de infraestrutura básica e a falta de serviços de educação e saúde de qualidade, o que os leva a acreditar que esses benefícios são mais acessíveis em cidades maiores.

A partir desses relatos, ficou evidente um descontentamento generalizado, não apenas em relação à atividade pesqueira em si, mas também quanto à ausência de investimentos governamentais na pesca artesanal. Muitos pescadores se sentem desamparados pela falta de orientação sobre questões burocráticas, principalmente por parte da Colônia de Pescadores Z-6, e pela ausência de fiscalização adequada que garanta a proteção necessária contra os perigos do mar, especialmente em relação aos "*barcos de fora*".

Catharine Prost (2018) ressalta que as Reservas Extrativistas Marinhas alcançaram importantes conquistas. No Pará, por exemplo, representantes das comunidades se reuniam frequentemente em encontros comunitários para discutir diversas demandas locais, incluindo a gestão dos recursos naturais em benefício do bem-estar social. No entanto, apesar dos avanços tanto para o meio ambiente quanto para as comunidades, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Os impactos ambientais persistem, e muitas populações tradicionais, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade econômica e política, não são devidamente beneficiadas ou protegidas por essas políticas públicas e instituições ambientais. Esse cenário me levou a

refletir sobre o contexto de Marudá, pois, como relataram diversos interlocutores, uma das preocupações frequentemente destacadas pela senhora *Ângela* era a falta de diálogo com o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo. Vale Ressaltar que a Unidade de Conservação ainda não possui plano de manejo, mas já está em fase de elaboração:

Figura 16 - Oficina do Plano de Manejo da Resex Mestre Lucindo é realizada em Belém/PA



Fonte: Captura de tela realizada por mim no site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Disponível em: Gov.br. Acesso em: dezembro de 2023.

Dessa forma, o universo da pesca artesanal, que permeia a maior parte dos habitantes de Marudá, têm uma conexão profunda com o mar e com o estuário, já que a pesca não só garante sua alimentação, mas também sustenta uma complexa rede de relações e práticas culturais que são fundamentais para a continuidade do seu modo de vida.

CAPÍTULO III — Universo da pesca: a produção da existência.

Neste capítulo a etnografia traz as evidências do cenário atual da pesca artesanal, ressaltando o que essa prática representa para as novas gerações e destacando as transformações e continuidades observadas. É relevante mencionar que, nesta seção, surgiram múltiplos desdobramentos, atravessamentos e variáveis, conforme já discutido. No entanto, o foco estará nas observações realizadas durante o trabalho de campo.

3.1 — Breve contextualização da atividade pesqueira no Estado do Pará dos anos 2000 até a atualidade.

De acordo com a *Nota técnica: pesca paraense*, elaborada pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA)²³ publicada no ano de 2023, onde tem como objetivo traçar um breve panorama sobre a conjuntura econômica da atividade pesqueira aquícola do Pará, aborda que de acordo com dados de 2020 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), o consumo global per capita de pescado teve um crescimento de aproximadamente 1,5% ao ano, passando de 9 kg por habitante em 1961 para 20,5 kg por habitante em 2018.

Dados da *Nota técnica: pesca paraense (2023)* também evidenciam que no contexto mencionado a cima, o Brasil acompanha o crescimento da demanda por pescado. Em duas décadas, a produção nacional de pescado expandiu-se a uma taxa média de 2,5% ao ano, passando de 0,8 milhão de toneladas em 2000 para 1,4 milhão de toneladas em 2021. Esse aumento está amplamente relacionado ao significativo avanço da aquicultura, que quase quadruplicou nesse período. Como resultado, a aquicultura passou a representar 46,1% da produção de pescado no país em 2021. Embora a pesca extrativa ainda tenha maior relevância na atividade pesqueira brasileira (53,9%), os dados indicam que o pescado cultivado deverá superar o de captura nos próximos anos.

É importante destacar que o pescado pode ser proveniente da pesca extrativista, que envolve a captura e pode ocorrer tanto no mar quanto em águas continentais, como rios, lagos e lagoas. Também pode ser oriundo da aquicultura, ou seja, do cultivo, que pode ser realizado no mar, por meio da maricultura, ou em águas continentais, conhecida como aquicultura continental (*Nota técnica: pesca paraense, 2023:5*). Dessa forma, os dados expostos na *Nota técnica: pesca paraense (2023)* são demarcados e direcionados aquicultura, visto que não existem dados estaduais (demarcando o Estado do Pará) oficiais disponíveis. Nesse sentido, os dados de produção do Estado do Pará apresentados neste estudo serão restritos à atividade da aquicultura, único componente da produção de pescado no estado reportado oficialmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de outros indicadores relacionados à atividade pesqueira e aquícola, como população empregada, investimentos, estabelecimentos e exportações.

O foco desta pesquisa é a pesca artesanal extrativista em Marudá, e desde já destaco a ausência de dados oficiais sobre o pescado, população empregada, exportações e investimentos

²³ A FAPESCA é um órgão do Governo do Estado do Pará responsável pelo fomento de pesquisas em ciência, tecnologia e inovação no Pará.

nesse setor. Isso sugere uma possibilidade de desdobramento desta investigação, como uma demanda e sugestão para futuras pesquisas e projetos, voltados à coleta e análise desses dados, que se encontram escassos. Assim, as informações sobre as espécies de pescado, investimentos e exportações apresentadas nesta dissertação, no contexto de Marudá, são provenientes de observação participante, diário de campo e da literatura, já mencionada anteriormente. Portanto, com base na afirmação anterior, ressalto que o Estado poderia intensificar suas ações, incluindo a produção de dados estatísticos e a implementação de estratégias de monitoramento técnico e climático, além da elaboração de políticas públicas voltadas para os setores econômico, social e ético

Vale ressaltar que se entende por pescado, dentro da dinâmica de mercado capitalista uma dimensão econômica composta por todos os peixes, crustáceos, (camarão), moluscos (ostras e mexilhão), anfíbios (rãs), répteis (jacaré e tartaruga), equinodermos (ouriços e pepinos do mar) e outros animais aquáticos usados na alimentação humana (Nota técnica: pesca paraense, 2023:4).

Desse modo, irei focar apenas nos peixes, visto que foi a espécie que os pescadores/pescadoras com quem tive interlocução mais tinham prática. É importante destacar que, em Marudá, a coleta de caranguejo e siri é uma prática comum entre os moradores locais, especialmente para consumo próprio, ou melhor, para a própria “*boia*”, porém, o peixe é a predominante e mais evidente.

3.2 — curral e rede de pesca a partir de minha observação participante

A captura artesanal de pescado na localidade é realizada, principalmente, por dois métodos: a rede de pesca e o curral de pesca, assim como ocorria no passado (Furtado, 1987). No entanto, atualmente, a rede de pesca predomina. De acordo com os pescadores profissionais e descendentes de famílias de pescadores com quem dialoguei, o curral de pesca, embora tradicional, é mais caro de confeccionar e demanda mais esforço de construção e de manutenção, enquanto a rede se apresenta como uma opção mais acessível e menos trabalhosa.

Prost, Lopes, Bahia e Castro (2005) ao terem como problemática compreenderem sobre a evolução negativa do esforço da pesca nas últimas décadas, a partir da diminuição da quantidade, assim como também, a diminuição do tamanho do pescado no município de Marapanim — tinham como objetivo estudarem sobre a dinâmica costeira natural e as modalidades da pesca exercida pelos pescadores — afirmaram que os currais de pesca de

Marudá passam por uma polêmica que estava relacionada à diminuição da quantidade e tamanho do pescado, que se trata de serem acusados de estarem diretamente processos de assoreamento, onde as instalações dos currais nos bancos arenosos dificultavam tanto a pesca quanto a navegação²⁴ entre Marudá e a Vila turística de Algodual, porém, estudos do Museu Paraense Emilio Goeldi, mais precisamente do Programa de Estudos Costeiros (PEC), provaram que o assoreamento tem origens naturais, sendo intensificado pela ação antrópica, mas não tem relação com os currais de pesca:

O assoreamento é igualmente oriundo das causas antrópicas, porém, não da atividade pesqueira. Segundo o relatório do Programa de Estudos Costeiro do Museu Goeldi (MPEG, 2001), ao longo de décadas a região bragantina, que abrange as nascentes de grande parte dos rios que desembocam na costa, vem sofrendo um intenso desmatamento. Em nome de uma política agropecuária que alavanca o desenvolvimento do Estado, minguados 10 a 15% da floresta nativa de terra firme sobrevivem, restando apenas as florestas de manguezais. A remoção da cobertura vegetal em grande escala contribui no carregamento dos sedimentos para as calhas fluviais que o transportam... (Prost; Lopes; Bahia; Castro, 2005:54).

A citação anterior demonstra o processo de formação dos bancos de areia, que leva ao assoreamento, causado pela ação antrópica, principalmente o desmatamento, mas sem relação com a atividade pesqueira dos currais. Essa prática tradicional já ocorre há muitas décadas na região, como apontado por Furtado (1987) e Nery (1995), sem que tenha causado esses impactos. Prost, Lopes, Bahia e Castro (2005) também afirmam que, com o alargamento do rio na foz do estuário, a velocidade da corrente fluvial diminui ou até cede à penetração da água marinha durante a maré crescente, o que provoca a decomposição dos sedimentos. Assim, os bancos de areia encontram, no curso das águas, uma grande quantidade de material em formação, resultando no assoreamento.

Esse tipo de assoreamento é característico de estuários dominados por macro marés, onde a ação combinada das ondas, das correntes de maré e do transporte fluvial intensifica a formação de áreas arenosas a partir dos sedimentos já mencionados. No entanto, com o desmatamento, esses processos se intensificam significativamente, transformando o cenário de forma mais rápida, já que os bancos de areia mudam de posição e tamanho ao longo dos meses e anos. Como resultado, alguns desses bancos podem ser colonizados por vegetação pioneira e,

²⁴ Essa polêmica está relacionada às denúncias feitas por pescadores/as que não utilizavam curral de pesca e pelos barqueiros que realizavam a travessia entre Marudá e Algodual.

posteriormente, pelo manguezal, devido aos sedimentos do fundo, às correntes de maré e à erosão (Prost; Lopes; Bahia; Castro, 2005, p. 53). Assim, a crítica de muitos é de que os curralistas seriam os responsáveis por esses assoreamentos, uma vez que instalam os currais nessas áreas. No entanto, como já mencionado, trata-se de ações antrópicas, mas não relacionadas à atividade dos curralistas.

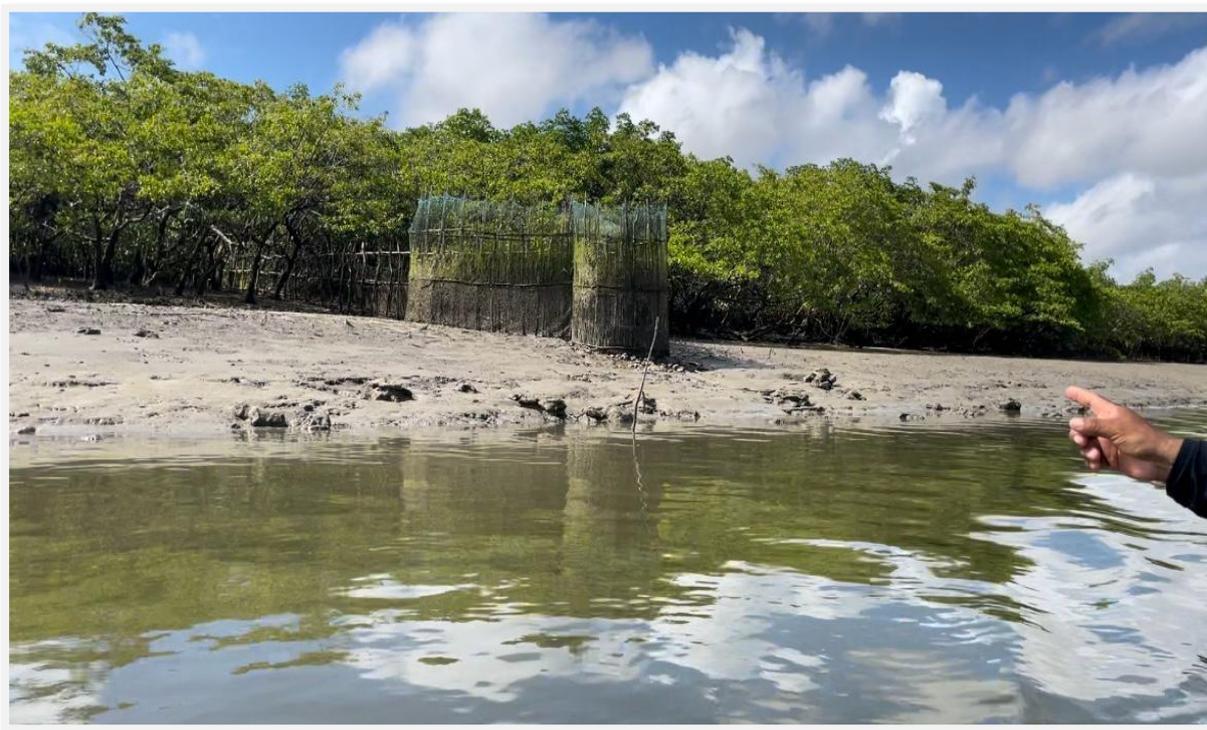
Nesse contexto, ao retornar a Marudá como mestrando, no ano de 2022, três anos após o último trabalho de campo, realizado em 2018, foi possível observar que o assoreamento havia formado um banco de areia na área onde hoje se encontra a *Praia do Bora*, mas gostaria de destacar que, ao longo desse processo de assoreamento, observei dois currais do tipo *enfia* localizados no percurso dessa transformação ocasionada pelo assoreamento:

Figura 17- Curral do tipo enfia ou cachimbo visto de frente.



Fonte: Layse Costa, (2024).

Figura 18 - Curral do tipo enfia ou cachimbo visto pela lateral



Fonte: Layse Costa, (2024).

Dessa forma, como afirmado por Prost (2005), os bancos de areia podem ser colonizados por vegetação pioneira e, posteriormente, por manguezais, processo que está ocorrendo na região de Marudá, resultando na formação da *Praia do Bora*. Um pescador e atravessador, que realiza a travessia entre o trapiche do bairro do Sossego e a *Praia do Bora*, relatou o seguinte: *areia ta fazendo o mangue andar fazendo essa região um dia se tornar uma praia de areia maior ainda (pescador e atravessador do trapiche do Sossego, 2024)*.

Logo, em diálogo com este pescador/atravessador²⁵, me relatou que o curral é bem menos utilizado que antigamente — década de 1980 e 1990 — e, no decorrer da minha pesquisa de campo, pude observar que de 2018 até o momento atual, o número de curral diminuiu na zona de curral — local onde os currais estão inseridos em sequência — assim como, observei alguns currais de pesca desativados. Segundo todos/as os pescadores/as com quem dialoguei e a partir do que pude visualizar, atualmente o distrito de Camará²⁶ se tornou o novo polo de pesca de curral. Segundo o Estudo Socioambiental Referente à proposta de criação de reserva

²⁵ Importante ressaltar que os pescadores artesanais são categorias diferentes dos atravessadores. Os atravessadores são os atores sociais que transportam e revedem o pescado para outras localidades através de embarcações.

²⁶ Além de Marudá, Camará é um dos distritos de Marapanim, assim como Crispim, onde o turismo de praia está em crescimento.

extrativista Marinha no Município de Marapanim (ICMBIO,2014) a pescaria de curral predomina entre os pescadores da localidade.

Figura 19 - Foto de um curral desativado na área de assoreamento de Marudá, no percurso da *praia do Bora*.



Fonte: Layse Costa, (2024).

3.2.1 Sobre as redes de pesca, apetrecho mais utilizado em Marudá

As redes utilizadas são específicas para cada espécie de peixe, pois segundo os/as interlocutores/as, é justamente para respeitar o período do crescimento do pescado e para em cada safra, capturarem a espécie correta.

A partir da descrição dos onze homens e duas mulheres com quem estabeleci interlocução — incluindo uma pescadora e cinco pescadores profissionais, além de um pescador que não atua mais de forma profissional, pois deixou de contribuir para a Colônia de Pescadores ao não ver mais benefícios na continuidade da atividade —, assim como seis descendentes de famílias de pescadores (uma mulher e cinco homens), que possuem conhecimentos tradicionais relacionados à pesca, pude observar e analisar esses saberes tradicionais, especialmente no que se refere ao uso das redes de pesca. Existem redes específicas para o inverno e outras para o verão. A seguir, apresento as informações e evidências fornecidas pelos interlocutores acerca dos tipos de redes de pesca e das espécies de peixes características desses dois períodos, verão e inverno:

Tabela 5: Quadro com safra de espécies de peixes do verão e do inverno.

Tempo ecológico	Período	Espécies
Inverno	Do mês de dezembro até maio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dourada (<i>Brachyplatystoma flavicans</i>), ▪ Pescada (<i>Cynoscion sp</i>); ▪ Pratiqueira (<i>Mugil curema</i>); ▪ Covina (<i>Argyrosomus regius</i>); ▪ Gurijuba (<i>Arius luniscutis</i>); ▪ Piaba (<i>Astyanax bimaculatus</i>); ▪ Piraçutaba (<i>rachyplatystoma vaillantii</i>)
Verão	Do mês de junho até novembro.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Gó (<i>Macrodon ancylodon</i>); ▪ Pratiqueira (<i>Mugil curema</i>); ▪ Bagre (<i>Siluriformes</i>); ▪ Enxova (<i>Engraulidae</i>); ▪ Tainha (<i>Mugilidae</i>).

Fonte: Tabela elaborada pela autora desta dissertação a partir das informações dos pescadores/as e descendentes de família de pescadores, coletados durante os trabalhos de campo (2023).

No inverno, com o aumento das chuvas, as águas salgadas do estuário tornam-se salobras, resultando na safra de algumas espécies de peixes de água doce. No verão, com a diminuição das chuvas, a água fica mais salgada, favorecendo a safra de outras espécies de peixes. Assim, as espécies de peixes mencionadas no quadro referem-se às safras de peixes de água doce (inverno) e de água salgada (verão). Outro ponto importante de ressaltar é que a safra da pratiqueira (*Mugilcurema*) ocorre tanto no verão quanto no inverno, de acordo com o pescador *Otávio* e seu sogro, que também é pescador, chamado *Carlos* (2024). Porém, outra fala de *Otávio* expõe que o tempo ecológico pode variar, principalmente relacionado ao momento que estamos vivenciando, que consiste nas mudanças e emergências climáticas:

Olha, a safra depende de ano pra ano, ainda mais agora, por causa dessa mudança de clima e por causa de influências externas do homem, como a pesca de arrasto; o desmatamento dos mangues. Ano passado, choveu além da conta na época que geralmente não chove pra cá, porque é o verão, e aí, a chuva foi tanta que os peixes da água salgada foram tudo embora. Pescamos quase nada. Ano passado foi um ano de muita dificuldade. Otávi, (2023).

A fala de *Otávio* me remeteu a análise de Evans Pritchard (1978) sobre o tempo ecológico (que consistia na relação entre humano e meio ambiente) e o tempo estrutural (que consistia nos reflexos das relações mútuas dentro de uma estrutura social), pois ao afirmar que “o valor atribuído às relações ecológicas é igualmente significativo para a compreensão do sistema social, que é um sistema dentro do sistema ecológico, parcialmente dependente desde e parcialmente existindo por direito próprio” (PRITCHARD, 1978: 107), me fez perceber que em Marudá, de acordo com a dinâmica do tempo e influencias do meio natural, a pescaria esta influenciada pela dinâmica do que Pritchard (1978) chama de *tempo ecológico e estrutural*,

pois a localidade possui as dinâmicas de verão, inverno e as novas configurações relacionadas às mudanças climáticas tornaram-se um tema de crescente observação pelos moradores de Marudá.

Os moradores/as têm observado, com maior frequência, a variação na quantidade de peixes: em alguns anos, há abundância, enquanto em outros há escassez. Além disso, certas espécies surgem em períodos atípicos. Por exemplo, segundo *Otávio (2023)*, a safra da dourada, que normalmente aparece no período do inverno, com a chegada das águas doces, ocorreu no verão de 2022, quando houve chuvas fora do período habitual, como mencionado anteriormente. Esse fenômeno evidencia como a relação entre os seres humanos e o ecossistema está profundamente interligada, influenciando a dinâmica entre o tempo estrutural e o tempo ecológico.

Desde o ano de 2018, uma das principais demandas dos pescadores e pescadoras tem sido a necessidade de estudos e pesquisas que aprofundem o entendimento sobre a ausência de certas espécies, como o peixe conhecido como Mero (*Epinephelus itajara*), que há anos não é mais encontrado nas pescarias. Eles desconhecem as razões para o desaparecimento dessa espécie no estuário de Marapanim, mas incentivam que pesquisadores, pesquisadoras e instituições de proteção ambiental, como o ICMBio, investiguem essa questão de forma mais aprofundada. Logo, chamo a atenção do Estado, das ciências ambientais e áreas afins, para fazerem a apuração e diagnóstico, visto que é uma demanda dos pescadores/as e do universo acadêmico.

Dessa forma, os conhecimentos entre a relação do tempo ecológico permearam e seguem permeando a dinâmica dos *filhos e filhas* de Marudá em relação ao manejo e captura dos peixes, de modo que se adaptam e dialogam da forma conectada e alinhada com o tempo ambiente, isso reflete nos tipos de redes de pesca que utilizam nas pescarias, cada espécie possui uma especificidade de tipos de redes.

Figura 20 – Rede de pesca utilizada durante o verão



Fonte: fotografia do filho de *Otávio*, (2024).

Figura 21- Rede de pesca utilizada no inverno.



Fonte: fotografia do filho de *Otávio*, (2024).

Logo, uma das questões que pude constatar é que em relação a pescaria:

- Em alguns anos, há uma abundância de peixe; em outros, não.

- Todos os pescadores me afirmaram que não possuem materiais suficientes para conservar o pescado *in natura*;
- Todos os pescadores relataram que viver exclusivamente da pesca e das dinâmicas de mercado relacionadas a ela já não lhes traz motivação econômica. Eles enfrentam muitas dificuldades no mar, convivendo com as incertezas e os riscos dessa atividade. Além disso, quando vendem o peixe, o preço oferecido é muito inferior ao valor de seu trabalho, enquanto os compradores revendem o produto por um preço significativamente mais alto;
- O ato de pescar e o conhecimento sobre as águas, bem como sua influência na vida, são componentes essenciais do lazer, do modo de vida e da identidade dos *filhos e filhas* da comunidade;
- Os mais jovens, incluindo crianças e adolescentes, estão ocupando espaços que antes eram ocupados por seus pais e tios, como uma forma de acompanhá-los e desfrutar de lazer. Entre os meninos, há dois adolescentes, ambos entre 15 e 16 anos. Um deles ajuda o pai na pescaria, participa das oficinas de ciências da escola (já está no ensino médio, estudando na sede do município de Marapanim) e participa das atividades da Igreja Católica, na qual sua mãe está envolvida. O outro menino está finalizando o ensino fundamental e faz parte do time de futebol de Marudá, tendo expressado o sonho de se tornar jogador de futebol;
- Quanto às meninas, elas acompanham suas mães na Igreja Católica e na AMAPEM. Todas relataram que desejam estudar em Belém e se formar em diversas profissões de nível superior, como medicina, arquitetura e docência.

Falando mais especificamente sobre os jovens, a mudança em relação ao passado é evidenciada pela falta de continuidade na escolha da profissão de pescador, que era comum em décadas anteriores. Além disso, as meninas, que geralmente eram mais invisibilizadas, especialmente no processo produtivo da pesca, hoje se distanciam desse papel de "ajudantes" (mais adiante, abordarei a situação das meninas e mulheres).

Nesse sentido, a atividade pesqueira artesanal integra a rotina dos habitantes de Marudá, nos setores econômicos, sociais e simbólicos de forma significativa. Assim, a pesca se configura como um universo amplo que vai além da captura de espécies aquáticas, pois engloba simbologias, conhecimentos tradicionais passados de gerações para gerações ligados a atividade pesqueira, celebrações de santos e santas da religião católica e outras expressões que

demonstram o modo de vida nesse contexto, como o carimbó, de modo que, mantêm crenças que estão profundamente conectadas ao seu ambiente local (Galvão, 1995).

O carimbó é uma manifestação cultural que, desde setembro de 2014, foi tombada como patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo Bruna Fuscaldo (2015), o carimbó manifesta o modo de vida das populações haliêuticas e rurais de algumas localidades do Estado do Pará. As composições de um dos mestres mais conhecidos de carimbó do Estado do Pará, o Mestre Lucindo, que era *filho* de Marapanim, demonstra essas expressões em suas músicas, como "*O Pescador*" e "*Lua Luar*".

O universo haliêutico ou da pesca artesanal, como já mencionado anteriormente, desde as construções de estradas e rodovias na década de 1950, tem passado por mudanças ocasionadas pelos impactos da modernização. No entanto, mesmo diante dessas transformações, há continuidades, visto que muitos que se originam e vivem nesse território se reinventam, ressignificam e resistem com suas atividades diante dos impactos da modernização, pois como afirma Montero (1992), o sistema capitalista e a modernização têm impactos significativos nas adaptações e resistência desses grupos.

Atualmente, por conta do atravessamento do processo de modernização, a pesca artesanal não é mais a principal fonte de renda dos moradores, como ocorria nas décadas de 1970, 1980 e 1990 conforme afirmado por pesquisadores como Furtado (1987), Potiguar Jr (2002) e Nery (1995). Inclusive, muitos pescadores e pescadoras se afastaram da atividade, e muitos jovens demonstram pouco interesse por ela no que se trata a prática voltada para o setor econômico, pois buscam por novas formas de ampliarem sua renda, de acordo com que pode observar, como já mencionado anteriormente.

Assim, a pesca artesanal se tornou uma atividade econômica complementar à renda familiar de muitas famílias, resultado de conflitos e insatisfações do povo da antiga vila de pescadores de Marudá, tanto em questões políticas quanto sociais e econômicas. Mais à frente, mencionarei sobre alguns conflitos, insatisfações e resistência por parte das moradoras e moradores da localidade, porém, o universo da pesca, como está além da captura de espécies aquáticas, pois é um modo de vida, se manifesta nas simbologias, como já mencionado, nos carimbós, nas festividades de santas e santos católicos e no lazer.

3.3 — Contextualizando brevemente a atividade pesqueira artesanal: o modo de vida em suas mudanças e continuidades impactadas pelo processo de modernização

Abordando brevemente sobre a atividade pesqueira, como mencionado na introdução, a história de Marudá não pode ser contada sem a história do pescador e a pescadora, pois suas histórias de vida estão atreladas a ela, visto que a atividade pesqueira artesanal tradicional integra de forma fundamental a rotina dos habitantes de Marudá, foi um setor que a senhora *Ângela* atuou de forma significativa, pois na época, a dinâmica de mercado capitalista influenciou no alto poder predatório da pesca artesanal- tanto local quanto os barcos de outros municípios, que são considerados invasores por parte das pescadoras e pescadores locais- e industrial, sendo a primeira enfatizada nesse trabalho e na atuação da antiga líder comunitária.

Isso resultou em desamparo político para as pescadoras e pescadores artesanais da região, especulação imobiliária devido à venda de propriedades para turistas, que passaram a ser moradores sazonais, principalmente em períodos de férias e feriados, e outros conflitos ocasionados pelos “*barcos de fora*”, que, segundo os interlocutores, invadiam as áreas de pesca que pertenciam ao estuário marapaniense, como já mencionado anteriormente. Esses fatores influenciaram na sobrepesca e nos perigos no meio aquático, pois muitos conflitos entre pescadores surgiam dessas disputas, segundo relato das pescadoras e, principalmente, dos pescadores, que eram os que mais se envolviam na captura.

Importante salientar que outro conflito mais interno eram as questões de gênero. Cristina Maneschy (1995) que pesquisou em municípios do Nordeste Paraense, sobretudo nos municípios de Bragança e São Caetano de Odivelas ressaltava a importância dos papéis desempenhados pelas mulheres tanto no processo produtivo da pesca quanto na manutenção doméstica das famílias de pescadores, porém, essas atividades eram invisibilizadas, e a atuação dos homens no ato da captura, era vista como a ação mais importante do processo produtivo da pesca artesanal pelos homens e até mesmo por muitos pesquisadores.

Dessa forma, Edna Alencar (1993) destaca que, na divisão sexual do trabalho, as mulheres eram vistas como subordinadas aos homens, sendo suas atividades voltadas tanto para o âmbito doméstico quanto para as tarefas relacionadas ao processo anterior e posterior à captura de espécies aquáticas, como remendar redes e limpar o pescado, entre outras funções. Ao observar o depoimento da pescadora *Silvia*, percebe-se como as mulheres continuam sendo

invisibilizadas nesse universo, porém, mais conhecimentos sobre seus direitos com o como pescadoras, como no caso de Marudá:

"Minha filha, eu sou pescadora, pescadora mesmo, cadastrada na Colônia de Pescadores e tudo, e sou aposentada como pescadora. Ajudava meu marido na pescaria, sei todas as técnicas de pesca, sei tecer uma rede de pesca, sei limpar, então eu sou pescadora. Eu e meu marido somos aposentados como pescadores" (Pescadora Silvia, 2023).

Esse relato, assim como o de outras quatro interlocutoras, também pescadoras profissionais associadas à Colônia de Pescadores Z-6, demonstra que duas delas se consideram pescadoras por auxiliarem seus maridos em todas as etapas da atividade pesqueira. Esse auxílio inclui tecer redes de pesca e participar das atividades de pesca, ainda que nem sempre acompanhem os maridos na captura dos peixes, pois essa parte do trabalho ainda é vista como uma "tarefa masculina". Além disso, limpam o pescado, o que também, segundo elas, as define como pescadoras. O reconhecimento como pescadoras profissionais garante-lhes direitos como o seguro-defeso²⁷ e a aposentadoria.

Com a modernização impactando alguns municípios do Nordeste Paraense, a atividade pesqueira tornou-se mais tecnológica, conforme as exigências do mercado capitalista. Como resultado, as tarefas realizadas antes e após a captura foram substituídas por novas ferramentas, levando as mulheres a buscar outras formas de contribuir para a renda familiar através de trabalhos relacionados ao processo de modernização. Nesse sentido, senhora *Ângela* implantou vários projetos com as mulheres, incentivando a autonomia, principalmente econômica. Observei isso no diálogo de uma das interlocutoras:

...Ela não só me ajudou como ajudou muitas mulheres daqui tu não tem ideia. Teve uma época em que ela implantou um projeto para as mulheres, onde recebeu uma verba. Com esse dinheiro, comprou um monte de máquinas de costura, e a gente ia lá aprender a costurar. A gente tinha oficinas... (Claudia, 2023).

Até o ano de 2014, a localidade não estava inserida em uma Reserva Extrativista Marinha, logo, os questionamentos da comunidade ressaltando a falta de amparo e de uma gestão governamental que contemplasse os que vivem na localidade eram frequentes e

²⁷ O seguro defeso é um benefício que o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) paga a pessoas que dependem exclusivamente da pesca artesanal, com o objetivo de disponibilizar uma renda familiar durante o período em que a atividade é proibida, visando garantir o crescimento e reprodução das espécies.

recorrentes e, mesmo após a oficialização da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, as indagações e críticas por parte os habitantes que vivem na localidade é recorrente. Pode-se observar essas insatisfações nas pesquisas de Marcia Santos (2020), que fala sobre a construção da Reserva Extrativista Mestre Lucindo e também, no relatório socioambiental sobre a criação da Resex, produzido pelo Instituto Chico Mendes da conservação da Biodiversidade (ICMBIO), no ano de 2014.

Dessa forma, os conflitos eram mediados pela senhora *Ângela* desde antes da criação da Resex:

Vale ressaltar que o papel de *Dona Ângela*²⁸ na Vila de Marudá tornou-se uma referência no local devido seu empenho na melhoria da qualidade de vida dos moradores de Marudá década de 1970, materializado pelas buscas de financiamentos e projetos sociais via LBA²⁹ e outras instituições. Isso lhe conferiu e lhe confere autoridade quando instituições, e já governamental ou não governamental procuravam ou procuram injetar investimentos na Vila onde o auxílio dessa líder local é acionado de imediato. É curioso notar que a experiência de dona Arlete com projetos sociais a tornou popular em Marudá e em várias localidades do município de Marapanim. Isso lhe rendeu convites políticos, mas, no entanto, sua negativa em disputar a cadeira de vereadora municipal sempre foi algo presente. Segundo uma conversa informal, ela não concorda com o contexto político local pois “é cheio de confusão e pouco benefício traz para a comunidade (Potiguar JR, 2008:74).

Ao analisar o contexto de Soure, município do arquipélago do Marajó, Pamela Costa (2017) destaca que as mulheres desempenham um papel fundamental na Vila do Pesqueiro, onde exercem funções essenciais para a comunidade, a qual está integrada a uma Reserva Extrativista Marinha. A autora observa que essas mulheres atuam de forma simbólica, econômica e política, realizando atividades que podem ser classificadas em dois grandes eixos: aquelas que geram renda e aquelas que não geram.

Pamela Costa (2017) afirma que as mulheres inseridas na pesquisa que realizou contrapõem-se ao passado, quando suas vozes e desejos eram frequentemente subordinados aos de seus maridos, que, durante sua pesquisa, as mulheres se percebiam como agentes que reivindicavam seus espaços, tanto no âmbito familiar quanto em eventos representativos da comunidade. Além disso, essas mulheres se posicionam ativamente como usuárias das

²⁸ Vale ressaltar que o nome original presente nesta citação foi substituído pelo nome fictício adotado nesta dissertação

²⁹ Legião Brasileira de Assistência.

Unidades de Conservação, lutando pela garantia de seus direitos (Costa, 2017:99). No contexto de Marudá, as mulheres com quem interagi não atuavam e nem atuam diretamente como usuárias nas Unidades de Conservação, mas se empenhavam e seguem empenhando na busca por qualidade de vida e cidadania. Existe atualmente a Rede de Mulheres das Marés e das águas, do litoral do Nordeste Paraense, como mencionado em seções anteriores ao Capítulo I desta dissertação e, no final do primeiro capítulo, mas entre as interlocutoras de Marudá com quem tive contato, nenhum participa da rede. Porém, nesse sentido, a senhora *Ângela* deixou um legado significativo para a comunidade, no qual as mulheres se mobilizam a partir dele.

3.3.1 — Trajetória e legado de uma mulher de resistência.

Senhora *Ângela* (1932-2023) era uma mulher cheia de histórias, lutas e vontades. Tive o primeiro contato com ela no ano de 2018 e, tivemos longas conversas por dias e dias. Morava em Marudá/PA desde a década de 1960, com aproximadamente 28 anos de idade, e a partir de sua chegada do Estado de Maranhão, pois era maranhense, passou a se questionar sobre diversas desigualdades que estava observando.

A senhora *Ângela* não me explicou em detalhes, mas a professora Lourdes Furtado me relatou que *Ângela* contava que sua motivação para vir ao Pará foi seu marido, que na época era um viajante marítimo — não nos foi relatado detalhadamente como atuava — trabalhando para uma empresa de navios que fazia viagens para vários lugares do Brasil, dentre esses lugares, o Estado do Pará. A partir desse trabalho, eles passaram a residir em Belém e em Marudá, tendo residências em ambos os locais. Alguns anos depois, embora não saibamos exatamente o período, ele se aposentou, e eles passaram a residir oficialmente em Marudá, onde construíram laços afetivos com a localidade e com as pessoas.

Alguns anos depois, passou a se organizar juntamente com as moradoras e moradores, em busca de melhores condições de trabalho para os pescadores; de moradia; financiamentos para ajudar em causas voltadas para a autonomia das mulheres da localidade. A partir de suas mobilizações, foi nomeada como liderança da Associação de Moradores, chamada também de centro comunitário de Marudá, na década de 1970. No final da década de 1990, não quis mais estar à frente, pois se sentia cansada e não tinha a mesma energia no corpo físico para se mobilizar, além de seu marido, que enfrentava vários problemas de saúde. Ainda assim, gostaria de continuar contribuindo na luta e na busca por qualidade de vida para as moradoras e moradores.

Ela se descrevia como "cara de pau", pois dizia que não tinha receios em buscar benefícios para a comunidade. Alguns pesquisadores começaram a realizar estudos na localidade na década de 1970, e, conseqüentemente, muitos financiamentos de instituições passaram a chegar em Marudá. Diante disso, ela me disse:

Quando alguns chegavam pra fazer pesquisa aqui, eu perguntava se eles iriam ajudar os moradores, os pescadores e as mulheres, eu pedia ajuda mesmo. Olha, muitos barcos foram reformados, redes de pesca de boa qualidade. Os pescadores viveram muito bem nessa época, porque eu corria atrás, e eles também. A gente tinha muita ajuda. Agora, não tem é nada (Ângela, 2018).

Enquanto andávamos pelas ruas do bairro do Sossego, em Marudá, era perceptível a forma como as pessoas a olhavam, com olhares cheios de admiração. Por onde passava, todos acenavam, e ela fazia pausas para conversar com algumas pessoas. Alguns falavam sobre diversas angústias, pediam conselhos, reclamavam dos gestores e do cotidiano. Ela me disse que sentia muita falta da energia que tinha para fazer as coisas na comunidade, mas que agora já se sentia cansada e precisava dar atenção ao marido, que estava doente. Disse também que sentia saudades de como eram as festividades religiosas, onde sempre havia carimbó, e todos dançavam (inclusive ela).

Segundo ela, era uma forma de reunir todas e todos os amigos/as, moradores e até os pesquisadores que apareciam por lá, muitos dos quais, segundo ela, se tornaram seus grandes companheiros e companheiras de luta, entre eles a professora Dar. Lourdes Furtado.

Pude perceber que, aparentemente, era uma mulher extremamente tranquila, pois falava de forma calma e conversava com todos com muita paciência, mas também inquieta, pois além de cuidar da casa e do marido que estava doente, tinha muitos desejos, principalmente em relação às mulheres de Marudá. Compartilhou comigo um de seus desejos:

Meu sonho é reunir as mulheres daqui na associação. Queria muitos que tivessem oficina como tinha antes, pra ajudar as mulheres daqui. Sinto que as mulheres precisam se organizar melhor. Meu sonho é voltar com o grupo de mulheres, como tinha antes. A gente tinha oficina de costura e de várias outras coisas (Ângela, 2018).

Assim, por meio de projetos promovidos pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, bem como por outras instituições, conquistados pela professora Lourdes e pela senhora Ângela nas décadas de 1980 e 1990, homens e mulheres receberam muitos apoios e recursos, incentivando

a autonomia dessas moradoras e moradores. Sendo assim, a senhora *Ângela* sempre buscava ajudar a comunidade da melhor forma possível.

Alguns interlocutores me relataram que a senhora *Ângela* os incentivava a buscar e reconhecer seus direitos como cidadãos- pude observar esses incentivos durante as pesquisas de campo, inclusive nos momentos em que caminhávamos juntas. Em uma das entrevistas que realizei com uma pescadora durante minha primeira pesquisa de campo, no ano de 2018, na presença da senhora *Ângela*, ela disse a seguinte frase para a pescadora, referindo-se a mim:

Olha, aproveita e pergunta as coisas pra ela, conversa com ela, vai que ela pode te ajudar com alguma coisa. Quando a gente pergunta e conhece as coisas, é mais fácil de se defender. A gente precisa ser curioso e perguntar as coisas mesmo. A gente já não tem ajuda do governo, então precisamos saber das coisas e se movimentar (senhora Ângela, 2018).

No contexto da entrevista, a interlocutora afirmava que não tinha informações nem diálogos com a gestão da Colônia de Pescadores e não sabia como buscar seus direitos, apesar de ser associada. Ela não conhecia detalhadamente seus direitos. No entanto, a senhora *Ângela* incentivava que ‘fossem atrás’, ou seja, que buscassem seus direitos como cidadã. Mesmo não sendo tão atuante como quando liderava o centro comunitário, devido aos cuidados com o marido e sua própria saúde, ela continuava a incentivar as pessoas. Outro ponto que pode analisar ao longo desses anos de pesquisa é que, nos espaços que frequentei, não visualizava lideranças femininas atuando de forma proativa, como a senhora *Ângela*.

No entanto, em maio de 2024, na pesquisa de campo mais recente que realizei na localidade, pude dialogar com as mulheres e perceber que, após a pandemia da Covid-19, houve a necessidade de se reunirem coletivamente, como, através da reativação da Associação de Mulheres Pesqueiras de Marudá (AMAPEM)³⁰. As demandas atuais da AMAPEM são o incentivo ao empoderamento feminino e ao empreendedorismo comunitário através do artesanato, como forma de atenuarem suas dificuldades socioeconômicas. Antes, a motivação, não muito diferente das motivações atuais, era se fortalecerem e buscarem formas de complementar a renda familiar, visto que a atividade pesqueira direcionada ao mercado

³⁰ Durante o mês de maio de 2024, realizei minha pesquisa de campo mais recente. Durante todos esses anos pesquisando na localidade, eu não sabia da existência da AMAPEM, pois não haviam mencionado a associação para mim. No entanto, durante essa última ida a campo, tive a oportunidade de entrar em contato com as mulheres da AMAPEM, que, como já mencionado, reativaram a associação recentemente. Não mencionaram o período que ficou inativada, mas sua fundação ocorreu no ano de 1992. Dessa forma, almejo, em projetos futuros, aprofundar mais sobre as ações da Associação

capitalista estava em declínio por conta da sobrepesca e dos conflitos mencionados na seção anterior, relacionados à pesca artesanal.

Carla Moreira (2024) afirma que a participação nesses espaços não ocorreu de maneira espontânea e simples. Em muitas localidades do litoral do Pará, a motivação para as mobilizações de mulheres surge da necessidade de sobrevivência diante de dificuldades econômicas e do sofrimento psíquico causado pela falta de incentivos políticos e de autonomia socioeconômica. Essas condições fomentam a criação de grupos de ajuda coletiva, e a AMAPEM foi reativada nesse contexto, segundo as mulheres com quem dialoguei.

A senhora *Ângela* foi amplamente mencionada pelas mulheres (conversei brevemente com 11 delas em uma roda de conversa), pois ela fazia parte da AMAPEM na década de 1990. Elas afirmaram ter sido beneficiadas pelas iniciativas dela e irão buscara seguir seus passos, alinhando-se às demandas atuais da comunidade. Embora nem todas sejam pescadoras profissionais, a maioria das participantes, partir de 40 anos, apreciam estar reunida, pois se sentem acolhidas ao compartilhar inquietações e angústias semelhantes. Essas preocupações agora envolvem não apenas a atividade pesqueira, mas também a busca por qualidade de vida na saúde pública e questões econômicas, que são as demandas mais enfatizadas por elas, como já evidenciei anteriormente.

Já as jovens mulheres, entre 13 e 20 anos, com quem conversei — um total de três — durante as pesquisas de campo que realizei nos anos de 2022 e 2023, são incentivadas pelos mais velhos — as mães dessas jovens fazem parte da AMAPEM atualmente — a buscarem educação em locais com universidades públicas, com o objetivo de atenuar as dificuldades socioeconômicas e vulnerabilidades da região, além de não precisarem lidar com os conflitos relacionados a atividade pesqueira artesanal. Como consequência, elas não mostram interesse em seguir o mesmo caminho da maneira como a senhora *Ângela* seguia. Porém, mesmo que não possuam esse interesse, o desejo de ocupar espaços como as universidades, em busca de melhor qualidade de vida, é um ato de resistência que a senhora *Ângela* também incentivava na juventude.

Maria da Glória Gohn (2007) afirma que a participação feminina em diferentes mobilizações tem constituído a maioria das ações coletivas públicas e que o conjunto dessas ações une categorias sociais que criam sujeitos e produzem movimentos sociais. Em Marudá, observei que as mulheres são as que mais se mobilizam, e a senhora *Ângela* abriu esses

caminhos, visto que era uma liderança que atuava em busca de políticas públicas e projetos de apoio à comunidade e à pesca.

No entanto, devido à escassez de apoio político e econômico e, conseqüentemente, de pesquisas na área, as atuais lideranças ainda não possuem fomentos e projetos vinculados a instituições acadêmicas e governamentais. Mesmo assim, o legado dela persiste, principalmente através de seus exemplos e incentivos, e da memória que deixou como liderança em Marudá. Sua memória e exemplos continuam a inspirar as atuais lideranças, conforme relataram.

É importante destacar que a maioria das mulheres com quem interajo, exceto duas, ocupam cargos de coordenação ou participa ativamente das atividades das igrejas católicas da comunidade. Todas as mulheres que fazem parte da AMAPEM também atuam nesses espaços. Espaços também onde atuam de forma coletiva em constante comunicação, diálogos e atividades vinculadas universo simbólico. Marudá é formada por cinco comunidades entre os bairros do Sossego e Alegre.

Nessas áreas, elas se organizam para as celebrações tradicionais de santos e santas, muitas das quais têm uma conexão simbólica com as águas e a pesca. A maioria delas vem de famílias ligadas à pesca, embora nem todas estejam tão envolvidas quanto as gerações anteriores, como mencionei anteriormente. Senhora *Ângela* era extremamente engajada nesses espaços, principalmente na paróquia de São Pedro, o padroeiro dos pescadores e pescadoras.

No seio deste importante segmento da sociedade amazônica, identificam-se tensões e conflitos que recentemente têm mobilizado esse contingente de forma mais ou menos organizada. As comunidades através de suas lideranças tomam consciência de sua capacidade de ação e de mobilizar seus pares, fazer alianças com outras associações e movimentos congêneres, bem como articular com instituições parlamentares, acadêmicas e Ongs para reverter o quadro adverso enfrentado (Furtado, 2004:72).

Assim, desempenhou um papel de destaque, liderando iniciativas e movimentos que ajudaram pescadores profissionais e não profissionais a irem em busca por mais subsídios e apoio para enfrentar os desafios trazidos pela modernização ao longo de sua vida. Suas ações visavam empoderar tanto as moradoras quanto os moradores de Marudá, incluindo pescadores e mulheres.

3.4 — Produção da existência no universo da pesca artesanal.

Quando estava em campo, no ano de 2022, pude receber peixes frescos de uma das famílias que me recepcionou. A impressão de que estavam se afastando da pesca artesanal se ressignificou para mim, visto que por muitas motivações, para muitos, não é viável viver exclusivamente da captura, e devido a essas circunstâncias, buscam outras atividades, e a pesca, que em décadas passadas eram a fonte de renda exclusiva de muitas famílias, atualmente se tornou um complemento da renda familiar, e também, uma atividade onde produzem suas existências e modo de vida haliêutico, que não se restringe apenas captura de peixes para fins de transações comercialização, mas a todos os conhecimentos e saberes ancestrais em relação a captura de espécies aquáticas, as simbologias em torno deste universo, as interações e trocas recíprocas e amistosas, baseadas no princípio da reciprocidade discutido por Mauss (1974), que afirma as trocas não poderia se basear apenas em questões econômicas, mas principalmente em questões simbólicas.

Pude observar também algo em comum entre as especificidades na organização social em relação as motivações para atuarem na pescaria, e consiste no que chamam de vocação, ou seja, o ato de capturar não é algo simples, pois necessita de conhecimento, experiência e, principalmente vocação:

A pescaria é algo que quem ta praticando, precisa gostar, e nem todo mundo nasceu com essa vocação. Uns nasceu com a vocação de ser padre, de ser professor, médico, e outros nasceram com a vocação pra pescar; pra ser mestre das águas, pra conhecer de cabo a rabo cada pedacinho dessas águas; pescar certo, com a rede certa cada espécie de peixe, porque não é qualquer rede que pega todos os peixes. Não ter esses conhecimentos faz acontecer o que acontecendo aqui, esses de fora vindo com rede de arrasto, pegando tudo porque são gananciosos, não deixando peixe pra gente e nem deixando os peixes se reproduzirem, porque é uma rede tão pequena que pega é tudo, até mato pequeno (Pescador: Otávio, 2022).

Neste relato, o termo *cabo a rabo* utilizado pelo pescador significa conhecer profundamente, nesse contexto, conhecer profundamente os locais onde pescar, os perigos que podem ocorrer, quais redes de pesca específicas para cada espécie e safra, dentro outros conhecimentos tradicionais e ancestrais, tanto em termos técnicos quanto em termos simbólicos, como afirma Maldonato (2000).

Foi verificado também as diferenças de perspectivas e pontos em comum dentro dessas subdivisões em relação à essa categoria, pois os que vivem da pescaria como principal fonte de renda, enfrentam diversos problemas e conflitos com a gestão do município e com pescadores artesanais de outras regiões, como dito anteriormente. Os que pescam por lazer e socialização, já não lidam com esses desafios de uma forma tão intensificada, pois não estão presentes

frequentemente na pescaria. As pescarias são as armadilhas, as embarcações, os conhecimentos em torno dos manejos dos pescados:

As pescarias – organização sociocultural e econômica do trabalho, manejos técnicos e tecnológicos (barcos e armadilhas, relações sociais) – anunciam modos de ser e fazer-se pescador artesanal distintos, com suas alternativas de apropriação humana (material e imaterial) da natureza aquática de acordo com os tipos de nichos ecológicos e dos pescados encontrados, onde as mediações históricas e as múltiplas dinâmicas societárias, econômicas, jogam um peso importante. Assim, a pescaria é a síntese do processo de (re) produção social do pescador, seja na forma de ser, seja na sua determinação de existência ecossocial (RAMALHO, 2016, p.393).

Atualmente, a pesca artesanal é uma das principais atividades praticadas pelos moradores da localidade, perceber-se que por mais que estejam ocorrendo constantes mudanças no que circunda as relações sociais, ocasionadas pela influência constante da modernização na localidade, é perceptível que buscam se reinventar diante das constantes transformações. Além das produções das existências durante séculos já serem diretamente vinculadas a dinâmica do meio natural, foram estão em constantes adaptações e reinvenções ocasionadas pelo sistema capitalista e modernização, como afirma Sztompka, (2005), pois mesmo que aparentemente a pesca esteja sendo deixada de lado por não ser uma atividade econômica exclusiva de muitos e muitas, ela ainda resiste, pois ultrapassa as questões econômicas dentro de um modelo capitalista, por fazer parte dos modos de vida e produção da existência que é expressa de muitas maneiras e especificidades. Sahlins (1992) afirma o seguinte:

Presume-se aí que outras sociedades não agiriam mais conforme suas próprias “leis e movimentos”, e que não haveria nelas qualquer “estrutura” ou “sistemas”, exceto os dados pela dominação capitalista ocidental... (SAHLINS, 1992, p.10)

Dessa forma, mesmo diante dos impactos, conflitos e também benefícios causados pelo processo de modernização, produzem suas existências através do universo da pesca, que ultrapassa ao discurso de preço, como diz Sahlins (1992), pois não se limita a um modo de produção no sentido de um mercado capitalista, mas que também, está vinculada a produção da existência, pois, em suas práticas sociais e simbólicas, por mais que ocorram muitos impactos que afetam os pescadores artesanais e moradores, o mundo da pesca, que não se restringe apenas a captura de espécies aquáticas, permanece, de modo que se reinventam dentro de todos os percalços.

O campo simbólico do universo da pesca é muito evidente nas festividades religiosas de santos católicos, a partir dessas ocasiões, pude observar, através da festividade de São Pedro, uma das maneiras que produzem suas existências no mundo das águas em Marudá/PA. São Pedro é o padroeiro dos pescadores. Os moradores e pescadores recorriam e recorrem a este

santo pedindo ajuda para resolver ou atenuar suas dificuldades (FURTADO, 1987), pedem também proteção antes de suas pescarias. É uma manifestação tradicional que ocorre no dia 29 de junho, mas que desde o dia 27 de junho, iniciam as festividades para o santo, com orações, mas também brincadeiras; bebidas alcoólicas; comidas típicas da época junina como mingau de milho, uma festividade onde o sagrado e profano se misturam.

Galvão (1955) ao analisar sobre os *santos* em algumas comunidades caboclas da Amazônia, afirmava que a “*devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens dêesses santos*” (p. 39, 1955), sendo assim alguns santos representam para a comunidade patronos ou advogados de profissões, ou seja, São Pedro é patrono ou advogado dos pescadores e pescadoras.

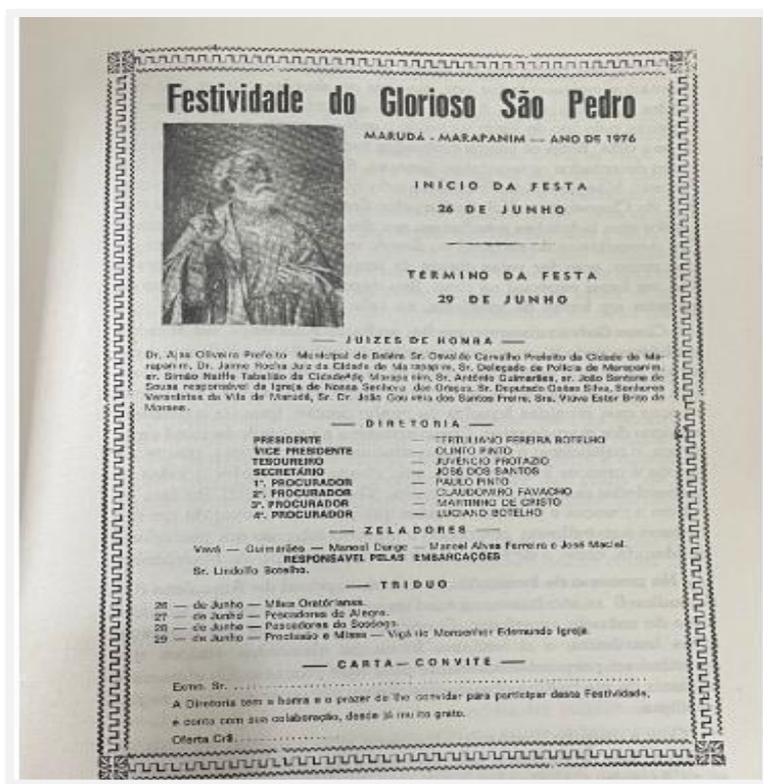
No dia 29 de junho, o dia oficial de São Pedro de acordo com o calendário católico e, de acordo com as marés, ocorre a procissão, onde as canoas saem seguindo um barco maior, onde a imagem do santo está apoiada, e seguem em um cortejo nas marés de Marudá, cheio de pessoas e música religiosas.

Figura 22 - Folder de divulgação da festividade de São Pedro 2024



Fonte: Folder elaborado pela comunidade da Igreja de São Pedro, divulgado digitalmente por meio do Facebook e WhatsApp. Enviado a mim pela interlocutora *Adriana* (2024), membro da comunidade de São Pedro.

Figura 23 - Carta convite para a festividade de São Pedro padroeiro dos pescadores do litoral oriental do Pará.



Fonte: registro apresentado no livro *Currallistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará*. (Furtado, 1987: 165)

Figura 24 - Imagem de São Pedro chegando no trapiche do bairro do Sossego.



Fonte: Registro fotográfico da interlocutora *Eduarda*, via plataforma digital Whatsapp, (2023).

Figura 25- Procissão de São Pedro em Marudá/PA, em 29 de junho de 2023.



Fonte: Registro fotográfico interlocutora *Eduarda*, enviado para mim via plataforma digital Whatsapp, (2023).

Dessa forma, o simbólico, as festas religiosas continuam, mesmo com as mudanças da globalização. Sendo assim, as mulheres se organizam para as celebrações tradicionais de santos e santas, muitas das quais, a exemplo da festividade de São Pedro, possuem uma conexão simbólica com as águas. Como já mencionado anteriormente, a maioria delas vem de famílias ligadas a pesca, embora nem todas estejam envolvidas quanto as gerações anteriores, como já mencionado anteriormente. Senhora *Ângela* era extremamente engajada nesses espaços, principalmente na paróquia de São Pedro.

O espaço das paróquias em Marudá, continua sendo ocupado pelos homens, mais principalmente pelas mulheres. Atualmente existe cinco paróquias:

Tabela 6 - Paróquias de Marudá atualmente:

Nome da paróquia	Bairro
<i>Nossa Senhora da Graças</i>	Bairro do Alegre
<i>Maria Auxiliadora</i>	Bairro do Sossego
<i>São Pedro</i>	Bairro do Sossego

São Benedito

Bairro do Bom Jesus

São Benedito

Bairro do Alegre

Fonte: quadro elaborado pela autora desta dissertação (2024).

3.5 — Recapitulação e reflexões finais

Dessa forma, diante de tudo que foi exposto, fiz um quadro como forma de suscitar, a partir das evidências:

Tabela 7 – Um quadro comparativo que ilustra as condições passadas e atuais, evidenciando o entrelaçamento entre mudanças e continuidades.

Como era	Como está
<ul style="list-style-type: none"> • Antes não havia Reservas Extrativista Marinha, mas já havia a discursão de um projeto de criação das “Reservas Pesqueiras”, que segundo Furtado (1993) visava demarcar territórios destinados à pesca de subsistência e/ou comercial, localizados em ambientes costeiros e marinhos, além de abranger águas interiores, como lagos, rios, igarapés e outros corpos d’água. Durante as discussões, foi proposta a criação da Reserva de Crispim, localizada no município de Marapanim, no litoral do Pará, como uma estratégia para enfrentar as ameaças de degradação, porém, foi um projeto que não foi adiante (Furtado, 1993). 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualmente, conforme já mencionado, após um processo de mobilização das lideranças e da comunidade de Marudá, com o objetivo de proteger o ecossistema e oferecer suporte aos extrativistas tradicionais e artesanais, foi criada a Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo. Nesse contexto, Marudá se insere de maneira significativa. Contudo, segundo os interlocutores com quem interagi, muitos relataram que não se sentem próximos dos debates elaborados pelas gestões da Resex Marinha e carecem de apoio político para exercer suas atividades de forma segura e amparada, de modo que o dialogo seja constante.

<ul style="list-style-type: none"> • Antes existia <i>Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá, Pará</i>. (ABPM). 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualmente está desativada.
<ul style="list-style-type: none"> • Associação de Mulheres da Area Pesqueira de Marudá (AMAPEM) fundada estava ativada 	<ul style="list-style-type: none"> • A AMAPEM passou por um processo de desativação durante os anos em que realizei pesquisa de campo, mas está em processo de reativação no ano de 2024.
<ul style="list-style-type: none"> • O Centro Comunitário de Marudá, criado pelas atuações de senhora <i>Ângela</i>, juntamente com os moradores e moradoras, coordenado pela mesma, tinha o objetivo de recreação, educação e auxílio aos <i>filhos e filhas</i> de Marudá. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualmente, o Centro Comunitário segue com atividades de recreação, educação e auxílio aos filhos e filhas de Marudá, principalmente crianças e adolescente. Atualmente, está sob a direção de uma <i>filha</i> de Marudá.
<ul style="list-style-type: none"> • A atividade pesqueira artesanal constituía a principal atividade econômica da localidade. No entanto, já eram evidentes os indícios de afastamento de muitos pescadores e pescadoras dessa prática no âmbito econômico. É importante destacar que os homens desempenhavam um papel mais visível na atividade, enquanto as mulheres frequentemente eram invisibilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • A atividade pesqueira ainda é praticada, sobretudo pelas mulheres adultas, que atualmente têm maior autonomia em relação aos homens, ou seja, não sendo tão invisibilizadas como ocorria em anos passados — mesmo ainda existindo esta invisibilidade —, mas não como a principal atividade econômica da localidade. Ela complementa a renda familiar e expressa modos de vida tradicionais, mantendo o vínculo entre o ser humano e o ecossistema. No entanto, nota-se o

	afastamento de muitos dessa atividade.
<ul style="list-style-type: none"> Os filhos de pescadores artesanais geralmente seguiam a profissão dos pais e, as filhas geralmente eram vistas como ajudantes no processo do trabalho da pesca, pois atuavam nas atividades antes e pós captura, além de estarem inse 	<ul style="list-style-type: none"> Atualmente, os pais não incentivam seus filhos a se tornarem pescadores devido às dificuldades, perigos nos estuários/ alto mar (antes pescavam nessa região, hoje não) e desvalorização enfrentados pela profissão.
<ul style="list-style-type: none"> A literatura sobre Marudá (Furtado, 1987; Potiguar Jr, 2008) destaca que a relação entre a Colônia de Pescadores Z-6 e os pescadores artesanais era esparsa, resultando em uma sensação de desamparo e falta de apoio por parte da colônia entre os pescadores e pescadoras. 	<ul style="list-style-type: none"> Atualmente esse cenário persiste.
<ul style="list-style-type: none"> As rodovias desempenhavam um papel central na estreita interação entre a localidade e os grandes e médios centros comerciais, acompanhadas de outros meios de comunicação, como os rádios de pilha, e, alguns anos depois, a televisão (Furtado, 1987). 	<ul style="list-style-type: none"> Atualmente, a internet tornou-se um veículo que facilita e estreita o contato e as trocas de conhecimento.
<ul style="list-style-type: none"> Os conhecimentos tradicionais relacionados à dinâmica da natureza, associados às práticas de pesca, demonstravam um 	<ul style="list-style-type: none"> Esse processo continua, e os conhecimentos tradicionais também são transmitidos por meio digital, como exemplificado no primeiro capítulo, em que se

entrelaçamento contínuo entre tradição e modernidade.	destacam as informações sobre os horários das travessias, sincronizados com as <i>marés</i>
---	---

Considerações finais

Diante de tudo o que foi exposto, surge a reflexão: até que ponto consegui compreender e expressar as mudanças e continuidades no contexto de Marudá, PA? O que representa a continuidade e a mudança? O que mudou? O que permaneceu? Embora talvez não tenha alcançado uma explicação plenamente objetiva, busquei identificar questões que aprofundassem minha pesquisa. Nesse processo, construí o problema de pesquisa com base em referências bibliográficas e no trabalho etnográfico realizado entre 2018 e 2024, em experiências de campo que duraram aproximadamente seis dias cada.

Minha intenção não foi fornecer uma resposta definitiva, mas evidenciar as mudanças e continuidades observadas, em diálogo constante com a literatura. O estudo do universo da pesca artesanal é complexo, envolvendo diversas variáveis, como questões ambientais, climáticas, de gênero, educação e saúde pública. No entanto, focando nas particularidades do campo de pesquisa em Marudá, este trabalho buscou, por meio da observação participante e da etnografia, destacar as dinâmicas sociais que emergem em torno da pesca artesanal.

Durante o trabalho de campo, surgiram múltiplos desdobramentos que apontam para projetos e investigações futuras. Nesse contexto, tradição e modernidade se entrelaçam constantemente no modo de vida haliêutico dos habitantes da região, gerando tanto mudanças quanto continuidades ou permanências, especialmente no que diz respeito ao significado da atividade pesqueira para essa comunidade. Essas dinâmicas são expressas nas manifestações e produções das suas existências.

O entrelaçamento entre tradição e modernidade segue provocando transformações e permanências, ou seja, os modos de vida tradicionais persistem e se ressignificam diante dos atravessamentos da modernidade. Essa ressignificação é visível em várias mobilizações simbólicas, como a religiosidade, exemplificada na festividade de São Pedro, e na criação da Reserva Extrativista (Resex) Mestre Lucindo. Ainda que nem todos tenham participado diretamente na criação da Resex, as mobilizações surgiram a partir das insatisfações populares

quanto à ausência do Estado na fiscalização e preservação do ecossistema, um elemento diretamente ligado à produção da existência da comunidade.

Além disso, o ato de praticar a pesca não se resume apenas a pratica para garantir a alimentação, mas reflete um modo de vida que se manifesta também artisticamente, como no carimbó. O entrelaçamento entre tradição e modernidade traz tanto desafios quanto benefícios, como o acesso à internet, que facilita aos jovens o acesso a informações sobre universidades e oportunidades que lhes permitem buscar uma melhor qualidade de vida. Um exemplo disso é uma das lideranças da AMAPEM, que veio a Belém para estudar, formou-se em um curso de graduação e, ao retornar a Marudá, passou a compartilhar os conhecimentos adquiridos, promovendo iniciativas de empreendedorismo feminino como uma forma de possibilitar a autonomia das mulheres que enfrentam vulnerabilidades socioeconômicas e injustiças sociais.

A colaboração entre pesquisa e comunidade tem sido fundamental para minha trajetória. Não me vejo apenas como uma pesquisadora, mas como uma aliada nas lutas desse povo, buscando reconhecer e valorizar suas singularidades e contribuir ativamente com suas causas. Assim, meu objetivo é continuar trilhando o caminho das pesquisas colaborativas e participativas ao lado dos/das habitantes de Marudá. Estamos apenas no início, e, metaforicamente, há muitos estuários, vazantes e enchentes a enfrentar e vivenciar, com a influência de diversas fases, assim como as *marés* sob influência das fases da lua. Um dos meus próximos objetivos é dar continuidade a essa pesquisa, em projetos futuros. Desejo também que esta pesquisa possa oferecer subsídios para criação de políticas públicas que valide e respeite as especificidades dos *filhos* e *filhas* de Marudá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Edna. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia, Belém: MPEG, 1993:63-81.

ADRIÃO, Denize; FURTADO, Lourdes; NASCIMENTO, Ivete. Uso e gestão de territórios em comunidades haliêuticas — políticas nacionais. Olhares Cruzados sobre os povos litorâneos de comunidades dos países de língua portuguesa: percepção acerca do uso e gestão de territórios em comunidades haliêuticas no Brasil, Moçambique e Portugal Belém — Lisboa — Maputo — Nampula. Belém: MPEG, 2004: 33.

ADRIÃO, Denize. Pescadores de Sonhos: um olhar sobre as mudanças nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do veraneio e do turismo balnear em Salinópolis, Pará. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, 2006:11-21

AMARAL, Márcio; MELO, Josenildo. Rede urbana e pequenas cidades no litoral do salgado paraense: uma abordagem a partir de Vigia, Marapanim e São João de Pirabas – PA. ACTA Geográfica, Boa Vista, v. 17, n. 43, jan./abr. 2023:27-43.

BRASIL. Decreto s/n., de 10 de outubro de 2014. Cria a Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2014/dsn/Dsn14010.htm Acesso em: 18/06/2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Justiça climática. Disponível em: <https://www.gov.br/mudanca-do-clima/justica>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

CADERNO DA PESCA. Informes de pesquisa. Organização e edição: Lourdes Furtado, Adriana de Aviz e Graça Santana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v.2, 2004.

CASTRO, Raylson. A ecologia política dos povos tradicionais na Corte Interamericana de Direitos Humanos: estudo de caso da sentença do Povo Saramaka vs Suriname. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), 2023.

CARDOSO, Denise. MULHERES CATADORAS: Uma abordagem Antropológica Sobre a Produção de Massas de Caranguejo — Guarijuba/ Pará. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Antropologia Social ao Curso de Mestrado em Antropologia Social / Universidade Federal do Pará. 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologias periféricas versus antropologias centrales. In: Eduardo Restrepo y Pablo Sandoval. Nuestras antropologías. Elaboraciones y problemáticas desde América Latina y el Caribe. Asociación Latinoamericana de Antropología. 2024: 45-63.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. São Paulo. USP, 1996. v.39 nº1.

CECIM, Adriana. ‘Kial é o peixe ganhado na beira do porto: A pratica de partilhar o peixe na Vila dos Pescadores, em Bragança, Pará. Áltera, João Pessoa, Número 17, 2024: 1-22.

COELHO-FERREIRA, Márlia; SILVA, Manoela. A Fitofarmacopéia da Comunidade Pesqueira de Marudá, Litoral Paraense. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Naturais, Belém, v. 1, n.2, p. 31-43, maio-ago. 2005.

CORDEIRO, Iracema; ARBAGE, Marcelo; SCHWARTZ, Gustavo. Nordeste do Pará: Configuração atual e Aspectos Identitários. Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias Organizado por Iracema Maria Castro Coimbra Cordeiro, Lívia Gabrig Turbay Rangel-Vasconcelos, Gustavo Schwartz, Francisco de Assis Oliveira – Belém: EDUFRA, 2017.

CORRÊA, Conceição; SIMÕES, Mario. Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará): a fase Areão do litoral de Marapanim. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia, Belém, n. 48, p. 1-30, jul. 1971.

COSTA, Layse. *Filhas* de Marudá: vivências das mulheres no universo da pesca artesanal em uma localidade da RESEX Marinha Mestre Lucindo, Pará. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas Vol. 10, n.1. 2023: 198-216.

COSTA, Pamela. Um pescador real: entre acordos e manejos na Resex Marinha de Soure. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

CUNHA, Lucia. ORDENS E DESORDENS SOCIOAMBIENTAIS: Saberes tradicionais em dinâmicas pesqueiras da costa paranaense. Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2007.

DIEGUES, Antônio Sócioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. Etnográfica, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375.

DORIS, Helena. O desencanto da princesa: pescadores artesanais e turismo na área de Proteção Ambiental de Algodal/ Maiandeuá. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará. 2000.

FAÇANHA, Cristiane e SILVA, Carolina. 2017. Caracterização da Colônia de Pescadores Z2 de Cáceres em Mato Grosso. Interações v. 18, n.1, 2007. Disponível em: [Caracterização da Colônia de Pescadores Z2 de Cáceres em Mato Grosso | Interações \(Campo Grande\)](#)

FIGUEREDO, Elida. UMA ESTRADA NA RESERVA: IMPACTOS SÓCIOAMBIENTAIS DA PA-136EM MÃE GRANDE, CURUÇA (PA). Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Pará, convênio com o Museu Paraense Emílio Goeldi e Embrapa. Belém, 2007.

FLOR, Alessandra; BARBOSA, Wagner. Grupo de Mulheres Erva Vida de Marudá-PA: trajetória histórica e sobrevivência de uma tradição. Gênero na Amazônia, Belém, n. 5, jan./jun., 2014.

FORLINE, Louis; FURTADO, Lourdes. Novas reflexões para o estudo das populações tradicionais na Amazônia: por uma revisão de conceitos e agendas estratégicas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia, v. 18, n. 2, p. 209-227, dez. 2002.

FURTADO, Diogo. Entre pesca e turismo balnear: Alternativos engajamentos dos moradores de Marudá (Amazônia Atlântica) ao trabalho. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.12, n.4, 2019: 375-399.

FURTADO, Lourdes. Currealistas e Redeiros de Marudá: Pescadores do litoral do Pará. CNPQ, Museu Paraense Emílio Goeldi (coleção Eduardo Galvão).1987.

FURTADO, Lourdes. Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia. Conflitos ambientais no Brasil. Organizador Henri Acselrad. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fundação Heinrich Böll, 2004: 62-79.

FURTADO, Lourdes; AVIZ, Adriana; SOUSA, Maria. Oficina Integrada para gestão participativa do uso de recursos naturais da Amazônia. Anais da Oficina Integrada para Gestão Participativa do Uso de Recursos Naturais na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005.

FURTADO, Lourdes. Pesqueiros reais e pontos de pesca. Traços da territorialidade haliêutica ou pesqueiro amazônica. Boletim do Museu Emilio Goeldi. Belém, Série Antropologia, v.18, n.1, 2002:3-26

FURTADO, Lourdes. Pesca artesanal: um delineamento de sua história no Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série Antropologia, Belém, n. 79, p. 1-50, abr. 1981.

FURTADO, Lourdes; LEITÃO, Wilma; FIUZA, Alex. Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia. PR/MCTI/CNPq. Belém-Pará. 1993.

FUSCALDO, Bruna. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. Revista CPC, São Paulo, n.18, 2014: 81-105.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. Ed Nacional. São Paulo, 1955.

GOHN, Maria da Gloria. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. Política & Sociedade, v.6, n.11, 2007: 47-70.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Editora Record- Rio de Janeiro. São Paulo, 2004.

IBGE. Cidades e Estados. Marapanim, Estado do Pará. Disponível em: Acesso em 05 maio, 2024.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação de Reserva Extrativista Marinha no Município de Marapanim, Estado do Pará. Disponível em: Acesso em: 16 novembro, 2020.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Oficina do plano de manejo da Resex Mestre Lucindo e REA. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/oficina-do-plano-de-manejo-da-resex-mestre-lucindo-e-rea>. Acesso em: 30 de setembro de 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET). Fases da lua. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/paginas/luas>. Acesso em: 29 set. 2024.

IPHAN. Pará comemora três anos de registro do carimbó com debate sobre salvaguarda. Disponível em: Acesso em: 23 maio, 2024.

LATOUR, Bruno. Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia. Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru: EDUSC, 2004.

LEANDRO, Leonardo; SILVA, Fábio. A estrada de ferro de Bragança e a colonização da zona bragantina no estado do Pará. Novos Cadernos NAEA. v. 15, n. 2, 2012:143-174. [ESTRADA DE FERRO BRAGANTINA.pdf](#)

LIMA, Debora. A Construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 – dezembro, 1999.

LIMA, Marcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.

LINS, Beatriz; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane. Estratégias para pensar o digital. Cadernos de Campo (São Paulo, online); vol. 29, n.2. p.1-10. USP, 2020.

LOUREIRO, Violeta. Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém, Pará: CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.

MALDONADO, Simone. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In. DIEGUES, A. C (org). A imagem das águas. São Paulo: Hucitec/NUPAUB USP, p. 59-68, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MANESCHY, Maria. A mulher está se afastando da pesca? continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia, Belém, v. 11, n. 2, p. 145-166, dez. 1995.

MAUÉS, Angélica. “Trabalhadeiras” e “Camarados”: Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Coleção Igarapé. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA. 1993.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi Strauss; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, 1974.

MOREIRA, Carla. REDES DE SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL: A REDE DE MULHERES DAS MARÉS E DAS ÁGUAS DO LITORAL DO PARÁ. Seminário Internacional América Latina e Caribe (5.: 2023- 2024: Belém, PA). Anais [recurso eletrônico] / 5º Seminário Internacional América Latina e Caribe; Edna Maria Ramos de Castro, Eunápio Carmo (Orgs.). — Belém: NAEA, 2024: 1236-1248.

MONTERO, Paula. Dilemas da modernidade no mundo contemporâneo. Cadernos de campo. São Paulo. 1992: 52-68.

NASCIMENTO, Ivete Herculano. Tempo da natureza e tempo do relógio - tradição e mudança em uma comunidade pesqueira! Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia, Belém, v. 11, n. 1, p. 5-18 jul. 1995

NERY, Arian. Traços da tecnologia pesqueira de uma área tradicional na Amazônia – Zona do Salgado - Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, Belém, v. 11, n. 2, p. 199-293, 1995.

NETO, R; FURTADO, L. A ribeirividade Amazônica: algumas reflexões. Caderno de campo. São Paulo, n. 24, p. 158-182, 2015.

NOTA TÉCNICA: pesca paraense 2023. Elaboração, edição e distribuição: Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas — Fapespa. Belém, Pará, 2023.

OLIVEIRA, Aryane; FREIRE, Cleuda; TOLETO, Pedro, GOMES, Maurício; BUARQUE, Ana. Artigo técnico: Análise do avanço da cunha salina em sistema aquífero costeiro. Revista Engenharia Sanitária Ambiental. Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES), v.23, n.5, 2018: 939-950.

PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos. Vol.20. Porto Alegre. 2014.

PRITCHARD. Evans. Os Nuer. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DOS RECURSOS NATURAIS E DESENVOLVIMENTO LOCAL NA AMAZÔNIA (PPGEDAM). Lançamento do documentário Luiz Gutemberg: uma história de luta na RESEX Mestre Lucindo. PPGEDAM, 2023. Disponível em: <https://ppgedam.propesp.ufpa.br/index.php/impacto/educacao-e-popularizacao-de-c> t/981-lancamento-do-documentario-luiz-gutemberg-uma-história-de-luta-na-resex mestre-lucindo. Acesso em: 23 set. 2024.

PROST, Catherine; LOPES, Lucileide G.; BAHIA, Fraderico; CASTRO, Marcony R. P. Interações Homem-Meio Ambiente na Pesca Artesanal do Salgado Paraense. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, 2005:51-65.

PROST, Catherine. Reserva Extrativista Marinha: avanço ou retrocesso? Desenvolvimento e Meio Ambiente. Vol. 48, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, novembro 2018: 321 – 342.

POTIGUAR JUNIOR, Petrônio. CAMINHOS E (DES) CAMINHOS DO ASSOCIATIVISMO ENTRE OS “POVOS DAS ÁGUAS”: A Associação Beneficente dos Pescadores de Marudá, Pará. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. 2008.

POTIGUAR JUNIOR, Petrônio. Um exercício etnográfico sobre a migração de pescadores no nordeste do Pará. Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal. Coleção Eduardo Galvão: Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 2002:91-108.

QUEIROZ, Fabricio. Pesquisadora do Museu Goeldi é homenageada por pioneirismo e legado à antropologia: premiação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) reconhece contribuições de Lourdes Furtado para a área da Antropologia da pesca. <https://www.gov.br/museugoeldi/pt-br/arquivos/noticias/pesquisadora-do-museu-goeldi-e-homenageada-por-pioneirismo-e-legado-a-antropologia>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

RAMALHO, Cristiano. Pescados, pescarias e pescadores: notas etnográficas sobre processos ecossociais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v. 11, n. 2, p. 391-414, maio/agosto. 2016.

RAMALHO, Cristiano. O mundo das águas e seus laços de pertencimento. Raízes, Campina Grande, vol. 23, nºs 01 e 02. 2004:62-72

RAPPAPORT, Joane. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. Revista Colombiana de Antropología. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia – ICANH, Vol. 43, enero-diciembre de 2007:197-229.

ROCHA, Everardo; FRID, Marina. Os antropólogos: clássicos da Ciências Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

RODRIGUES, Nathália. A ATUAÇÃO DA COMPANHIA GERAL DE COMÉRCIO DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO NA CAPITANIA DE MATO GROSSO ENTRE 1755 E 1778. Anais de evento do evento ‘Usos do Passado’— XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

SAHLINS, Marshall. Cosmologia do capitalismo: o setor transpácífico do “sistema mundial”. 1992.

SANTOS, Marcia. Conflitos socioambientais, desafios e possibilidades da gestão compartilhada: o caso da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, em Marapanim-PA. Dissertação apresentada para a obtenção do Título de Mestre em Gestão de Recursos Naturais

e Desenvolvimento Local na Amazônia, pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará. 2020.

Seguro-defeso: entenda o benefício para o pescador artesanal. Disponível: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-seguro-defeso-pescador-artesanal>. Acesso em: 05 de março de 2024.

SENA, José. A persistência dos Herdeiros de Ananse (Préface). Dossiê Raça e Amazônidades. Revista África e Africanidades, Ano XVI, n° 46, maio/2023.

SILVEIRA, Maura; SCHAAN, Denise. A vida nos manguezais: a ocupação humana da Costa Atlântica. Amazônica durante o holoceno. 2010.

SOARES, Felipe. O governo Médici e o Programa de Integração Nacional (Norte e Nordeste) — Discurso e políticas governamentais (1969-1974). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

SOUSA, Paulo; ARAOS, Francisco; EDNA, Alencar. Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas, Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinheiros e a Defesa dos Mares e Rios na Amazônia Brasileira. Atores, territórios e dinâmicas regionais de desenvolvimento: diálogos Brasil - Chile. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023:373-407.

SZTOMPKA, Piotr. A sociologia da mudança social. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2005.

THOMPSON, Edward. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: THOMPSON, Edward. Costumes em comum – estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 267-304.

WADE, Peter. Raza y etnicidad en Latinoamérica. Quito: Ediciones Abya-Yala. 2000.o 1999.